



APOLOGÉTICA

PE. Roberto Paulo Leite

Curso Médio em Teologia



CETADEB – Centro Educacional Teológico das Assembléias de Deus no Brasil

Rua Antônio José de Oliveira, 1180

Bairro São Carlos - Cx. Postal 241

86800-490 – Apucarana – PR

Fone/Fax: (43) 3426-0003

Celular: (43) 9960-8886

E-mail: contato@cetadeb.com.br

Site: www.cetadeb.com.br

Aluno(a): _____

APOLOGÉTICA

Pr Vicente Paula Leite

Copyright © 2010 by Vicente de Paula Leite

Capa e Designer: Márcio Rochinski
Diagramação: Hércules_Carvalho Denobi

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados a Denobi e Acioli Empreendimentos Educacionais.

O conteúdo dessa obra é de inteira responsabilidade do autor.

Todas as citações foram extraídas da versão Almeida Revista e Atualizada da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação entre parêntesis ao lado do texto indicando outra fonte.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Gráfica Lex Ltda

1ª Edição – Ago/2010

DIRETORIAS E CONSELHOS

Diretor

Pr Hércules Carvalho Denobi

Vice-Diretora

Eliane Pagani Acioli Denobi

Conselho Consultivo

Pr Daniel Sales Acioli – Apucarana-PR

Pr Perci Fontoura – Umuarama-PR

Pr José Polini – Ponta Grossa-PR

Pr Valter Ignácio – Guaíra-PR

Coordenação Teológica

Pr Genildo Simplício – São Paulo-SP

Dc Márcio de Souza Jardim – Guaíra-PR

Assessoria Jurídica

Dr Mauro José Araújo dos Santos – Apucarana-PR

Dr Carlos Eduardo Neres Lourenço – Curitiba-PR

Dr Altenar Aparecido Alves – Umuarama-PR

Dr Wilson Roberto Penharbel – Apucarana-PR

Autores dos Materiais Didáticos

Pr José Polini

Pr Ciro Sanches Zibordi

Pr João Antônio de Souza Filho

Pr Genildo Simplício

Pr Jamiel de Oliveira Lopes

Pr Vicente Paula Leite

Pr Marcos Antonio Fornasieri

Pr Sérgio Aparecido Guimarães

Pr José Lima de Jesus

Pr José Mathias Acácio

Pr Reinaldo Pinheiro

Pr Edson Alves Agostinho

Rubeneide O. Lima Fernandes

Zilma J. Lima Lopes

NOSSO CREDO

-  Em um só Deus, eternamente subsistente em três pessoas: O Pai, Filho e o Espírito Santo (Dt 6.4; Mt 28.19; Mc 12.29).
-  Na inspiração verbal da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé normativa para a vida e o caráter cristão (2 Tm 3.14-17).
-  Na concepção virginal de Jesus, em sua morte vicária e expiatória, em sua ressurreição corporal dentre os mortos e sua ascensão vitoriosa aos céus (Is 7.14; Rm 8.34 e At 1.9).
-  Na pecaminosidade do homem que o destituiu da glória de Deus, e que somente o arrependimento e a fé na obra expiatória e redentora de Jesus Cristo é que pode restaurá-lo a Deus (Rm 3.23 e At 3.19).
-  Na necessidade absoluta do novo nascimento pela fé em Cristo e pelo poder atuante do Espírito Santo e da Palavra de Deus, para tornar o homem digno do Reino dos Céus (Jo 3.3-8).
-  No perdão dos pecados, na salvação presente e perfeita e na eterna justificação da alma recebidos gratuitamente de Deus pela fé no sacrifício efetuado por Jesus Cristo em nosso favor (At 10.43; Rm 10.13; 3.24-26 e Hb 7.25; 5.9).
-  No batismo bíblico efetuado por imersão do corpo inteiro uma só vez em águas, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, conforme determinou o Senhor Jesus Cristo (Mt 28.19; Rm 6.1-6 e Cl 2.12).
-  Na necessidade e na possibilidade que temos de viver vida

santa mediante a obra expiatória e redentora de Jesus no Calvário, através do poder regenerador, inspirador e santificador do Espírito Santo, que nos capacita a viver como fiéis testemunhas do poder de Cristo (Hb 9.14 e 1 Pe 1.15).

 No batismo bíblico no Espírito Santo que nos é dado por Deus mediante a intercessão de Cristo, com a evidência inicial de falar em outras línguas, conforme a sua vontade (At 1.5; 2.4; 10.44-46; 19.1-7).

 Na atualidade dos dons espirituais distribuídos pelo Espírito Santo à Igreja para sua edificação, conforme a sua soberana vontade (1 Co 12.1-12).

 Na Segunda Vinda premilenial de Cristo, em duas fases distintas. Primeira - invisível ao mundo, para arrebatara sua Igreja fiel da terra, antes da Grande Tribulação; segunda - visível e corporal, com sua Igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos (1 Ts 4.16. 17; 1 Co 15.51-54; Ap 20.4; Zc 14.5; Jd 14).

 Que todos os cristãos comparecerão ante o Tribunal de Cristo, para receber recompensa dos seus feitos em favor da causa de Cristo na terra (2 Co 5.10).

 No juízo vindouro que recompensará os fiéis e condenará os infiéis (Ap 20.11-15).

 E na vida eterna de gozo e felicidade para os fiéis e de tristeza e tormento para os infiéis (Mt 25.46).

Convenção Geral das Assembléias de Deus do Brasil - CGADB

ABREVIACÕES

- a.C. – antes de Cristo.
ARA – Almeida Revista e Atualizada
ARC – Almeida Revista e Corrigida
AT – Antigo Testamento
BV – Bíblia Viva
BLH – Bíblia na Linguagem de Hoje
c. – Cerca de, aproximadamente.
cap. – capítulo; caps. – capítulos.
cf. – confere, compare.
d.C. – depois de Cristo.
e.g. – por exemplo.
Fig. – Figurado.
fig. – figurado; figuradamente.
gr. – grego
hb. – hebraico
i.e. – isto é.
IBB – Imprensa Bíblica Brasileira
Km – Símbolo de quilometro
lit. – literal, literalmente.
LXX – Septuaginta (versão grega do AT)
m – Símbolo de metro.
MSS – manuscritos
NT – Novo Testamento
NVI – Nova Versão Internacional
p – página.
ref. – referência; refs. – referências
ss. – e os seguintes (isto é, os versículos consecutivos de um capítulo até o seu final. Por exemplo: 1 Pe 2.1ss, significa 1 Pe 2.1-25).
séc. – século (s).
v – versículo;
vv – versículos.
ver - veja

SUMÁRIO

LIÇÃO I – APOLOGÉTICA CRISTÃ	11
JUDAÍSMO	20
ATIVIDADES - LIÇÃO I	32
LIÇÃO II – MAÇONARIA	35
CONFUCIONISMO	43
ATIVIDADES – LIÇÃO II	53
LIÇÃO III – ESPIRITISMO	55
ATIVIDADES – LIÇÃO III	97
LIÇÃO IV – RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS	99
ATIVIDADES – LIÇÃO IV	127
LIÇÃO V – ADVENTISMO DO SÉTIMO DIA	129
TESTEMUNHAS DE JEOVÁ	143
ATIVIDADES – LIÇÃO V	163
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	164

Anotações:

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Lição I

Apologética Cristã e o Judaísmo

Anotações:

10

APOLOGÉTICA CRISTÃ

1. CONCEITO DE APOLOGÉTICA

A apologética é a ciência ou disciplina racional que se esforça por apresentar a defesa da fé religiosa, existindo dentro e fora da Igreja cristã.

O termo é usado em contraste com polêmica, que é um debate efetuado entre cristãos a fim de determinar a verdadeira posição cristã sobre alguma questão específica. Presumivelmente, a apologética aborda questões defendidas por alguma fé religiosa específica, como o cristianismo, mas que são negadas pelos incrédulos.

No uso comum, a palavra é usualmente empregada para indicar a defesa do cristianismo.

Positivamente, a apologética tenta elaborar e defender uma visão cristã de Deus, da alma e do mundo, uma visão apoiada por raciocínios reputados capazes de convencer os não-cristãos da veracidade das doutrinas envolvidas.

Negativamente, trata-se de unir esforço para antecipar possíveis pontos de ataque defendendo as doutrinas cristãs contra tais ataques.

A palavra. O termo vem do grego, apologia, “defesa”, uma resposta ao ataque (At 26.1; 1 Pe 3.16). O famoso diálogo de Platão, a Apologia, expõe a defesa de Sócrates diante de seus acusadores.

Base bíblica. Alguns fazem oposição a qualquer defesa da fé cristã, supondo que o conhecimento da verdade por meio da revelação é perfeito, e não requer qualquer raciocínio humano em sua defesa.

Porém, a ideia que a revelação, coada por mentes humanas, é perfeita, capaz assim de produzir um perfeito corpo de verdades conhecidas, não passa de um dogma formulado pelo homem, e não uma doutrina da própria Bíblia.

De fato, essa ideia é uma apologia em favor de um dos modos de se obter conhecimento. Em qualquer instância em que algum

argumento é apresentado nas Escrituras, não diretamente alicerçado sobre algum texto de prova, dentro da Bíblia, é uma apologia dentro dos livros sacros.

Tomemos como exemplo o primeiro capítulo da epístola aos Romanos. Paulo mostra a culpa e a impossibilidade de defesa dos pagãos, diante da mente divina. Ele erige uma apologia em favor de certas ideias básicas, e muitos capítulos das epístolas de Paulo podem ser encarados por esse prisma.

Motivos bíblicos em favor da apologética:

- 1) O trecho de 1 Pe 3.15 faz esta declaração direta. *"... estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós"*. Fica entendido que tal resposta conterà raciocínios acerca da fé, e não apenas textos de prova extraídos da Bíblia.
- 2) Segundo salientamos acima, no Novo Testamento há muita apologia, e em certo sentido, o próprio volume sagrado é uma apologia em prol da nova religião, em conflito com o antigo judaísmo e com o paganismo. O cristianismo enfrentou um sistema helenizador, no qual a filosofia tinha grande peso. No décimo sétimo capítulo de Atos, Paulo não hesitou em apelar diretamente à apologética, utilizando argumentos filosóficos, procurando convencer os atenienses. O evangelho de Lucas é uma apologia escrita para um oficial romano, a fim de procurar conquistar posição oficial para a nova fé, fazendo assim estacar a perseguição. *"... para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído"* (Lc 1.4). Essa era a certeza que Lucas procurou transmitir aos seus leitores.

As próprias denominações cristãs são atividades apologéticas. Alguns têm imaginado que a apologia é uma espécie de "ausência de fé", e não de defesa de fé. Tais pessoas partem do pressuposto que a fé não precisa ser defendida. Mas com isso esquece-se que os homens interpretam a fé das mais variadas maneiras.

Qual é a fé que não precisa ser defendida? Se alguém retrucar que é a fé bíblica, devemos lembrar que as denominações que se utilizam da Bíblia como autoritária estão longe de concordar com a natureza exata da fé que emerge das páginas da Bíblia.

Muito mais se verifica quando saímos das fronteiras da igreja cristã e conversamos com incrédulos bem-informados acerca da "fé". Eles

têm informações suficientes para saber que tal fé, em qualquer forma que ela assuma, tem tal forma precisamente por causa de uma apologia por detrás da mesma que caracteriza alguma denominação particular.

Cada denominação tem sua própria apologia que dá forma às suas doutrinas e ao seu sistema, a despeito da reivindicação de que aquilo que é exposto é apenas a fé bíblica. Esses fatos não anulam nem a fé e nem a verdade, mas requerem uma cuidadosa apologia a respeito da fé, examinando-a, definindo-a e promovendo-a.

A natureza do conhecimento força-nos a apelar para a apologética. O conhecimento não tem uma única origem. Antes, pode ser adquirido por estes meios:

- 1) A observação empírica, baseada nos sentidos;
- 2) A intuição, visto que o homem é um ser que tem ciência, e que mesmo sem investigação sabe de certas coisas, tal como sucede com Deus;
- 3) A razão, com a qual o homem foi dotado, pode penetrar em enigmas e desencavar a verdade, à parte da experiência prática ou empírica formal;
- 4) A revelação, que é conhecimento outorgado como dom de Deus. A revelação é uma subcategoria do misticismo. Deus dá conhecimento por meio de homens santos, através de visões, profecias, sonhos, etc. (experiência mística), reduzido à forma escrita, tornando-se um Livro Sagrado.

Tudo isso se sucede, mas o conhecimento é mais amplo do que isso, derivando-se de mais de uma direção. Ademais, a razão e a intuição nunca cessam de examinar o conhecimento que nos chega através da revelação, porquanto há revelações incompletas, havendo até mesmo revelações que não são válidas.

Em outras palavras, na busca pela verdade, precisamos de muitas fontes, de muitos meios. O fato de que o conhecimento chega até nós através de grande diversidade de meios, demonstra a nossa necessidade de uma apologia mediante a qual possamos testar, avaliar e defender a verdade. Ver os artigos separados como o empirismo, a intuição, o racionalismo, o misticismo e conhecimento, fontes de saber.

O palácio do conhecimento tem muitas portas e janelas através das quais as informações entram e saem. Limitar esse palácio a uma única porta (a revelação, e a fé baseada na revelação) é contar com uma casa muito estranha, de fato.

2. VISÃO HISTÓRICA DA APOLOGÉTICA

Deve-se entender desde o princípio que a apologética necessariamente envolve o investigador na filosofia, formal e erudita, ou popular e individualista.

Assim é que, quando alguém começa a apresentar um argumento baseado em raciocínio, já está falando como um filósofo, quer queira quer não queira. Tertuliano conhecia a filosofia, e usava argumentos filosóficos contra os filósofos incrédulos.

Portanto, ele era um filósofo que argumentava contra a filosofia. Porém, se descrevermos pontos de vista históricos relativos à apologética, para todos os propósitos práticos isso equivalerá a descrever aquilo que vários pais da Igreja e cristãos posteriores pensavam sobre a filosofia. Quanto mais uma pessoa distanciar-se da filosofia, menos valor dará à apologética, como uma atividade legítima para os cristãos.

(a) Tertuliano. Supunha que a filosofia é produto da mente pagã, e consequentemente, inútil para defender a fé cristã. Isso equivale a ignorar: a) a base bíblica da apologética; e b) que não há razão pela qual não possa haver uma atividade filosófica cristã. Se a razão vem da parte de Deus, e se alguém a usa de maneira sistemática, já estará agindo como um filósofo, utilizando-se de um dom divinamente outorgado. Podemos evitar os abusos. Houve pais latinos, como Arnóbio, Lactâncio e outros que seguiram a ideia de Tertuliano.

(b) Os pais alexandrinos. Clemente, Orígenes etc. Proposital e habilidosamente eles usavam a filosofia platônica e estoica para dar à fé cristã uma expressão filosófica. A filosofia pode aguçar os conceitos teológicos. Qualquer pessoa que tenha estudado Filosofia pode usá-la para definir, aclarar e aprimorar seus conhecimentos teológicos. Um teólogo que tenha estudado filosofia pode tornar-se um melhor teólogo. Podemos evitar os abusos.

(c) Agostinho ensinava que a filosofia é uma criada útil que pode ser empregada em favor da fé religiosa, esclarecendo-a e defendendo-a.

(d) Tomás de Aquino foi um apologeta refinado. Sua obra *Suma* contra Gentes defendeu a fé cristã contra a maneira materialista e não-espiritual como certos filósofos árabes (como Averróis), utilizavam a filosofia de Aristóteles. A apologética de Tomás de Aquino foi tão bem-sucedida que se transformou em uma força dominante durante séculos, na Igreja ocidental.

- (e) *Os ataques desfechados por deístas e racionalistas* contra a fé cristã produziram apologetas modernos como o bispo Joseph Butler, da Igreja anglicana. Sua famosa obra, *Analogia da Religião*, é uma obra apologética.
- (f) *Karl Barth e sua escola* (início e meados do século XX) tomaram uma posição negativa em relação à apologética, argumentando que tal atividade reflete uma espécie de “falta de fé”, porquanto a fé não requereria defesa, por não estar alicerçada sobre a razão humana e a filosofia. Porém, ao expressar-se assim, Barth fazia a apologia de seu ponto de vista particular do conhecimento e da fé. Muitas pessoas, igualmente, não tinham certeza se a fé de Barth era adequada, ou representasse qualquer acúmulo considerável de verdade, pelo que se tornou necessária toda a forma de atividade apologética para esclarecer as coisas.
- (g) *Rudolf Bultmann* resolveu redefinir a kerigma (pregação) do Novo Testamento, erigindo uma apologética elaborada a fim de levar avante o seu propósito. Alguns pensam que ele chegou a ponto de querer satisfazer todas as categorias do pensamento moderno, assim debilitando a mensagem que vem mediante a revelação, ao admitir dúvidas demais e ao promover revisões evidentemente desnecessárias.

Quando a Igreja enfrenta os ataques dos ateus, dos agnósticos, dos empiristas radicais, dos positivistas, dos relativistas, então se torna mister que a apologética continue sendo considerada um ramo da teologia cristã. Nunca é bastante dizer “fé somente”, porque a própria fé é definida por uma atividade apologética, consciente ou inconscientemente.

3. APOLOGETAS (APOLOGISTAS)

O termo é usado para falar sobre aqueles pais da igreja cujas obras tiveram o intuito de defender a fé e a Igreja cristã contra os ataques.

Esses ataques eram lançados pelo judaísmo, pelo paganismo, pelo estado, e também pela filosofia grega de várias escolas.

Como é óbvio, muitos cristãos subsequentes e contemporâneos podem ser chamados apologetas.

Mas, quando usamos as palavras “os apologetas”, estas indicam os primeiros pais da Igreja que se atarefaram nessa atividade.

-
- (a) **Temos a pregação de Pedro**, proveniente do século II d.C., de autor desconhecido, que defendeu o cristianismo diante do judaísmo e do paganismo. Teve larga distribuição e tornou-se parte do livro de Aristides (que descrevemos abaixo). Nesse livro, os crentes são denominados “terceira raça”. Mas foram preservados apenas alguns fragmentos.
- (b) Mais ou menos da mesma época, temos o livro chamado **Quadratus**, escrito em defesa do cristianismo contra os abusos do estado romano. Foi apresentado ao imperador Adriano, na esperança de obter melhor tratamento para os cristãos, por parte das autoridades romanas. O livro foi escrito em Atenas, cerca de 125 d.C. Apenas uma sentença do mesmo foi preservada para nós.
- (c) **Aristides** defendeu o cristianismo contra o paganismo. Ele era ateniense e escreveu em cerca de 147 d.C. Sua apologia foi endereçada ao imperador Antônio. A “raça” cristã é ali chamada de raça superior e digna de tratamento humanitário. A obra desapareceu, excetuando uma tradução siríaca e uma reprodução livre, no grego, no romance medieval de Barlaã e Joasafé. A obra ataca as formas de adoração entre os caldeus, os gregos, os egípcios e os judeus, exaltando o cristianismo acima dessas formas, tanto quanto à própria adoração quanto à moral.
- (d) **Justino Mártir**. Sua apologia (escrita cerca de 150 d.C.) foi endereçada a Adriano e a Marco Aurélio. Tomava a posição de que a filosofia grega, apesar de útil, era incompleta, e que esse produto não terminado é aperfeiçoado e suplantado em Cristo e Sua revelação. Para Justino, o cristianismo era a verdadeira filosofia. A filosofia grega era encarada sob a mesma luz que a lei judaica - precursora de algo superior.
- (e) **Aristo**, meados do século II d.C., de Pela, na Peréia, escreveu um livro que não chegou até nós, mas que, de acordo com Orígenes, mostrava que as profecias judaicas cumpriram-se em Jesus. Justino fez uso dessa apologia em sua obra.
- (f) **Atenágoras**, fins do século II d.C., escreveu contra o paganismo, o estado romano e a filosofia grega. Endereçou seu livro a Marco Aurélio, esperando poder melhorar o tratamento conferido aos cristãos. Essa obra incluía argumentos em prol da ressurreição dos mortos.
- (g) **Taciano**, discípulo de Justino Mártir, exibiu considerável antagonismo contra a filosofia grega, em seus argumentos em prol da superioridade do cristianismo.
-

- (h) **Teófilo de Antioquia**, que escreveu um pouco mais tarde, seguiu o caminho trilhado por Taciano.
- (i) **Minúcio Félix** (fins do século II ou começo do século III d.C.), em contraste com Taciano, procurou demonstrar que os cristãos são os melhores filósofos; quando os filósofos são bons, parecem-se mais com os cristãos.
- (j) **Tertuliano** (falecido no século III d.C.) atacou a filosofia com argumentos filosóficos, e os filósofos nunca o perdoaram por esse motivo. Ele atacou a substância e o espírito da filosofia grega, bem como o gnosticismo e o paganismo em geral. Considerava a filosofia produto da mente pagã, julgando-a inútil como apoio à fé. Exaltava a fé na revelação, mas falhou quando não percebeu que a fé e a filosofia devem ser sujeitas à pesquisa da razão, a fim de que o falso seja separado do verdadeiro, e que o verdadeiro seja mais bem compreendido.
- (k) **Irineu**, bem como seu discípulo, Hipólito, defendeu o cristianismo contra os gnósticos, muito poderosos na sua época. Sua obra principal nessa linha foi *Contra as Heresias* (cerca de 180 d.C.). O original grego se perdeu, excetuando fragmentos, preservados nos escritos de Hipólito, Eusébio e Epifânio. Todavia, a obra foi preservada inteira em uma tradução latina. Trata-se da mais completa declaração acerca das fantasias gnósticas. Sua exposição pode ser chamada de primeira exposição sistemática das crenças cristãs. Irineu foi um dos mais influentes cristãos da Igreja antenicensa.
- (l) **Arnóbio** (300 d.C.) tinha a filosofia e a razão humana em baixo conceito. Atacou a ideia platônica da preexistência da alma e defendeu o criacionismo. Sua obra principal é *Adversus Gentes*.
- (m) **Lactâncio** e Eusébio de Cesárea (III e IV séculos da era cristã) deram continuação à tradição apologética, exaltando o cristianismo em face do paganismo e do judaísmo. Eusébio foi um origenista da segunda geração, decidido aderente da teologia filosófica do Logos, embora tivesse várias ideias não-ortodoxas acerca da divindade de Cristo. Sua principal contribuição é a sua *História Eclesiástica*. Suas obras apologéticas, embora de menor valor, encontraram lugar na história literária cristã.
-

O JUDAÍSMO

Para todo Judeu, o Judaísmo é uma religião de salvação que também possui seu Livro Sagrado apresentado pelo próprio Deus a homens escolhidos por Ele. Os judeus também são descritos como o “povo do Livro”.

Seu livro sagrado é a TORÁ: A Torá são na verdade “os cinco primeiros livros da Bíblia Cristã”, além de história possui 613 mandamentos fundamentais na vida judaica. Os judeus crêem que Deus enviou Moisés como o profeta que livrou os israelitas da escravidão.

Judaísmo (do hebraico תודיה, vindo do termo יהודה Yehudá) é o nome dado à religião do povo judeu, e é a mais antiga das três principais religiões monoteístas (as outras duas são o cristianismo e o islamismo).

Surgido da religião mosaica, o judaísmo, apesar de suas ramificações, defende um conjunto de doutrinas que o distingue de outras religiões: a crença monoteísta em YHWH (às vezes chamado Adonai - Meu Senhor, ou ainda HaShem, i.e. o Nome) como Criador e Deus e a eleição de Israel como povo escolhido para receber a revelação da Torá que seriam os mandamentos deste Deus.

Dentro da visão judaica do mundo, Deus é um Criador ativo no universo e que influencia a sociedade humana, na qual o judeu é aquele que pertence a uma linhagem com um pacto eterno com este Deus.

Há diversas tradições e doutrinas dentro do judaísmo, criadas e desenvolvidas conforme o tempo e os eventos históricos sobre a comunidade judaica, os quais são seguidos em maior ou em menor grau pelas diversas ramificações judaicas conforme sua interpretação do judaísmo. Entre as mais conhecidas encontra-se o uso de objetos religiosos como a kipá, costumes alimentares e culturais como cashrut, brit milá e peiot ou o uso do hebraico como língua litúrgica.

Ao contrário do que possa parecer, um judeu não precisa seguir necessariamente o judaísmo ainda que o judaísmo só possa ser necessariamente praticado por judeus. Hoje o judaísmo é praticado por cerca de quinze milhões de pessoas em todo o mundo (2006). Da mesma forma, o judaísmo não é uma religião de conversão, efetivamente respeita a pluralidade religiosa desde que tal não venha a ferir os mandamentos do

judaísmo. Alguns ramos do judaísmo defendem que no período messiânico todos os povos reconhecerão YHWH como único Deus e submeter-se-ão a Torá.

A Bíblia hebraica e muitas das crenças descritas na Mishná e no Talmud são tidas como produto de Revelação divina. As palavras dos profetas são verdadeiras. Moisés foi o maior de todos os profetas e também o mais humilde. Como um grande professor para o povo judeu.

A Torá (os cinco livros de Moisés) é o texto principal do judaísmo. O judaísmo rabínico defende que a Torá é idêntica à que foi entregue por Deus a Moisés no Monte Sinai. Os judeus ortodoxos acreditam que a Torá que existe hoje é exatamente aquela que foi entregue por Deus a Moisés, com um número reduzido de dúvidas de cópia.

Deus escolheu o povo judeu para participar numa aliança única com Deus; a descrição desta aliança é a própria Torá. Os judeus acreditam que foram escolhidos para desempenhar uma missão específica: para servir de luz para as nações e para ter uma aliança com Deus tal como descrito na Torá.

1. PRINCIPAIS ENSINOS DO JUDAÍSMO

1.1. A ALMA É PURA NO MOMENTO DO NASCIMENTO

De acordo com o Judaísmo as pessoas nascem com um *yêsser hattôb*, uma tendência para o bem, e com um *yêsser harâ'*, uma tendência para o mal.

O Judaísmo considera a violação de um mandamento divino como um pecado. Ensina que o pecado é um ato e não um estado do ser.

A Humanidade encontra-se num estado de inclinação para fazer o mal (Gn 8.21) e de escolher o Bem em vez do Mal (Sl 37.27).

O Judaísmo usa o termo "pecado" para incluir violações da Lei Judaica que não são necessariamente uma falta moral. De acordo com a Enciclopédia Judaica, "O Homem é responsável pelo pecado porque é dotado de uma vontade livre ("behirah"); contudo, ele tem uma natureza fraca e uma tendência para o Mal: "Pois o coração do Homem é mau desde a sua juventude" (Gn 8.21; Yoma, 20a; Sanh 105a). Por isso, Deus na sua

misericórdia permitiu ao Homem arrepender-se e ser perdoado. O Judaísmo defende que todo o Homem nasce sem pecado, pois a culpa de Adão não recai sobre os outros homens.

O QUE DIZ A BÍBLIA SOBRE PECADO

O pecado é o resultado de uma escolha livre, porém má, do homem. Este é o ensino claro da Palavra de Deus, (Gn 3.1-6; Is 48.8; Rm 1.18-32; 1 Jo 3.4). O homem está do lado certo ou do lado errado (Mt 10.32,33; 12.30; Lc 11.23; Tg 2.10). A Escritura vê o pecado em relação a Deus e sua lei, quer como lei escrita nas tábuas do coração, quer como dada por meio de Moisés, (Rm 1.32; 2.12-14; 4.15; Tg 2.9; 1 Jo 3.4).

Embora muitos neguem que o pecado inclui culpa, essa negação não se harmoniza com o fato de que o pecado é ameaçado com castigo e de fato o recebe, e evidentemente contradiz claras afirmações da Escritura, (Mt 6.12; Rm 3.19; 5.18; Ef 2.3). Por corrupção entendemos a corrosiva contaminação inerente, a que todo pecador está sujeito. É uma realidade na vida de todos os indivíduos.

É inconcebível sem a culpa, embora a culpa, como incluída numa relação penal seja concebível sem a corrupção imediata. Mas é sempre seguida pela corrupção. Todo aquele que é culpado em Adão, também nasce com uma natureza corrupta, em consequência. Ensina-se claramente a doutrina da corrupção do pecado em passagens como, (Jó 14.4; Jr 17.9; Mt 7.15-20; Rm 8.5-8; Ef 4.17-19).

O pecado não reside nalguma encosta da alma, mas no coração que na psicologia da Escritura é o órgão central da alma, onde estão as saídas da vida. (Pv 4.23; Jr 17.9; Mt 15.19,20; Lc 6.5; Hb 3.12).

A questão sobre se os pensamentos e os sentimentos do homem natural, chamado carne na Escritura, devam ser considerado como constituindo pecado, poder-se-ia responder indicando passagens como as seguintes: Mt 5.22,28; Rm 7.7; Gl 5.17,24 e outras.

Em conclusão pode-se dizer que se pode definir o pecado como falta de conformidade com a lei moral de Deus, em ato, disposição ou estado. Há inequívocas declarações como a Escritura que indicam a pecaminosidade universal do homem como nas seguintes passagens: 1 Rs 8.46; Sl 143.2; Pv 20.9; Ec 7.20; Rm 3.1-12,19,20,23; Gl 3.22; Tg 3.2; 1 Jo 1.8,10.

Várias passagens da Escritura ensinam que o pecado é herança do homem desde a hora do seu nascimento e, portanto, está presente na natureza humana tão cedo que não há possibilidade de ser considerado como resultado de imitação (Sl 51.5; Jó 14.4; Jo 3.6).

Em (Ef 2.3) diz o Apóstolo Paulo que os efésios eram, por natureza, indica uma coisa inata e original em distinção daquilo que é adquirido. Então, o pecado é uma coisa original, daquela, participam todos os homens e que as faz culpados diante de Deus. Além disso, de acordo com a Escritura, a morte sobrevém mesmo aos que nunca exerceram uma escolha pessoal e consciente (Rm 5.12-14).

Finalmente a escritura ensina também que todos os homens se acham sob condenação e, portanto necessitam da redenção que há em Cristo Jesus, nunca se declarava que as crianças constituem exceção a essa regra, conforme as passagens recém-citadas e também (Jo 3.35; 1 Jo 5.12), não contradizem isto as passagens que atribuem certa justiça ao homem como (Mt 9.12,13; At 10.35; Rm 2.14; Fp 3.6; 1 Co 1.30), pois esta pode ser a justiça civil, cerimonial ou pactual, a justiça da lei ou a justiça que há em Cristo Jesus.

ABRANGÊNCIA DO PECADO ORIGINAL

As Escrituras ensinam que o pecado de Adão afetou muito mais que a ele próprio (Rm 5.12-21; 1 Co 15.21,22). Esta questão é chamada pecado original e postula três perguntas: até que ponto, por quais meios e em que base o pecado de Adão é transmitido ao restante da humanidade? Qualquer teoria do pecado original precisa responder as três perguntas e satisfazer os seguintes critérios bíblicos:

Solidariedade. Toda a humanidade, em algum sentido, está unida ou vinculada, como numa única entidade, a Adão (por causa dele, todas as pessoas estão fora da bem-aventurança do Éden; Rm 5.12-21; 1 Co 15.21,22).

Corrupção. Por estar a natureza humana tão deteriorada pela Queda, pessoa alguma tem a capacidade de fazer o que é espiritualmente bom sem a ajuda graciosa de Deus. A esta condição chamamos corrupção total - ou depravação - da natureza. Não significa que as pessoas não possam fazer algum bem aparente, apenas que nada do que elas façam será suficiente para torná-las merecedoras da salvação. E este ensino não é exclusivamente calvinista.

Até mesmo Armínio (mas não todos os seus seguidores)

descreveu o “livre-arbítrio do homem em favor do verdadeiro Bem”, na condição de “preso, destruído e perdido... não tem nenhuma capacidade a não ser aquela despertada pela graça divina”. A intenção de Armínio, assim como depois a de Wesley, não era manter a liberdade humana a despeito da Queda, mas asseverar que a graça divina era maior até mesmo que a destruição provocada pela Queda.

Assim a corrupção é reconhecida na Bíblia. Sl 51.5 menciona Davi sendo concebido em pecado, ou seja: seu pecado remontava à concepção. Rm 7-7-24 sugere que o pecado, embora morto, estava em Paulo desde o princípio. Mais categoricamente, Efésios 2.3 declara que todos somos “por natureza filhos da ira”. “Natureza” (phusis) fala da realidade fundamental ou origem de uma coisa. Daí ser corrupto o “conteúdo” de todas as pessoas. Posto que a Bíblia ensina estarem corrompidos os adultos e que cada um produz o seu igual (Jó 14.4; Mt 7.17,18; Lc 6.43), os seres humanos forçosamente produzem filhos corruptos. A natureza corrupta produzindo filhos corruptos é a melhor explicação da universalidade do pecado. Embora vários trechos dos Evangelhos se refiram à humildade e à receptividade espiritual das crianças (Mt 10.42; 11.25,26; 18.1-7; 19.13-15; Mc 9.33-37,41,42; 10.13-16; Lc 9.46-48; 10.21; 18.15-17), nenhum as afirma incorruptas. Realmente, algumas crianças são até mesmo endemoninhadas (Mt 15.22; 17.18; Mc 7.25; 9.17).

A pecaminosidade de todos. Romanos 5.12 declara que “todos pecaram”. Romanos 5.18 diz que mediante um só pecado todos foram condenados, o que subentende que todos pecaram. Romanos 5.19 diz que mediante o pecado de um só homem todos foram feitos pecadores. Textos que falam da pecaminosidade universal não fazem exceções à infância. Crianças impecáveis seriam salvas sem Cristo, mas isto é (antibíblico Jo 14.6; At 4.12). Ser merecedor de castigo também indica o pecado.

Ser merecedor de castigo. Todas as pessoas, até mesmo as crianças pequenas, estão sujeitas ao castigo. “Filhos da ira” (Ef 2.3) é um semitismo que indica o castigo divino (cf. 2 Pe 2.14). As imprecações bíblicas contra crianças (Sl 137.9) indicam esse fato. E Romanos 5.12 diz que a morte física (cf. 5.6-8,10,14,17) chega a todos porque todos têm pecado, aparentemente até as crianças.

As crianças, antes da idade de responsabilidade ou consentimento moral (a idade cronológica provavelmente varia com o indivíduo), não são pessoalmente culpadas. As crianças não têm o

conhecimento do bem e do mal (Dt 1.39; cf. Gn 2.17). Romanos 7-9-11 declara que Paulo “vivía” até a chegada da lei mosaica (cf. 7.1), a qual fez “reviver o pecado”, que o enganou e matou espiritualmente.

O Novo Testamento relaciona a natureza pecaminosa com *sarx* (a “carne”). Embora a palavra originalmente se referisse ao corpo material, Paulo (inovando) equiparou-a a natureza pecaminosa (Rm 7.5-8.13; Gl 5.13,19).

Neste sentido, *sarx* é o centro dos desejos pecaminosos (Rm 13.14; Gl 5.16,24; Ef 2.3; 1 Pe 4.2; 2 Pe 2.10; 1 Jo 2.16). O pecado e as paixões surgem da carne (Rm 7.5; Gl 5.17,21), onde não habita nenhuma coisa boa (Rm 7.18).

O hebraico *lev*, ou *levav* (“coração”, “mente” ou “entendimento”), indica a essência da pessoa. O coração do homem pode ser pecaminoso (Gn 6.5; Dt 15.9; Is 29.13) acima de todas as coisas (Jr 17.9). Pois isso precisa de renovação (Sl 51.10; Jr 31.33; Ez 11.19). Dele fluem as más intenções (Jr 3.17; 7.24), e todas as suas inclinações são más (Gn 6.5). O grego *kardia* (“coração”) também indica a vida interior e o próprio-eu. Tanto o mal quanto o bem são dele provenientes (Mt 12.33-35; 15.18; Lc 6.43-45).

Pode significar a pessoa essencial (Mt 15.19; At 15.9; Hb 3.12). *Kardia* pode ser duro (Mc 3.5; 6.52; 8.17; Jo 12.40; Rm 1.21; Hb 3.8). Assim como *sarx*, *kardia* pode ser a origem de desejos errados (Rm 1.24). Da mesma forma a mente (*nous*) pode ser má nas suas operações (Rm 1.28; Ef 4.17; Cl 2.18; 1 Tm 6.5; 2 Tm 3.8; Tt 1.15) e necessitar de renovação (Rm 12.2).

A natureza pecaminosa está totalmente contrária ao Escrito e além do controle da pessoa (Gl 5.17; cf. Rm 7.7-25). E morte para o ser humano (Rm 8.7,8; 1 Co 15.50). Dela provém *epithumia*, a inteira gama de desejos malignos (Rm 1.24; 7.8; Tt 2.12; 1 Jo 2.16). O pecado até mesmo habita dentro da pessoa (Rm 7.17-24; 8.5-8), como um princípio ou lei (Rm 7.21,23,25).

1.2. A CIRCUNCISÃO E SEUS VALORES INTERNOS E EXTERNOS

Na Bíblia, vemos que os “filhos de Israel (ou hebreus, como eram chamados naquele tempo) entravam em aliança com Deus por meio de três ritos: a circuncisão (berit-milá), a imersão (tevilá) e o oferecimento de um sacrifício (corbán)”.

Abraão foi a primeira pessoa a aceitar o chamado divino para sair "... da tua terra, e da tua parentela, e da casa de teu pai..." (Gn 12.1) em obediência à voz de Deus. Esta aceitação foi selada pelo sinal da aliança: "Este é o meu concerto, que guardareis entre mim e vós e a tua semente depois de ti: Que todo o macho será circuncidado. E circuncidareis a carne do vosso prepúcio; e isto será por sinal do concerto entre mim e vós. O filho de oito dias, pois, será circuncidado; todo o macho nas vossas gerações, o nascido na casa e o comprado por dinheiro a qualquer estrangeiro, que não for da tua semente. Com efeito, será circuncidado o nascido em tua casa e o comprado por teu dinheiro; e estará o meu concerto na vossa carne por concerto perpétuo. E o macho com prepúcio, cuja carne do prepúcio não estiver circuncidada, aquela alma será extirpada dos seus povos; quebrantou o meu concerto" (Gn 17.10-14).

A circuncisão foi o primeiro mandamento observado por Abraão cuja idade já era bem avançada: "Era Abraão da idade de noventa e nove anos, quando lhe foi circuncidada a carne do seu prepúcio. E Ismael, seu filho, era da idade de treze anos, quando lhe foi circuncidada a carne do seu prepúcio" (Gn 17.24-25). Quando os hebreus estavam prestes a celebrar a Páscoa (Pêssach, em hebraico), Moisés circuncidou todos os homens.

Fez isso para que pudessem ser contados como participantes das promessas divinas e, assim, tivessem o direito de participar do cordeiro pascal (Êx 12.48) sem nenhum problema. "A circuncisão tornou-se um sinal de identificação com o povo da aliança".

Conforme vimos nos textos acima, a circuncisão passou a ser praticada pelos patriarcas desde antes da promulgação da lei mosaica. E até hoje é considerada a mais importante cerimônia do judaísmo. Nenhuma comemoração ou data deve impedir o menino judeu de fazer a circuncisão, nem mesmo o sábado (Shabat) ou o Dia da Expição (Yom Kipur). Somente em caso de saúde cuja gravidade possa comprometer a vida do infante esta cerimônia será adiada para outro dia após o oitavo dia do nascimento.

A VERDADEIRA CIRCUNCISÃO

Uma análise mais profunda da circuncisão nos mostra que este mandamento, dirigido a Abraão, é uma aliança eterna com os filhos de Israel, isto é, uma aliança de afinidade com o povo judeu, por meio da qual o Eterno se compromete em tornar os descendentes de Abraão em

uma grande nação e em separá-los como um povo especial para Ele (Gn 12.1-3). Assim, a circuncisão, para o judeu, não é apenas um mandamento, mas uma identificação pessoal e intransferível outorgada pelo Deus de Israel que o diferencia de todas as outras nações. Não se trata apenas de um costume, mas é o elo que mantém unido o povo hebreu através dos séculos.

“Qual é, logo, a vantagem do judeu? Ou qual a utilidade da circuncisão? Muita, em toda a maneira, porque, primeiramente, as palavras de Deus lhe foram confiadas” (Rm 3.1-2); e também “... a adoção de filhos, e a glória, e os concertos, e a lei, e o culto, e as promessas” (Rm 9.4).

A circuncisão, como aliança, foi dada por Deus a Abraão em um determinado tempo e espaço com a intenção de gerar para si um povo santo: “Porque eu sou o Senhor, que vos faço subir da terra do Egito, para que eu seja vosso Deus, e para que sejais santos; porque eu sou santo” (Lv 11.45). Portanto, “a circuncisão é, na verdade, proveitosa, se tu guardares a lei; mas, se tu és transgressor da lei, a tua circuncisão se torna em incircuncisão” (Rm 2.25).

O apóstolo Paulo é taxativo: sem obediência, a circuncisão se transforma em incircuncisão. “Mas agora em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegaste perto. Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um; e, derribando a parede de separação que estava no meio, na sua carne, desfez a inimizade, isto é, a lei dos mandamentos, que consistia em ordenanças, para criar em si mesmo dos dois um novo homem, fazendo a paz, e pela cruz, reconciliar ambos com Deus em um corpo, matando com ela as inimizades” (Ef 2.13-16).

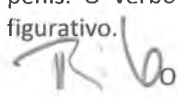
O mesmo apóstolo ainda afirmou que a verdadeira “... circuncisão somos nós que servimos a Deus no Espírito, e nos gloriamos em Jesus Cristo, e não confiamos na carne” (Fl 3.3). Esse argumento do apóstolo Paulo gerou grande conflito, pois os judaizantes eram da opinião de que a circuncisão era medida necessária para salvação. Entendiam que a circuncisão fazia parte do pacto abraâmico, e qualquer indivíduo que não fosse circuncidado não poderia ter a esperança de ser salvo. Logo, todos os circuncidados já estavam automaticamente absolvidos de todo julgamento. “Entretanto, no dizer das Escrituras, qual era o real valor da circuncisão?

- (a) A circuncisão era o sinal do pacto abraâmico, além de ser um dos muitos privilégios de Israel, o que fazia deles uma sociedade superior (Rm 9.4-5);
- (b) Tinha valor como preparação para melhores coisas vindouras. Também falava sobre a santificação. Isso teria lugar em Cristo. Falava de identificação com a geração de Abraão, e isso, por sua vez, tipificava o que Deus faria mediante o filho de Abraão, Jesus, o Messias;
- (c) Falava de um povo que seria separado para a santidade e a salvação. Tornava os homens cômicos de que existiam esses privilégios, e, sabendo-o, talvez os buscassem, se ao menos fossem suficientemente sábios;
- (d) Há uma real circuncisão, de ordem absoluta, isto é, a circuncisão do coração. A santificação genuína leva os homens à salvação (Rm 2.29);
- (e) A circuncisão era um mero sinal. A verdade simbolizada era a salvação. Por igual modo, o batismo é apenas um sinal, um símbolo, e não a substância, ou qualquer parte da substância essencial da salvação (Cl 2.11) 11.

Na nova aliança, o que precisa ser circuncidado é o coração, e não a carne. Devemos cortar da nossa vida tudo aquilo que seja desagradável e impuro aos olhos de Deus. Muitos cristãos hoje são um testemunho vivo do poder do Espírito Santo que transformou o seu modo de pensar e agir (1 Co 6.9-11; Gl 5.22-24; Ef 4.22-24).

O QUE É A CIRCUNCISÃO?

É a remoção da pele que cobre a glândula, ou prepúcio, do pênis. O verbo hebraico *mul* (circuncidar) é usado em sentido literal e figurativo.

 substantivo grego *peritomé* (circuncisão) significa literalmente "cortar em derredor" (Jo 7.22). O termo grego *akrobystia* é usado na septuaginta grega para traduzir a palavra hebraica para "prepúcio", "incircuncisão", e daí, "gentios".

1.3. A GUARDA DO SÁBADO

Para o judeu, o dia mais sagrado do calendário judaico é o sábado.

A guarda do Sábado é sem dúvida o ponto principal da controvérsia do Judaísmo e do Adventismo do Sétimo Dia e outros correligionários do tradicionalismo mosaico.

Eles aceitam o Sábado como doutrina fundamental, e ensinam que os cristãos devem irreversivelmente observá-lo como dia de repouso semanal. Helen White, profetisa do grupo que formou o Adventismo do Sétimo Dia, ensinou que a observância do Sábado é o selo de Deus, enquanto que o Domingo será o selo do Anticristo. Evidentemente não temos qualquer preconceito contra o Adventismo pelo simples fato de seus adeptos guardarem o Sábado, mas sim pelo fato de fazerem desse ensino um cavalo de batalha contra as igrejas evangélicas, que tem o Domingo como dia de repouso semanal, e fazerem dele ponto de sustentáculo à salvação do homem!

Ora, todos nós sabemos que a salvação vem pela graça de Deus, mediante a fé do ser humano no sacrifício vicário de Cristo Jesus, e não na guarda de sábados, domingos, dias quaisquer ou indumentárias de obras mortas, como bem escreveu Paulo: "Mas agora, conhecendo a Deus, ou antes, sendo conhecidos de Deus, como tornais outra vez a esses rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo quereis servir (os Sábados, o lavar as mãos, os dias de lua nova)? Guardais dias, e meses, e tempos, e anos" (Gálatas 4.9,10).

A RAIZ DA DOCTRINA

O sábado foi estabelecido para o período mosaico, preparando um povo para receber a Nova Aliança, da qual não foram merecedores por terem rejeitado a Jesus. Disso ninguém pode discordar! Gênesis 2.1-3; Êxodo 20.8-11; 1 Crônicas 17.27 compare com Romanos 3.28 e Gálatas 3.2; 4.4,5.

É possível alguém cumprir a lei sem guardar o Sábado? Damos resposta a esta pergunta ao entendermos no Novo Testamento, sobre a vida e o ministério terreno do Senhor Jesus Cristo. O Novo Testamento ratifica o que está escrito no Antigo Testamento, porque o homem jamais foi capaz de cumprir a lei. A encarnação de Cristo é uma das mais evidentes provas da incapacidade do homem em cumprir a lei divina na sua plenitude, por isso Jesus diz: "Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas: não vim para revogar, vim para cumprir" (Mateus 5.17,18,24).

REPETIÇÃO DOS MANDAMENTOS

Cinquenta vezes o dever de adorar só a Deus; 12 vezes a advertência contra a idolatria; 4 vezes a advertência para não tomar o nome do Senhor em vão; 6 vezes o dever do filho de honrar pai e mãe; 6 vezes a advertência contra o homicídio; 12 vezes a advertência contra o adultério; 4 vezes a advertência contra o falso testemunho; e 9 vezes a advertência contra a cobiça.

Entretanto, em nenhum lugar no Novo Testamento encontra-se o mandamento de se guardar o Sábado. Não são poucas as passagens no Antigo Testamento que mostram a limitação divina diante do legalismo frio e morto dos judeus, apresentado através de sacrifícios e sucessivas cerimônias feitas com o propósito de satisfazer a letra da lei. Quanto mais tempo passava, mais supérfluo ficava o homem que buscava a perfeição através da prática da lei - "Porquanto o que era impossível à lei, visto que estava enferma pela carne... de maneira que a lei nos serviu de aio, para nos conduzir a Cristo" (Romanos 8.3; Gálatas 3.24). Porém, Jesus Cristo veio como enviado de Deus para cumprir a lei, o que fez, coroando-a com o ato de sua morte na cruz, estabelecendo a fé como entrada para o novo e vivo caminho.

JESUS CRISTO CUMPRIU A LEI

O Seu nascimento foi prometido segundo a lei, Deuteronômio 18.15; nasceu debaixo da lei, Gálatas 4.4; foi circuncidado segundo a lei, Lucas 2.21; foi apresentado no Templo segundo a lei, Lucas 2.22; ofereceu sacrifício no Templo segundo a lei, Lucas 2.24; foi odiado segundo a lei, João 15.25; foi morto segundo a lei, João 19.7; viveu, morreu e ressuscitou segundo a lei, Lucas 24.44,46.

Leiamos João 5.16,18 sobre o Sábado, e o que Jesus acrescentou: "o Sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do Sábado, de sorte que o Filho do homem é Senhor também do Sábado" (Marcos 2.27,28).

POR QUE POUCOS LUTAM?

Os poucos que conservam lutando a fio de espada pela guarda do Sábado, o fazem com boa intenção, porém, pela simplicidade do conhecimento exegético escriturístico. O princípio da Hermenêutica bíblica estabelece que as leis cerimoniais passaram, mas as morais permaneceram. Daí, o Senhor Jesus ter sido acusado pelos judeus por

violar o Sábado, mas Ele acrescentou: "o Sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do Sábado, de sorte que o Filho do homem é Senhor também do Sábado" (Marcos 2.27,28).

Com estas palavras, Jesus defende o princípio moral do quarto mandamento do Decálogo, condenando abertamente o cerimonialismo, e revela sua autoridade divina sobre o Sábado, para cumpri-lo, aboli-lo ou mudá-lo.

Concluímos, considerando as palavras do apóstolo Paulo aos Colossenses mais do que suficientes para a definição final e exegética: "Ninguém pois, vos julgue por causa de comida e bebida, ou dia de festa, ou lua nova, ou Sábados, porque tudo isso tem sido sombra das coisas que haviam de vir, porém o corpo é de Cristo" (Colossenses 2.16-19)

1.4. O MESSIAS NO JUDAÍSMO

O Judaísmo afirma que Jesus não foi o Messias, pois não realizou as esperanças messiânicas. Ele não estabeleceu a paz universal e justiça social para toda a humanidade, nem redimiu o povo de Israel, e nem tampouco elevou as montanhas do Senhor acima do topo das alturas. No tocante aos judeus, seu próprio exílio e falta de um lar, e a continuação da guerra, pobreza e injustiça são provas conclusivas de que o Messias ainda não chegou, pois sua vinda, de acordo com promessas proféticas, apressará a redenção do povo de Israel do exílio e a redenção de todo o mundo dos males da guerra, pobreza e injustiça.

Embora a forma de crença hebraica, seja expressa dessa maneira, vejamos o que diz a Bíblia:

- (a) Todas as profecias messiânicas se cumpriram em Jesus Cristo. O Messias prometido, Jesus, o Ungido de Deus, veio para destruir as obras do diabo, dar liberdade aos cativos, quebrar as algemas invisíveis, trazer Boas Novas e preparar um povo para morar no céu (Is 61-2; Lc 4.18; Jo 3.16).
- (b) Veio para todas as nações, "para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16).
- (c) Ele [O Cristo do Senhor] "é luz para iluminar os gentios, e para glória do teu povo Israel" (Lc 2.32). "É Deus somente dos judeus? Não o é também dos gentios? Também dos gentios, certamente" (Rm 3.29). O povo de Deus não é exclusivamente a nação de Israel, mas os que estão lavados e remidos no sangue do Cordeiro. A REDENÇÃO em Jesus é

espiritual. Todos os que O recebem são espiritualmente renovados. Jó disse: “Eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra. E depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus” (Jó 19.25-26). A esperança no Redentor é que Ele viria salvar seu povo do pecado e da condenação (Rm 3.24; Gl 3.13; 4.5; Ef 1.7; Tt 2.14), livrá-lo do medo da morte (Hb 2.14,15; Rm 8.2) e da ira vindoura (1 Ts 1.10); e dar-lhe vida eterna (Rm 6.23). Tudo isso encontramos na pessoa do Senhor Jesus.

- (d) O reinado de Jesus será estabelecido num tempo vindouro, quando haverá plena paz no mundo. Vejam: “Em verdade vos digo que vós os que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono de sua glória, também vos assentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel” (Mt 19.28); “Quando vier o Filho do homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; e todas as nações serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas” (Mt 25.31-32). Os judeus “pensavam que o reino de Deus havia de manifestar-se imediatamente” (Lc 19.11). Supunham que Jesus iria comandar um exército para libertar os judeus do jugo romano. Ficaram decepcionados quando viram o Rei humilhado diante de Pilatos; conduzido para o Calvário; castigado, vencido, fraco e morto. Nesse sentido, realmente Ele não realizou “as esperanças messiânicas”. Mas trouxe vida abundante para todos os que O recebem como o verdadeiro Messias, o Filho do Deus vivo.

ATIVIDADES – LIÇÃO I

• Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) ☐ A apologética é a ciência ou disciplina racional que se esforça por apresentar a defesa da fé religiosa, existindo dentro e fora da Igreja cristã.
- 2) ☐ Negativamente, a apologética tenta elaborar e defender uma visão cristã de Deus, da alma e do mundo, uma visão apoiada por raciocínios reputados capazes de convencer os não-cristãos da veracidade das doutrinas envolvidas.

- Anotações:

[illegible]

Anotações:

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Lição II

Maçonaria e Confucionismo

Anotações:

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

MAÇONARIA

A maçonaria é uma instituição filosófica, filantrópica e evolucionista, que proclama a prevalência do espírito sobre a matéria e empenha-se no aperfeiçoamento moral, intelectual e social da humanidade. Proclama como princípios a liberdade, a igualdade e a fraternidade.

Reúne homens de crenças e opiniões diversas, mas não se identifica com nenhuma religião em particular. Em alguns ritos maçônicos, exige-se dos membros que professem a crença em Deus, embora algumas religiões proibam seus fiéis de participarem da instituição.

1. ORIGEM

As lojas maçônicas tiveram origem nas associações medievais dos pedreiros que construíam as catedrais. Esses pedreiros mantinham em segredo certos conhecimentos profissionais, e daí nasceu a crença nos "segredos maçônicos", que já a partir do século XVIII existiam apenas de maneira simbólica.

Alguns de seus símbolos (martelo, colherão, avental etc.) ainda lembram a origem profissional da maçonaria, assim como a designação de Deus como Supremo Arquiteto do Universo. Os pedreiros medievais não se submetiam à autoridade dos bispos, e desse fato deriva a designação "pedreiros-livres" que se aplica aos membros da maçonaria.

2. RITOS

A maçonaria é universal e internacional, mas as Grandes Lojas ou Orientes de cada país são independentes. Os ritos, que se formaram durante o século XVIII, também variam de um país para outro ou mesmo num mesmo país.

Os membros do rito escocês, que domina as maçonarias inglesa, francesa e latino-americana, formam uma complexa sociedade com 33 graus de iniciação, que vão do aprendiz ao soberano-grande-inspetor-geral.

Outros ritos são menos complicados e têm menor número de graus, como o rito de York, o rito francês, o rito prussiano etc. Toda loja tem, pelo menos, o venerável mestre, dois vigilantes, o orador, o secretário, o companheiro e o aprendiz.

3. ENSINOS

Apesar de considerar-se supra-religiosa, a Maçonaria é vista por muitas igrejas cristãs como uma religião ocultista e sincrética, cujos valores vão de encontro ao Cristianismo. Pelo menos, esse é o ponto de vista da Igreja Católica Romana e da maioria das Igrejas Ortodoxas.

Quanto às igrejas protestantes, há sérias disputas em relação a essa questão, visto que muitos de seus membros são integrantes de lojas maçônicas; mas, em geral, a Maçonaria é vista como uma entidade não cristã.

Um exemplo notório dessa tensão no protestantismo brasileiro foi o surgimento da Igreja Presbiteriana Independente, que se separou da Igreja Presbiteriana do Brasil, em 1903, devido a sua tolerância e simpatia para com a Maçonaria.

O mentor dessa separação, o Rev. Eduardo Carlos Pereira (1855-1923), escreveu uma obra intitulada *A Maçonaria e a Igreja Cristã*, baseada num protesto que escreveu em 20 de julho de 1900, contra uma decisão do Sínodo (órgão máximo da Igreja Presbiteriana) tomada naquele ano, na qual admitia a conciliação entre Maçonaria e a Igreja Cristã. Nesta obra, o Rev. Pereira tenta demonstrar a incompatibilidade existente entre ambas as instituições, comparando o conteúdo da literatura maçônica disponível com a Bíblia Sagrada. Ele apresentou as seguintes razões contra a Maçonaria, que parecem apontar para seu sistema doutrinário:

- (1) É uma sociedade secreta. Esse caráter de secretismo é contrário à índole do Cristianismo, que é franqueado a todos, não tendo nada para ocultar (Mt 5.16; Jo 3.19-21; 18.20,21; Ef 5.8-13).
- (2) É uma sociedade mundana, que exige de seus membros juramento solene de íntima fraternidade. Segundo o Rev. Pereira, isso é contrário a 2 Co 6.14-18, que alerta os cristãos a não se por num jugo desigual com incrédulos.
- (3) É uma sociedade profanadora onde existem símbolos, ritos, dogmas e mistérios, oriundos de mistura do judaísmo com o paganismo.

- (4) A Maçonaria exige, sob juramento, a promessa de que seus segredos não serão revelados, e pede obediência ao poder soberano da Ordem. Tal prática contraria Mt 5.33-37 e Ec 5.3-5.
- (5) A Maçonaria tem orações formais na abertura de suas reuniões nas lojas, na inauguração de seus templos, na iniciação de seus neófitos, bem como nos funerais de seus mortos. O problema é que tais orações são feitas "sem a mediação de Cristo". Com isso, a Maçonaria estaria alegando que "o homem pode chegar ao Pai sem a intervenção do Filho", o que vai de encontro a Jo 14.6; Ef 2.18; 1 Tm 2.5.
- (6) É uma religião; por isso, um cristão não pode servir a dois senhores. A alegação de que a Maçonaria é religião está baseada no testemunho de alguns de seus integrantes, bem como no fato de que se exige a crença num Ser Supremo, há templos, altares, purificações, ritos, símbolos, mistérios, dogmas, deveres, virtudes, serviços fúnebres etc. Isso contraria Gl 1.8.
- (7) A Maçonaria tem um Deus, nomeando-o como o Grande Arquiteto do Universo (GADU), ou "Supremo Arquiteto" - como verte o Rev. Pereira - a quem são dirigidas orações, não importando qual seja seu nome: Jeová, Krishna, Brama etc. Segundo o Rev. Eduardo Pereira, o GADU não pode ser o Deus da Bíblia pelos seguintes argumentos:
- (a) Porque não é Trino;
 - (b) Porque admite à sua presença os pecadores, sem a obra redentora de Cristo;
 - (c) Porque não é "Deus zeloso" (Dt 6.14, 15), pois põe em pé de igualdade os adoradores de Brama e Buda, Socinianos e "cristãos".
- (8) A Maçonaria tem por finalidade regenerar ou aperfeiçoar a humanidade, pelos princípios sublimes da Ordem, ancorando-se no desejo de "cavar masmorras ao vício e levantar templos à virtude". O Rev. Pereira argumenta que querer isso sem a atuação do Espírito Santo é inadmissível (Jo 3.3, 6; 1 Co 6.11; Gl 5.16-23; Ef 3.10; Tt 3.3-7).
- (9) A Maçonaria publica declarações heréticas e blasfemas. Rev. Eduardo cita alguns números de *A Verdade*, um órgão de propaganda maçônica da época, n^{os} 107, 109 e 110, ano III, que trazem as seguintes frases: "a maçonaria é uma religião", "seu fim é regenerar a humanidade pela prática da moral maçônica", "o mestre Jesus de Nazaré ensinou no

mundo profano uma parte de nossas doutrinas", "a maçonaria possui a maior zona possível dos raios vivificadores da luz da verdade". Essas declarações, de acordo com o Rev. Eduardo Pereira, enquadram-se em 1 Tm 6.20 (Pendão Real, p.139-148).

Apesar de tanta contundência, a obra do Rev. Pereira sofreu severas críticas de maçons ligados à Igreja Presbiteriana do Brasil. Seu maior oponente foi o Rev. Jorge Buarque Lyra, autor do livro *A Maçonaria e o Cristianismo*, publicado no final dos anos 40.

4. A MAÇONARIA À LUZ DO CRISTIANISMO

É impossível a um verdadeiro cristão ser fiel a Cristo e ao mesmo tempo ser membro de uma sociedade secreta dominada por homens e princípios anticristãos.

- (a) Não vos ponhas em jugo desigual com os incrédulos (2 Co 6.14-17);
- (b) Bem-aventurado o homem que não anda segundo o conselho dos ímpios (Sl 1.1);
- (c) ...aparteis-vos de todo irmão que anda desordenadamente... (2 Ts 3.6);
- (d) ...retirai-vos dela povo meu, para não serdes cúmplices dos seus pecados e para não participardes dos seus flagelos (Ap 18.4).

5. A MAÇONARIA INSTITUIÇÃO RELIGIOSA FALSA E DIABÓLICA

A maçonaria é uma religião, e é impossível negar isto. O Cristianismo é a única religião verdadeira, e se provarmos que ela não está de acordo com o Cristianismo teremos provado que ela é uma religião falsa e diabólica.

A Enciclopédia Maçônica na página 619 diz: "a religião da maçonaria não é o Cristianismo", texto que mostra o Cristianismo como a única religião verdadeira, e que todos os outros fundadores de religiões são "ladrões e salteadores" (Jo 10.7-10).

6. A MAÇONARIA CLASSIFICA O CRISTIANISMO COMO RELIGIÃO FANÁTICA

A maçonaria classifica o cristianismo como religião fanática, enquanto gaba-se de sua própria "Universalidade".

O Dr. Alva McLain faz a pertinente pergunta: "Pode um cristão pertencer ou sustentar uma religião que não seja o Cristianismo?" Ele responde citando Gl 1.8-9, dizendo que a maldição de Deus é contra qualquer religião que não seja o cristianismo.

- (a) "A religião da Maçonaria não é fanática. Ela admite homens de todas as crenças no seu meio hospitaleiro, não rejeitando nem aprovando nenhum por sua fé peculiar. Não é judaísmo, nem cristianismo..." (p. 619).
- (b) "Não se mete com crenças fanáticas ou doutrinas, mas ensina a verdade da religião fundamental" (p. 618).
- (c) "Se a maçonaria fosse simplesmente uma instituição religiosa, o judeu e o muçulmano, o brâmane e o budista não poderiam conscienciosamente participar de sua iluminação, mas a universalidade é a sua exaltação. Em seu altar homens de todas as religiões podem ajoelhar-se. Na sua crença, discípulos de qualquer fé podem alistar-se" (p.439).

Nestas citações a Maçonaria coloca-se acima do Cristianismo e de todas as religiões, como a única que tem a verdade universal, além disso, coloca o Cristianismo lado a lado com as outras religiões e Cristo lado a lado com os falsos profetas que as fundaram.

Isto é uma blasfêmia. Cristo é o Salvador, o Salvador Universal, e o Cristianismo é a verdade fundamental e eterna (Dn 7.13-14; Jo 1.29; 12,32; 1 Jo 2.2; Fp 2.9-11).

7. A MAÇONARIA NÃO CONFESSA A JESUS CRISTO COMO SALVADOR E DEUS

O Dr Alva McLain afirma: "A Maçonaria tem um deus - você não pode ter uma religião sem um deus - e este deus tem um nome.

Repetidas vezes na Enciclopédia Maçônica encontram-se as iniciais 'G.A.D.U.'; este é o deus que os maçons adoram no altar deles.

Algumas vezes outros nomes são aplicados a ele, mas de acordo com Mackey, 'G.A.D.U.' é o nome técnico maçônico" (p. 310 da Enciclopédia Maçônica).

8. TRÊS DECLARAÇÕES SOBRE O DEUS VERDADEIRO E SEU CRISTO:

Há somente um Deus Verdadeiro. Este Único Deus Verdadeiro existe em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. Porém, não há três deuses. Há somente um Deus.

Este Único Deus Verdadeiro veio ao mundo em carne e não há outro Salvador além de Jesus Cristo (Jo 1.1.14; 1 Jo 5.20; At 4.12).

O Único Deus não pode ser confessado, honrado, conhecido e adorado sem que isto seja por intermédio de Jesus Cristo (1 Jo 2.23; Jo 5.23). Se um homem recusa a confessar e a adorar a Jesus Cristo como Deus, ele está negando ao Deus verdadeiro, é um anticristo (1 Jo 4.3).

9. PARA SE TORNAR MEMBRO DA MAÇONARIA O FIEL TEM QUE DESOBEDECER A CRISTO

O juramento exigido pela Maçonaria de ocultar e nunca revelar os segredos da Maçonaria é condenado na Bíblia (Mt 5.34.35; Tg 5.12). Os três ritos abaixo estão no livro: "Seitas e Heresias...", de Raimundo F. de Oliveira:

O Juramento do Rito Escocês: "Eu, Fulano de Tal, juro e prometo, de minha livre e espontânea vontade, sem constrangimento ou coação, sob minha honra e segundo os preceitos de minha religião, em presença do Supremo Arquiteto do Universo, que é deus, e perante esta assembléia de maçons... solene e sinceramente jamais revelar os mistérios, símbolos ou alegorias que me forem explicados e que forem confiados, senão a um maçom regular... se eu faltar a este juramento, ainda mesmo com medo da morte, desde o momento em que cometa tal crime, seja declarado infame sacrílego para com deus e desonrado para com os homens. Amém - Amém."

O Juramento do Rito Adoniramita: Neste rito, no momento em que o profano vai prestar o juramento, bebe o gole da taça sagrada: "Juro guardar o silêncio mais profundo sobre todas as provas a que for exposta minha coragem. Se eu for perjuro e trair meus deveres, consinto que a doçura desta bebida se converta em amargor e o seu efeito salutar em mortal veneno."

O Juramento Rito Francês: "Juro e prometo sobre os estatutos gerais da ordem e sobre esta espada, símbolo de honra, etc. Consinto, se eu vier a perjurar, que o pescoço me seja cortado, o coração e as entranhas arrancadas, o meu corpo queimado, reduzido a cinzas, e minhas cinzas lançadas ao vento, e que minha memória fique em execração entre todos os maçons. O Grande Arquiteto do Universo me ajude!"

A Enciclopédia Maçônica diz: "A obrigação de todo maçom é obedecer ao mandato do mestre" (Obs.: não Cristo e sim, o mestre da loja maçônica). Deus exige obediência irrestrita e exclusiva a Cristo (Jo 14.15; 1 Jo 2.3; At 5.29).

10. O CAMINHO DE SALVAÇÃO ENSINADO PELA MAÇONARIA NÃO É JESUS CRISTO

O caminho de Salvação, por obras, ensinado pela Maçonaria é representado pela escada.

Assim diz a Enciclopédia Maçônica: "Esta escada é um símbolo de progresso... Seus três primeiros degraus - a fé, a esperança e a caridade - mostram-nos os meios como avançamos da terra para o céu, da morte para a vida, do mortal para o imortal. Portanto, seu pé é colocado no andar térreo da loja maçônica, a qual é o tipo do mundo e seu cume a loja, a qual é símbolo do céu" (p. 361).

A fé, a esperança e a caridade da maçonaria não estão baseadas em Cristo e sim em obras humanas, que jamais poderiam purificar-nos (Ef 2.8,9; Ap 1.5,6).

CONFUCIONISMO

Religião oriental baseada nas ideias do filósofo chinês Confúcio (551- 479 a.C.). Conhecido pelos chineses como *Junchaio* (ensinamentos dos sábios). O princípio básico do Confucionismo é à busca do Caminho (Tao), que garante o equilíbrio entre as vontades da terra e as do céu.

1. CONFUCIONISMO - FILOSOFIA OU RELIGIÃO?

Tendo em vista que o Confucionismo trata primariamente de condutas morais e de ordem social, esta religião é frequentemente categorizada como um sistema ético e não como uma religião. Em sua visão de reforma, Confúcio advogava justiça para todos como o fundamento da vida em um mundo ideal, onde os princípios humanos, cortesia, piedade filial, e virtudes da benevolência, retidão, lealdade e a integridade de caráter deviam prevalecer. Porém, deve-se atentar às perspectivas do povo chinês na época de Confúcio, e observar as influências que ele trouxe, as quais não se limitam a uma esfera ética.

Seus ensinamentos advogam que o homem é capaz de ser perfeito por ele próprio, pelo seu esforço de seguir o caminho dos seus antepassados.

Confúcio aludia que a natureza humana é boa. Este ensino foi desenvolvido posteriormente por seus discípulos, e tornou-se uma crença cardeal do Confucionismo.

Confúcio, apesar de estar voltado para este mundo, acreditava no céu e na sua influência sobre a terra e sobre os homens.

O Confucionismo permaneceu como religião oficial da China desde sua unificação, no século II, até sua proclamação como República pelo Kuomintang em 1911. Durante a Dinastia de Han do Imperador P'ing (202-221 a.C.), seus funcionários foram recrutados entre os confucionistas. As primeiras críticas ao Confucionismo surgiram com a República. Entre 1966 e 1976, durante a Grande Revolução Cultural Proletária, foi novamente atacado por contrariar os interesses comunistas. Atualmente, apesar de o comunismo banir todo tipo de religião, 25% da população chinesa afirma viver segundo a ética confucionista. Fora da China, o Confucionismo possui cerca de 6.3 milhões de adeptos, principalmente no Japão, na Coreia do Sul e em Cingapura.

2. AS DOUTRINAS CONFUCIONISTAS PODEM SER RESUMIDAS EM SEIS PALAVRAS-CHAVES:

(a) *Jen* - humanitarismo, cortesia, bondade, benevolência. É a norma da reciprocidade, ou seja, "não faça aos outros o que você não gostaria que lhe fizessem." Esta é a virtude mais elevada do Confucionismo.

Segundo ensinam, se o homem colocá-la em prática, ele poderá viver em paz e em harmonia com as outras pessoas (Anacleto 15:24).

- (b) **Chun-tzu** - homem superior, virilidade. Segundo Confúcio, o homem para ser perfeito deve ter humildade, magnanimidade, sinceridade, diligência e amabilidade. Somente assim, ele poderá transformar a sociedade em um estado de paz. Porém, a realidade do ser humano é outra. O homem natural é egoísta, soberbo e mal contra seu próximo.
- (c) **Cheng-ming** - Retificação dos nomes. Este conceito ensina que para uma sociedade estar em ordem, cada cidadão deveria ter um título designativo ou um papel, e afirmar-se neste papel no esquema da vida. O rei, atuando como rei, o pai como pai, o filho como filho, o servo como servo. (Anacleto, 12:11; 13:3)
- (d) **Te** - poder, autoridade. Confúcio ensinava que a virtude do poder, e não a força física era necessária para dirigir qualquer sociedade. Todo governante, segundo ele, deveria ter esta autoridade para inspirar seus súditos à obediência.
- (e) **Li** - padrão de conduta exemplar, propriedade, reverência. Este conceito é tratado no Livro das Cerimônias (Li Ching), um dos Cinco Clássicos. Segundo Confúcio, cada governante deveria ser benevolente, proporcionar um bom padrão de vida para o povo e promover a educação moral e os ritos. Sem esta conduta, o homem não saberia oferecer a adoração correta aos espíritos do universo, não saberia estabelecer a diferença entre o rei e o súdito, não saberia a relação moral entre os sexos, e não saberia distinguir os diferentes graus de relacionamento na família (Li Ching, 27).
- (f) **Wen** - artes nobres, que inclui: música, poesia e a arte em geral. Confúcio tinha uma grande estima pela arte vinda do período da Dinastia Chou, e considerava a música como a chave da harmonia universal. Ele cria que toda expressão artística era símbolo da virtude e que deveria ser manifesta na sociedade. "Aqueles que rejeitam a arte, rejeitam as virtudes do homem e do céu" (Anacleto, 17:11, 3:3).

O homem no confucionismo é entendido não como indivíduo, mas como gênero humano que é representado e encarnado no imperador, o Filho do Céu. O soberano governa por um mandato que lhe é concedido pelo Céu (Tianmings) e somente permanecendo em harmonia com ele, consegue manter a boa ordem da sociedade e da natureza. Assim,

compreende-se o homem, ao mesmo tempo, subordinado a uma ordem que lhe é superior e artífice da harmonia entre o céu e terra, entre a sociedade e a natureza.

Se o homem, em particular o imperador, transgredir as normas que regulam o universo, acontecerão catástrofes e tragédias, sinais de que o mandato do Céu foi revogado e o que o povo pode se revoltar e substituir o imperador por outro mais digno. Nessa visão, o imperador é o sacerdote supremo daquela que podemos chamar de religião do Estado confucionista.

Somente o imperador, na ausência do povo, pode oferecer sacrifício ao Céu e à Terra e promulgar o calendário, que não é simplesmente uma ordem cronológica mas um elenco dos deveres rituais que permitem a manutenção da harmonia no universo e no progresso da vida humana e social.

3. A VIDA ALÉM DA MORTE

Entre as várias práticas rituais, privilegia-se o culto aos antepassados, considerado a base primordial da "religião dos chineses". Os mortos não se transformam em divindades, mas são venerados como antepassados que ainda pertencem à família ou ao clã.

O culto é presidido pelo chefe da família ou do clã e realizado numa sala-templo ou simplesmente diante do altar, colocado no interior da casa, sobre o qual são expostas as tabuinhas com o nome dos antepassados.

Isso alimenta a piedade filial, que se prolonga além da morte, não somente como maneira de superar o trauma da dor, mas, sobretudo, como maneira de reintegrar o defunto à unidade familiar: o antepassado continua sobrevivendo e tendo seu lugar nas gerações futuras.

O objetivo é perpetuar e reforçar a organização familiar e do clã, que poderia se perder com o passar do tempo e das gerações, mantendo viva, na consciência do indivíduo, sua presença em grupo histórico mais amplo.

4. CONFÚCIO CONTINUA VIVO

"Nós queremos utilizar os ensinamentos de Confúcio para acelerar os programas de modernização". Assim falou o presidente da

"Sociedade Chinesa para a Educação" num encontro nacional em 1984. Dez anos antes, os ativistas da "Revolução Cultural" quiseram arrancar pela raiz toda tradição confucionista, destruindo até o túmulo do sábio.

Depois da morte de Mao Tse-tung (nove de setembro de 1976), Confúcio voltou a dominar, em sentido moral, a vida da China. Hoje, até as máximas autoridades políticas lembram Confúcio, apresentam-no como símbolo da identidade chinesa e consideram suas ideias uma ajuda muito válida para a modernização do país.

5. REFUTAÇÕES APOIADAS NAS VERDADES BÍBLICAS

5.1. QUANTO À NATUREZA HUMANA

De acordo com o Confucionismo a "natureza humana é divina e boa". Contudo, ao observarmos a Bíblia percebemos que, embora a criação do ser humano tenha sido perfeita na sua natureza física, psíquica e espiritual, o pecado o destituiu da posição primacial diante de Deus, tornando-o depravado moralmente, morto espiritualmente e condenado a perdição eterna, Gn 1.27; 2.20,24; 3.6; Is 59.2; Rm 5.12; Ef 2.1-3.

Paulo ao escrever aos Romanos afirma: "Pelo que, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, por isso que todos pecaram. Porque até a lei estava o pecado no mundo, mas o pecado não é imputado não havendo lei. No entanto, a morte reinou desde Adão até Moisés, até sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, o qual é a figura daquele que havia de vir" (Rm 5.12).

Através da transgressão e queda de Adão, o pecado como princípio ou poder ativo conseguiu penetrar na raça humana (Rm 5.17,19; Gn 3; 1 Co 15.21,22). Duas consequências decorrem disso:

- (a) O pecado e a corrupção penetraram no coração e na vida de Adão;
- (b) E Adão transmitiu o pecado ao gênero humano, corrompendo todas as pessoas nascidas a partir de então. Todos os seres humanos passaram a nascer propensos ao pecado e ao mal (Rm 5.19; 1.21; 7.24; Gn 6.5,12; 8.21; Sl 14.1-3; Jr 17.9; Mc 7.21,22; 1 Co 2.14; Gl 5.19-21; Ef 2.1-3; Cl 1.21; 1 Jo 5.19).

Paulo não explica como o pecado de Adão é transmitido aos seus descendentes. Nem diz que toda a humanidade estava presente em

Adão e que assim ela participou do seu pecado e por isso herda a sua culpa. Paulo não diz, em nenhum lugar, que Adão foi o cabeça coletivo dos seus descendentes, nem que o pecado de Adão foi-lhes imputado.

Todos são culpados diante de Deus por causa dos seus próprios pecados pessoais, porque "todos pecaram" (Rm 5.12). O único ensino no tocante a isso, que tem apoio bíblico, é que homens e mulheres herdam uma natureza moral corrupta, bem como a propensão para o pecado e o mal (Rm 6.1).

O pecado é também a corrupção moral nos seres humanos, opondo-se a todas as vontades humanas sadias. Ele nos leva tanto a deleitar-nos em cometer iniquidade, como também a sentir prazer nas más ações dos outros (Rm 1.21-32; Gn 6.5). É, por outro lado, um poder que escraviza e corrompe, à medida que nos entregamos a ele (Rm 3.9; 6.12ss.; 7.14; Gl 3.22). O pecado está arraigado nos desejos humanos (Tg 1.14; 4.1,2; 1 Pe 2.11).

5.2. INÚMERAS DEIDADES SÃO ADORADAS NO CONFUCIONISMO

Inúmeras deidades são *adoradas* no Confucionismo, como o sol, a lua, imperadores, montanhas e rios importantes da China, sem mencionar o culto aos mortos (antepassados).

Entretanto, encontramos na Palavra de Deus que a verdadeira adoração consiste nos atos e atitudes que reverenciam e honram a majestade do grande Deus do céu e da terra. Sendo assim, a adoração concentra-se em Deus, e não no ser humano. No culto cristão, nós nos acercamos de Deus em gratidão por aquilo que Ele tem feito por nós em Cristo e através do Espírito Santo.

A adoração requer o exercício da fé e o reconhecimento de que Ele é nosso Deus e Senhor. A Bíblia recomenda "dai ao SENHOR a glória devida ao seu nome; adorai o SENHOR na beleza da sua santidade (Sl 29.2); adorai ao SENHOR na beleza da sua santidade; tremei diante dele todos os moradores da terra" (Sl 96.9)

5.2.1. BREVE HISTÓRIA DA ADORAÇÃO AO VERDADEIRO DEUS

O ser humano adora a Deus desde o início da história. Adão e Eva tinham comunhão regular com Deus no jardim do Éden (Gn 3.8). Caim e Abel trouxeram a Deus oferendas (hb. "minhah, termo também

traduzido por “tributo” ou dádiva”) de vegetais e de animais (Gn 4.3,4). Os descendentes de Sete invocavam “o nome do SENHOR” (Gn 4.26). Noé construiu um altar ao Senhor para oferecer holocaustos depois do dilúvio (Gn 8.20). Abraão assinalou a paisagem da terra prometida com altares para oferecer holocaustos ao Senhor (Gn 12.7,8; 13.4, 18; 22.9) e falou intimamente com Ele (Gn 18.23-33; 22.11-18). Somente depois do êxodo, quando o Tabernáculo foi construído, é que a adoração pública tornou-se formal.

A partir de então, sacrifícios regulares passaram a ser oferecidos diariamente, e especialmente no sábado, e Deus estabeleceu várias festas sagradas anuais como ocasiões de culto público dos israelitas (Êx 23.14-17; Lv 1—7; Dt 12; 16).

O culto a Deus foi posteriormente centralizado no templo de Jerusalém (cf. os planos de Davi, segundo relata 1 Cr 22—26). Quando o templo foi destruído, em 586 a.C., os judeus construíram sinagogas como locais de ensino da lei e adoração a Deus enquanto no exílio, e aonde quer que viessem a morar. As sinagogas continuaram em uso para o culto, mesmo depois de construído o segundo templo por Zorobabel (Ed 3—6).

Nos tempos do Novo Testamento haviam sinagogas na Palestina e em todas as partes do mundo romano (Lc 4.16; Jo 6.59; At 6.9; 13.14; 14.1; 17.1, 10; 18.4; 19.8; 22.19).

A adoração na igreja primitiva era prestada tanto no templo de Jerusalém quanto em casas particulares (At 2.46,47). Fora de Jerusalém, os cristãos prestavam culto a Deus nas sinagogas, enquanto isso lhes foi permitido. Quando lhes foi proibido utilizá-las, passaram a cultuar a Deus noutros lugares, geralmente em casas particulares (At 18.7; Rm 16.5; Cl 4.15; Fm v. 2), mas, às vezes, em salões públicos (At 19.9,10).

5.3. QUANTO SEUS ATRIBUTOS DIVINOS

Confúcio recebeu “atributos divinos” à medida que os governantes chineses se estabeleciam no poder. Paulatinamente ele foi “crescendo em divindade”. Contudo, não se deu assim com Deus, pelo contrário, todos os seus atributos são exclusivos dEle.

5.3.1. ATRIBUTOS EXCLUSIVOS DE DEUS

Deus é onipresente. Ele está presente em todos os lugares a um só tempo. O salmista afirma que, não importa para onde formos Deus

está ali (Sl 139.7-12; cf. Jr 23.23,24; At 17.27,28); Deus observa tudo quanto fazemos.

Deus é onisciente. Ele sabe todas as coisas (Sl 139.1-6; 147.5). Ele conhece, não somente nosso procedimento, mas também nossos próprios pensamentos (1 Sm 16.7; 1 Rs 8.39; Sl 44.21; Jr 17.9,10). Quando a Bíblia fala da presciência de Deus (Is 42.9; At 2.23; 1 Pe 1.2), significa que Ele conhece com precisão a condição de todas as coisas e de todos os acontecimentos exequíveis, reais, possíveis, futuros ou passados (1 Sm 23.10-13; Jr 38.17-20). A presciência de Deus não subentende determinismo filosófico. Deus é plenamente soberano para tomar decisões e alterar seus propósitos no tempo e na história, segundo sua própria vontade e sabedoria. Noutras palavras, Deus não é limitado à sua própria presciência (Nm 14.11-20; 2 Rs 20.1-7).

Deus é onipotente. Ele é o Todo-poderoso e detém a autoridade total sobre todas as coisas e sobre todas as criaturas (Sl 147.13-18; Jr 32.17; Mt 19.26; Lc 1.37). Isso não quer dizer, jamais, que Deus empregue todo o seu poder e autoridade em todos os momentos. Por exemplo, Deus tem poder para exterminar totalmente o pecado, mas optou por não fazer assim até o final da história humana (1 Jo 5.19). Em muitos casos, Deus limita o seu poder, quando o emprega através do seu povo (2 Co 12.7-10); em casos assim, o seu poder depende do nosso grau de entrega e de submissão a Ele (Ef 3.20).

Deus é transcendente. Ele é diferente e independente da sua criação (Êx 24.9-18; Is 6.1-3; 40.12-26; 55.8,9). Seu ser e sua existência são infinitamente maiores e mais elevados do que a ordem por Ele criada (1 Rs 8.27; Is 66.1,2; At 17.24,25). Ele subsiste de modo absolutamente perfeito e puro, muito além daquilo que Ele criou. Ele mesmo é incriado e existe à parte da criação (1 Tm 6.16). A transcendência de Deus não significa, porém, que Ele não possa estar entre o seu povo como seu Deus (Lv 26.11,12; Ez 37.27; 43.7; 2 Co 6.16).

Deus é eterno. Ele é de eternidade a eternidade (Sl 90.1,2; 102.12; Is 57.12). Nunca houve nem haverá um tempo, nem no passado nem no futuro, em que Deus não existisse ou que não existirá; Ele não está limitado pelo tempo humano (Sl 90.4; 2 Pe 3.8), e é, portanto, melhor descrito como “EU SOU” (Êx 3.14; Jo 8.58).

Deus é imutável. Ele é inalterável nos seus atributos, nas suas perfeições e nos seus propósitos para a raça humana (Nm 23.19; Sl

102.26-28; Is 41.4; Mt 3.6; Hb 1.11,12; Tg 1.17). Isso não significa, porém, que Deus nunca altere seus propósitos temporários ante o proceder humano. Ele pode, por exemplo, alterar suas decisões de castigo por causa do arrependimento sincero dos pecadores (Jn 3.6-10). Além disso, Ele é livre para atender as necessidades do ser humano e às orações do seu povo. Em vários casos a Bíblia fala de Deus mudando uma decisão como resultado das orações perseverantes dos justos (Nm 14.1-20; 2 Rs 20.2-6; Is 38.2-6; Lc 18.1-8).

Deus é perfeito e santo. Ele é absolutamente isento de pecado e perfeitamente justo (Lv 11.44,45; Sl 85.13; 145.17; Mt 5.48). Adão e Eva foram criados sem pecado (Gn 1.31), mas com a possibilidade de pecarem. Deus, no entanto, não pode pecar (Nm 23.19; 2 Tm 2.13; Tt 1.2; Hb 6.18). Sua santidade inclui, também, sua dedicação à realização dos seus propósitos e planos.

Deus é trino e uno. Ele é um só Deus (Dt 6.4; Is 45.21; 1 Co 8.5,6; Ef 4.6; 1 Tm 2.5), manifesto em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo (Mt 28.19; 2 Co 13.14; 1 Pe 1.2). Cada pessoa é plenamente divina, igual às duas outras; mas não são três deuses, e sim um só Deus (Mt 3.17; Mc 1.11).

Deus é bom (Sl 25.8; 106.1; Mc 10.18). Tudo quanto Deus criou originalmente era bom, era uma extensão da sua própria natureza (Gn 1.4,10,12,18,21,25,31). Ele continua sendo bom para sua criação, ao sustentá-la, para o bem de todas as suas criaturas (Sl 104.10-28; 145.9). Ele cuida até dos ímpios (Mt 5.45; At 14.17). Deus é bom, principalmente para os seus, que o invocam em verdade (Sl 145.18-20).

Deus é amor (1 Jo 4.8). Seu amor é altruísta, pois abraça o mundo inteiro, composto de humanidade pecadora (Jo 3.16; Rm 5.8). A manifestação principal desse seu amor foi a de enviar seu único Filho, Jesus, para morrer em lugar dos pecadores (1 Jo 4.9,10). Além disso, Deus tem amor paternal especial àqueles que estão reconciliados com Ele por meio de Jesus (Jo 16.27).

Deus é misericordioso e clemente (Êx 34.6; Dt 4.31; 2 Cr 30.9; 'Sl 103.8; 145.8; Jl 2.13); Ele não extermina o ser humano conforme merecemos devido aos nossos pecados (Sl 103.10), mas nos outorga o seu perdão como dom gratuito a ser recebido pela fé em Jesus Cristo.

Deus é compassivo (2 Rs 13.23; Sl 86.15; 111.4). Ser compassivo significa sentir tristeza pelo sofrimento doutra pessoa, com

desejo de ajudar. Deus, por sua compaixão pela humanidade, proveu-lhe perdão e salvação (cf. Sl 78.38). Semelhantemente, Jesus, o Filho de Deus, demonstrou compaixão pelas multidões ao pregar o evangelho aos pobres, proclamar libertação aos cativos, dar vista aos cegos e pôr em liberdade os oprimidos (Lc 4.18; cf. Mt 9.36; 14.14; 15.32; 20.34; Mc 1.41; Mc 6.34).

Deus é paciente e lento em irar-se (Êx 34.6; Nm 14.18; Rm 2.4; 1 Tm 1.16). Deus expressou esta característica pela primeira vez no jardim do Éden após o pecado de Adão e Eva, quando deixou de destruir a raça humana conforme era seu direito (Gn 2.16,17). Deus também foi paciente nos dias de Noé, enquanto a arca estava sendo construída (1 Pe 3.20). E Deus continua demonstrando paciência com a raça humana pecadora; Ele não julga na devida ocasião, pois destruiria os pecadores, mas na sua paciência concede a todos a oportunidade de se arrependerem e serem salvos (2 Pe 3.9).

Deus é a verdade (Dt 32.4; Sl 31.5; Is 65.16; Jo 3.33). Jesus chamou-se a si mesmo “a verdade” (Jo 14.6), e o Espírito é chamado o “Espírito da verdade” (Jo 14.17; cf. 1 Jo 5.6). Porque Deus é absolutamente fidedigno e verdadeiro em tudo quanto diz e faz, a sua Palavra também é chamada a verdade (2 Sm 7.28; Sl 119.43; Is 45.19; Jo 17.17). Em harmonia com este fato, a Bíblia deixa claro que Deus não tolera a mentira nem falsidade alguma (Nm 23.19; Tt 1.2; Hb 6.18).

Deus é fiel (Êx 34.6; Dt 7.9; Is 49.7; Lm 3.23; Hb 10.23). Deus fará aquilo que Ele tem revelado na sua Palavra; Ele cumprirá tanto as suas promessas, quanto as suas advertências (Nm 14.32-35; 2 Sm 7.28; Jó 34.12; At 13.23,32,33; 2 Tm 2.13). A fidelidade de Deus é de consolo inexprimível para o crente, e grande medo de condenação para todos aqueles que não se arrependerem nem crerem no Senhor Jesus (Hb 6.4-8; 10.26-31).

Deus é justo (Dt 32.4; 1 Jo 1.9). Ser justo significa que Deus mantém a ordem moral do universo, é reto e sem pecado na sua maneira de tratar a humanidade (Ne 9.33; Dn 9.14). A decisão de Deus de castigar com a morte os pecadores (Rm 5.12) procede da sua justiça (Rm 6.23; cf. Gn 2.16,17); sua ira contra o pecado decorre do seu amor à justiça (Rm 3.5,6; ver Jz 10.7). Ele revela a sua ira contra todas as formas da iniquidade (Rm 1.18), principalmente a idolatria (1 Rs 14.9,15,22), a incredulidade (Sl 78.21,22; Jn 3.36) e o tratamento injusto com o próximo (Is 10.1-4; Am 2.6,7). Jesus Cristo, que é chamado o “Justo” (At 7.52; 22.14; At 3.14), também ama a justiça e abomina o mal (Mc 3.5; Rm 1.18; Hb 1.9). Note

que a justiça de Deus não se opõe ao seu amor. Pelo contrário, foi para satisfazer a sua justiça que Ele enviou Jesus a este mundo, como sua dívida de amor (Jo 3.16; 1 Jo 4.9,10) e como seu sacrifício pelo pecado em lugar do ser humano (Is 53.5,6; Rm 4.25; 1 Pe 3.18), a fim de nos reconciliar consigo mesmo (2 Co 5.18-21). A revelação final que Deus fez de si mesmo está em Jesus Cristo (Jo 1.18; Hb 1.1-4); noutras palavras, se quisermos entender completamente a pessoa de Deus, devemos olhar para Cristo, porque nEle habita toda a plenitude da divindade (Cl 2.9).

ATIVIDADES – LIÇÃO II

• Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) ☐ A maçonaria é uma instituição filosófica, filantrópica e evolucionista, que proclama a prevalência do espírito sobre a matéria e empenha-se no aperfeiçoamento moral, intelectual e social da humanidade.
- 2) ☐ As lojas maçônicas tiveram origem nas associações medievais dos pedreiros que construíam as catedrais. Esses pedreiros mantinham em segredo certos conhecimentos profissionais, e daí nasceu a crença nos "segredos maçônicos", que já a partir do século XVIII existiam apenas de maneira simbólica.
- 3) ☐ É impossível a um verdadeiro cristão ser fiel a Cristo e ao mesmo tempo ser membro de uma sociedade secreta dominada por homens e princípios anticristãos, como a maçonaria.
- 4) ☐ O Confucionismo é uma religião oriental baseada nas ideias do filósofo chinês Confúcio.
- 5) ☐ No Confucionismo, entre as várias práticas rituais, privilegia-se o culto aos antepassados, considerado a base primordial da "religião dos chineses".
- 6) ☐ Confúcio recebeu "atributos divinos" à medida que os governantes chineses se estabeleciam no poder. Paulatinamente ele foi "crescendo em divindade". Contudo, não se deu assim com Deus, pelo contrário, todos os seus atributos são exclusivos dEle.

. Anotações:

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Lição III

Espiritismo

Anotações:

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

ESPIRITISMO

O Espiritismo é uma doutrina espiritualista com base filosófica e religiosa. Sua origem data do século XIX, época em que o então professor e pedagogo Hippolyte Léon Denizard Rivail, adotando o pseudônimo de Allan Kardec, concentrou em cinco obras básicas ensinamentos colhidos a partir dos depoimentos de várias pessoas tidas como tendo a faculdade de se comunicar com os chamados "mortos" em vários países, os quais foram atribuídos aos *espíritos superiores* também denominados *espíritos mais evoluídos*.

O Espiritismo defende a interação incessante dos seres espirituais, os quais são denominados *desencarnados* na vida cotidiana e procura expor uma explicação racional comprovável por estudos científicos para diversos fenômenos paranormais, desde a existência e comunicação com os espíritos até a existência de Deus.

A base filosófica para o Espiritismo é o Livro dos Espíritos, o primeiro livro das obras básicas da doutrina dos espíritos. Neste livro, estão inseridas perguntas desenvolvidas por Kardec que teriam sido respondidas pelos espíritos em sessões mediúnicas com técnicas diversificadas de *psicografia*.

Essas questões, numeradas de 1 a 1019, serviram como base para os demais livros.

Com a ajuda de teorias sobre o magnetismo oriundas da época da Revolução Francesa, foram desenvolvidas teorias para a causa dos efeitos paranormais que provocavam o movimento das *mesas girantes*.

A doutrina tem inspiração cristã, com base filosófica positivista, com concepções teológicas bem diferenciadas no que diz respeito à divindade, à humanidade, salvação, graça e destino. Um elemento fundamental é a crença na reencarnação.

1. PRINCÍPIOS ESPIRITISMO:

- (a) Existência de Deus;
- (b) Concepção tríplice do homem: Espírito – Perispírito – Corpo Físico;
- (c) Sobrevivência do Espírito como individualidade;
- (d) Continuidade da responsabilidade individual;
- (e) Progressividade do Espírito dentro do processo evolutivo em todos os níveis da natureza;
- (f) Comunicação mediúnica disciplinada voltada para o esclarecimento e a consolação de encarnados e desencarnados;
- (g) Volta do Espírito à matéria (reencarnação) tantas vezes quantas necessárias para alcançar a perfeição relativa a que se destina, não admitindo, no entanto, a *metempsicose*, ou seja, a volta do Espírito no corpo de animal para pagar dívidas, como aceita o Hinduísmo. Conforme o Espiritismo, o Espírito não retroage;
- (h) Ausência total de hierarquia sacerdotal;
- (i) Abnegação na prática do bem, ou seja, não se cobra nada por esta ou aquela atividade espírita;
- (j) Terminologia própria, como por exemplo, perispírito, Lei de Causa e Efeito, médium, Centro Espírita, e nunca corpo astral, karma, Exu, Orixá, "cavalo", "aparelho", "terreiro", "encosto", vocábulos utilizados por outras religiões e que não têm uso no meio espírita;
- (k) Total ausência de culto material (imagens, altares, roupas especiais, oferendas, velas, rituais, utilização de bebidas alcoólicas, cigarros, charutos, defumadores, incensos, etc.);
- (l) Na prática espírita não há batismo nem culto ou cerimônia para oficializar casamento;
- (m) Incentivo aos praticantes ao respeito a todas as demais religiões, embora não incorpore ao seu corpo doutrinário os princípios e rituais das mesmas;
- (n) A moral espírita é a moral cristã: "Fazer ao próximo aquilo que dele se deseja".

Embora a doutrina espírita não seja oriunda do Brasil, este é o país que possui a maior quantidade de seguidores do espiritismo.

2. ORIGEM

Os espíritas adotaram como oficial a data de 31 de março de 1848 como o início das manifestações espirituais mais difundidas ao ponto de merecer um estudo mais apurado. Entretanto, segundo a visão dos seguidores da doutrina espírita, fatos e acontecimentos envolvendo espíritos (personalidades sem corpos físicos) existem desde sempre.

Os espíritas citam como exemplo os comentários de Sócrates e Platão ao falarem sobre os "daimons", os de Moisés, que proibiu as comunicações mediúnicas usadas para diversão, os de Jesus, que os disciplinou para o bem, e os contidos na obras da codificação espírita, organizadas por Allan Kardec.

3. APLICAÇÃO DO MÉTODO CIENTÍFICO DE ALLAN KARDEC

Allan Kardec é convidado por Fortier, um amigo estudioso das teorias de Mesmer, a verificar o fenômeno das *mesas girantes* e foi disposto a observar e analisar os fenômenos.

Segundo os espíritas, as primeiras manifestações inteligentes aconteceram por meio de mesas se lavantando e batendo, com um dos pés, um número determinado de pancadas e respondendo desse modo *sim* ou *não*, segundo fora convencionado, a uma questão proposta.

Kardec concluiu que não havia nada de convincente neste método para os céticos, porque se podia acreditar num efeito da eletricidade até então desconhecido pela ciência. Foram então utilizados métodos para se obter respostas mais desenvolvidas por meio das letras do alfabeto: o objeto móvel, batendo um número de vezes correspondente ao número de ordem de cada letra, chegava a formular palavras e frases respondendo às perguntas propostas.

A precisão das respostas e sua correlação com a pergunta causaram espanto na época. O ser misterioso que assim respondia, quando interrogado sobre sua natureza, declarou que era um *Espírito* ou *gênio*, deu o seu nome e forneceu diversas informações a seu respeito.

4. CODIFICAÇÃO DAS MENSAGENS

Em 1850, Kardec começou a se dedicar a estudos de fenômenos, que começaram a chamar sua atenção.

A partir de 1848, em Hydesville nos Estados Unidos, no que ficou conhecido como o caso das irmãs Fox. Essas primeiras manifestações espíritas consistiam em ruídos, batidas e movimentos de objetos sem causa conhecida, que ocorriam com frequência.

Kardec começou então a observar fenômenos semelhantes conhecidos como "mesas girantes", onde mesas, segundo ele e diversas testemunhas, giravam sozinhas nos salões franceses, o que se continha em diversão para seus frequentadores. Esses fenômenos foram atribuídos, mais tarde, por Kardec, à influência de *espíritos* de seres humanos que já faleceram e usavam o magnetismo para interagir com o mundo dos vivos.

Segundo os espíritas, esses fenômenos das mesas ocorriam na França e em diversos lugares do mundo e, observados por Kardec serviram de base para o início de seus estudos.

Como cientista concluiu que precisaria uma inteligência para provocar manifestações inteligentes como as respostas precisas das mesas. Durante as pesquisas, Kardec manteve-se cético, procurando fraudes, e encontrando muitas. No caso específico de algumas mesas, jamais encontrou provas de manipulação humana.

Como certamente as mesas não seriam por si só inteligentes, precisava existir alguma força capaz de movê-las, e da forma como faziam, deveriam haver inteligências por trás daquelas manifestações.

Em função dos fenômenos que Kardec acreditou que realmente não eram fraudes, foram escritos cinco livros. Estes acabaram por se constituir como a base da Doutrina Espírita..

5. PRECEITOS BÁSICOS

Segundo os espíritas, existem alguns preceitos básicos do espiritismo:

- (a) Deus é a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas. É eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom.
- (b) O Universo é criação de Deus. Abrange todos os seres racionais e irracionais, animados e inanimados, materiais e imateriais.
- (c) Além do mundo corporal, habitação dos espíritos encarnados, que são os homens, existe o mundo espiritual, habitação dos espíritos desencarnados.

- (d) No Universo há outros mundos habitados, com seres de diferentes graus de evolução: iguais, mais evoluídos e menos evoluídos que os humanos.
- (e) Todas as leis da Natureza são leis divinas, pois que Deus é o seu autor. Abrangem tanto as leis físicas como as leis morais.
- (f) O ser humano é um espírito encarnado em um corpo material. O perispírito é o corpo semimaterial que une o espírito ao corpo material.
- (g) Os espíritos são os seres inteligentes da criação. Constituem o mundo dos espíritos, que preexiste e sobrevive a tudo.
- (h) Os espíritos são criados simples e ignorantes. Evoluem, intelectual e moralmente, passando de uma ordem inferior para outra mais elevada, até a atingir a perfeição, onde gozam de inalterável felicidade.
- (i) Os espíritos preservam sua individualidade, antes, durante e depois de cada encarnação.
- (j) Os espíritos reencarnam tantas vezes quantas forem necessárias ao seu próprio aprimoramento.
- (k) Os espíritos evoluem sempre. Em suas múltiplas existências corpóreas podem estacionar, mas nunca regredem. A rapidez do seu progresso intelectual e moral depende dos esforços que façam para chegar à perfeição.
- (l) Os espíritos pertencem a diferentes ordens, conforme o grau de perfeição que tenham alcançado: espíritos puros, que atingiram a perfeição máxima; bons espíritos, nos quais o desejo do bem é o que predomina; espíritos imperfeitos, caracterizados pela ignorância, pelo desejo do mal e pelas paixões inferiores.
- (m) As relações dos espíritos com os homens são constantes e sempre existiram.
- (n) Os bons espíritos nos atraem para o bem, sustentam-nos nas provas da vida e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação. Os imperfeitos nos induzem ao erro.
- (o) Jesus é o guia e modelo para toda a Humanidade. E a Doutrina que ensinou e exemplificou é a expressão mais pura da Lei de Deus.
- (p) A moral do Cristo, contida no Evangelho, é o roteiro para a evolução segura de todos os homens, e a sua prática é a solução para todos os problemas humanos e o objetivo a ser atingido pela Humanidade.

- (q) O homem tem o livre-arbítrio para agir, mas responde pelas consequências de suas ações.
- (r) A vida futura reserva aos homens penas e gozos compatíveis com o procedimento de respeito ou não à Lei de Deus.
- (s) A prece é um ato de adoração a Deus. Está na lei natural e é o resultado de um sentimento inato no homem, assim como é inata a ideia da existência do Criador.
- (t) A prece torna melhor o homem. Aquele que ora com fervor e confiança se faz mais forte contra as tentações do mal e Deus lhe envia bons espíritos para assisti-lo. É este um socorro que jamais se lhe recusa, quando pedido com sinceridade.

6. PRÁTICA ESPÍRITA

Para os espíritas existem alguns preceitos referentes à prática da doutrina:

- (a) Toda a prática espírita é gratuita, como orienta o princípio moral do Evangelho: *Dai de graça o que de graça recebestes*.
- (b) A prática espírita é realizada com simplicidade, sem nenhum culto exterior, dentro do princípio cristão de que Deus deve ser adorado em espírito e verdade.
- (c) O Espiritismo não tem sacerdotes e não adota e nem usa em suas reuniões e em suas práticas: altares, imagens, andores, velas, procissões, sacramentos, concessões de indulgência, paramentos, bebidas alcoólicas ou alucinógenas, incenso, fumo, talismãs, amuletos, horóscopos, cartomancia, pirâmides, cristais ou quaisquer outros objetos, rituais ou formas de culto exterior.
- (d) O Espiritismo não impõe os seus princípios, expõe. Convida os interessados em conhecê-lo a submeterem os seus ensinamentos ao crivo da razão, antes de aceitá-los.
- (e) A mediunidade, que permite a comunicação dos espíritos com os homens, é uma faculdade que muitas pessoas trazem consigo ao nascer, independentemente da religião ou da diretriz doutrinária de vida que adotem.
- (f) A prática mediúnica espírita só é aquela que é exercida com base nos princípios da Doutrina Espírita e dentro da moral cristã.

- (g) O Espiritismo respeita todas as religiões e doutrinas, valoriza todos os esforços para a prática do bem e trabalha pela confraternização e pela paz entre todos os povos e entre todos os homens, independentemente de sua raça, cor da pele, nacionalidade, crença, nível cultural ou social.
- (h) Reconhece, ainda, que *o verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza.*

7. REFUTAÇÃO E DEFESA BÍBLICA

A partir deste tópico, apresentamos uma defesa bíblica da verdadeira fé cristã utilizando a Palavra de Deus como ferramenta de combate.

Embora, saibamos que em suas argumentações, os doutrinadores espíritas, usando geralmente uma linguagem reverente, citam textos bíblicos na ânsia de provar que suas doutrinas encontram apoio nos textos bíblicos e assim também se constituem parte do cristianismo. Igualmente, não temos nenhuma dúvida que são capazes de negar imediatamente que a Bíblia é um livro inspirado por Deus e de rotulá-la como velha e ultrapassada quando — se lhes interessa — alguém cita algum dos textos bíblicos que condenam as suas práticas diabólicas.

Igualmente, sabemos que existem espíritas sinceros que, infelizmente estão entregues inocentemente a essas práticas, os quais supõem estar obedecendo à vontade de Deus, observando seus mandamentos, quando na realidade estão negando o próprio Deus e desprezando seu amor e sua misericórdia.

7.1. EXISTÊNCIA DE DEUS

Ainda que o Espiritismo afirme crer na existência de Deus, quando observamos o conceito de Deus desenvolvido pelos espíritas, não encontramos nenhuma semelhança com o Deus do qual a Bíblia faz menção. Portanto desenvolvemos uma abordagem bíblica com objetivos apologéticos, como segue.

A Bíblia não procura oferecer-nos qualquer prova racional quanto à existência de Deus. Pelo contrário: ela já começa tomando a sua existência como pressuposição básica: “No princípio, Deus” (Gn 1.1). Deus existe! Ele é o ponto de partida. Por toda a Bíblia, há evidências

substanciais em favor de sua existência. Se de um lado “disseram os néscios no seu coração: não há Deus” (Sl 14.1); por outro: “os céus manifestam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras de suas mãos” (Sl 19.1).

Aqueles que se dão ao estudo comparativo das religiões são unânimes em testemunhar que a crença na existência de Deus é de natureza praticamente universal. Essa crença acha-se arraigada até entre as nações e tribos menos civilizadas da terra. Contudo, isto não quer dizer que não exista aqui e ali indivíduos que negam completamente a existência de Deus. As Escrituras nos revela um ser supremo e pessoal, existente por si; consciente e de infinita perfeição, que faz todas as coisas de acordo com um plano predeterminado.

Na primeira página da Bíblia encontramos a inequívoca declaração: “No princípio... Deus...” (Gn 1.1). Ainda que a teologia tenha a existência de Deus como fato fundamental e plenamente razoável e independente da fé, não se propõem a demonstrá-la por meio de argumentos lógicos.

A Bíblia não é nenhum diário de Deus, reunindo todas as indagações da mente humana sobre Ele. Há nela, sim, o suficiente a mente finita do homem limitado. A pessoa que para provar a existência de Deus, vai além do que a Bíblia diz, do que a criação testifica, do que o Espírito Santo e a Bíblia revelam, pode levar o inquiridor a resultados inúteis ou desnecessários.

Inúteis, se o investigador não crê. Ele “busca” a Deus apenas por curiosidade, especulação até falsa pretensão. Desnecessários porque se tenta forçar uma pessoa que não tem fé, a crer em Deus apenas por meio de argumentos lógicos. Ora esse tipo de fé é apenas de convivência, e não honra a Deus, uma vez que não vem por Ele. É a fé humana que não alcança a revelação divina.

O cristão temente a Deus aceita por fé a verdade da sua existência segundo a revelação contida na Bíblia. Não se trata de fé cega, mas de fé que se baseia nas Escrituras (Hb 11.6).

A Bíblia não só revela Deus como criador de todas as coisas (Gn 1.1), mas também o Sustentador de todas as coisas (Mt 6.26; Lc 12.24; Hb 1.3), e como o dirigente dos destinos de indivíduos e nações (Sl 22.28). A Bíblia afirma que Deus fez todas as coisas segundo o conselho de sua vontade (Ef 1.11), revelando assim a realização gradual de seu grande e eterno propósito de redenção.

7.1.1. A PERSONALIDADE DE DEUS

Neste ponto, abordamos alguns aspectos da personalidade de Deus, pois a partir destes elementos podemos com clareza diferenciar o Deus da Bíblia com outros que são apresentados como deuses, mas não são.

As Escrituras nos apresentam, além de ser espiritual e vivo, Deus é pessoal. Ele é um ser individual, com autoconsciência e vontade, capaz de sentir, escolher e ter um relacionamento recíproco com outros seres pessoais e sociais.

O fato de que Deus tem personalidade é indicado de várias maneiras nas Escrituras. Uma delas é que Deus possui um nome. Ele possui um nome que atribui a si mesmo e pelo qual se revela. Nos tempos bíblicos, os nomes não eram meros rótulos para distinguir uma pessoa da outra.

Em nossa sociedade impessoal, pode parecer que seja assim. Raramente escolhem-se nomes em razão de seu significado; antes, os pais escolhem o nome porque gostam dele ou porque ele é popular naquele momento. O pensamento hebreu, no entanto, era bem diferente. O nome era escolhido com muito cuidado, dando-se atenção aos seus significados.

Quando Moisés indagou como deveria responder quando os israelitas perguntassem o nome do Deus que lhe havia enviado, Deus se identifica como “Eu Sou” ou “Eu SEREI” (Javé, Jeová, o Senhor - Êx 3.14). Desse modo ele demonstra que ele não é um ser abstrato, incognoscível, ou uma força sem nome. Esse nome também não é usado apenas como uma referência a Deus ou para descrevê-lo.

É usado igualmente para invocá-lo. Gênesis 4.26 indica que os humanos começaram a invocar o nome do Senhor. O Salmo 20 fala de gloriar-se no nome do Senhor (v. 7) e em clamar a ele (v. 9). O nome deve ser pronunciado e tratado com respeito, de acordo com Êxodo 20.7. O grande respeito dispensado ao nome é uma indicação da personalidade de Deus.

Outra indicação da natureza pessoal de Deus é a atividade em que ele se engaja. A Bíblia descreve um Deus que conhece pessoas humanas e tem comunhão com elas. No primeiro quadro de seu relacionamento com elas (Gn 3), Deus chega a Adão e a Eva e fala com eles, dando a impressão de que se tratava de uma prática costumeira.

Embora essa representação de Deus seja sem dúvida antropomórfica, ensina que ele é uma pessoa que se relacionava com as pessoas como tal. Ele é descrito com todas as capacidades associadas à personalidade: ele sabe, sente, deseja, age.

Há uma série de implicações decorrentes. Porque Deus é uma pessoa, o relacionamento que temos com ele tem uma dimensão de carinho e compreensão. Deus não é uma máquina ou um computador que supre automaticamente as necessidades das pessoas. Ele é um bom Pai que conhece e ama.

Além disso, nosso relacionamento com Deus não é uma rua de mão única. Deus é, com certeza, um objeto de respeito e reverência. Mas ele não recebe e aceita simplesmente o que oferecemos. Ele é um ser vivo recíproco. Não é apenas alguém sobre quem ouvimos, mas alguém que encontramos e conhecemos. Por conseguinte, Deus deve ser tratado como um ser, não um objeto ou força. Ele não é algo que deva ser usado ou manipulado.

Deus é um fim em si, não um meio para atingir um fim. Ele tem valor para nós pelo que é em si, não pelo que faz. A razão do primeiro mandamento, “Não terás outros deuses diante de mim” (Êx 20.3), é dada no versículo precedente: “Eu sou o SENHOR, teu Deus, que te tirei da terra do Egito”. Entendemos mal a passagem se interpretamos que os israelitas deveriam colocar a Deus em primeiro lugar por causa do que ele havia feito - que, por gratidão, deveriam torná-lo seu único Deus. Antes, o que ele fez era a prova daquilo que ele é; por ser o que é, Deus deve ser amado e servido, apenas de modo supremo, mas também exclusivo. Deus, como pessoa, deve ser amado pelo que é, não pelo que pode fazer por nós.

7.1.2. DEUS SE REVELA COMO UM SER PESSOAL

Deus se revela como um ser pessoal que criou Adão e Eva “à sua imagem”. “E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou”. (Gn 1.27). O homem e a mulher, igualmente, foram criados à “imagem” e “semelhança” de Deus. À base dessa imagem, podiam comunicar-se com Deus, ter comunhão com Ele e expressar de modo incomparável o seu amor, glória e santidade. Eles fariam isso conhecendo a Deus e obedecendo-o.

- (a) Eles tinham semelhança moral com Deus, pois não tinham pecado, eram santos, tinham sabedoria, um coração amoroso e o poder de

decisão para fazer o que era certo. Viviam em comunhão pessoal com Deus, que abrangia obediência moral e plena comunhão. Quando Adão e Eva pecaram, sua semelhança moral com Deus foi desvirtuada (Gn 6.5). Na redenção, os crentes devem ser renovados segundo a semelhança moral original (Ef 4.22-24; Cl 3.10).

- (b) Adão e Eva possuíam semelhança natural com Deus. Foram criados como seres pessoais tendo espírito, mente, emoções, autoconsciência e livre arbítrio.
- (c) Em certo sentido, a constituição física do homem e da mulher retrata a imagem de Deus, o que não ocorre no reino animal. Deus pôs nos seres humanos a imagem pela qual Ele apareceria visivelmente a eles (Gn 18.1,2, 22) e a forma que seu Filho um dia viria a ter (Lc 1.35; Fp 2.7; Hb 10.5).
- (d) O fato dos seres humanos terem sido feitos à imagem de Deus não significa que são divinos. Foram criados segundo uma ordem inferior e dependentes de Deus (Sl 8.5).
- (e) Toda a vida humana provém inicialmente de Adão e Eva (Gn 3.20; At 17.26; Rm 5.12).
- (f) Segundo o Dr. Shedd a “Imagem de Deus” significa ser dotado das faculdades de raciocinar, de expressar emoções e de agir voluntariamente. Particularmente, indica a capacidade que o homem tem de manter íntima comunhão com o seu criador.
- (g) Eis o comentário do Dr. S.I. Scofield acerca de “imagem e semelhança”: “Esta imagem se encontra principalmente no fato do homem ser pessoal, racional e moral”. Embora Deus seja infinito e o homem finito, o homem possui os elementos da personalidade semelhantes aos da Pessoa divina: pensamento (Gn 2.19-20); sentimento (Gn 3.6); vontade (Gn 3.6-7);
- (h) Que o homem tem natureza moral está implícito no registro e fica mais tarde evidenciado pelo Novo Testamento. (Ef 4.23-24; Cl 3.10). De acordo com 1 Ts 5.23 o homem também é uma tríade composto de corpo, alma e espírito; mas, considerando que “Deus é espírito” (Jo 4.24), esta natureza tríplice do homem não deve ser confundida com a original “imagem e semelhança” de Deus que, sendo espiritual, relaciona-se com os elementos da personalidade.”

7.1.3. A REVELAÇÃO DE DEUS NA CRIAÇÃO

A concepção do espiritismo acerca da criação segue os seguintes passos: “O Universo é criação de Deus. Abrange todos os seres racionais e irracionais, animados e inanimados, materiais e imateriais; além do mundo corporal, habitação dos espíritos encarnados, que são os homens, existe o mundo espiritual, habitação dos espíritos desencarnados; no Universo há outros mundos habitados, com seres de diferentes graus de evolução: iguais, mais evoluídos e menos evoluídos que os humanos”.

Que dizem as Santas Escrituras? Em Gênesis capítulo primeiro encontramos: “No princípio, criou Deus os céus e a terra” (Gn 1.1). Deus se revela na Bíblia como um ser infinito, eterno, auto-existente (no princípio) e como a Causa Primária de tudo o que existe (criou os céus e a terra). A eternidade de Deus é enfatizada por toda a Escritura, pois nunca houve um momento em que Deus não existisse.

Afirma Moisés: “Antes que os montes nascessem, ou que tu formasses a terra e o mundo, sim, de eternidade a eternidade, tu és Deus” (Sl 90.2). Noutras palavras, Deus existiu eterna e infinitamente antes de criar o universo finito. Ele é anterior a toda criação, no céu e na terra, está acima e independe dela (1 Tm 6.16; Cl 1.16).

Deus se revela como um ser pessoal que criou Adão e Eva “à sua imagem” (Gn 1.27). Porque Adão e Eva foram criados à imagem de Deus, podiam comunicar-se com Ele, e também com Ele ter comunhão de modo amoroso e pessoal.

Deus também se revela como um ser moral que criou tudo bom e, portanto, sem pecado. Ao terminar Deus a obra da criação, contemplou tudo o que fizera e observou que era “muito bom” (Gn 1.31).

Posto que Adão e Eva foram criados à imagem e semelhança de Deus, eles também não tinham pecado (Gn 1.26). O pecado entrou na existência humana quando Eva foi tentada pela serpente, ou Satanás (Gn 3; Rm 5.12; Ap 12.9).

7.1.3.1. ATIVIDADE DE DEUS NA CRIAÇÃO

Deus criou todas as coisas em “os céus e a terra” (Gn 1.1; Is 40.28; 42.5; 45.18; Mc 13.19; Ef 3.9; Cl 1.16; Hb 1.2; Ap 10.6). O verbo “criar” (hb. “bara”) é usado exclusivamente em referência a uma atividade que somente Deus pode realizar. Significa que, num momento específico, Deus criou a matéria e a substância, que antes nunca existiram (Gn 1.3).

A Bíblia diz que no princípio da criação a terra estava informe, vazia e coberta de trevas (Gn 1.2). Naquele tempo o universo não tinha a forma ordenada que tem agora. O mundo estava vazio, sem nenhum ser vivente e destituído do mínimo vestígio de luz. Passada essa etapa inicial, Deus criou a luz para dissipar as trevas (Gn 1.3-5), deu forma ao universo (Gn 1.6-13) e encheu a terra de seres viventes (Gn 1.20-28).

O método que Deus usou na criação foi o poder da sua palavra. Repetidas vezes está declarado: “E disse Deus...” (Gn 1.3,6,9,11,14,20,24,26). Noutras palavras, Deus falou e os céus e a terra passaram a existir. Antes da palavra criadora de Deus, eles não existiam (Sl 33.6,9; 148.5; Is 48.13; Rm 4.17; Hb 11.3).

Toda a Trindade, e não apenas o Pai, desempenhou sua parte na criação. O próprio Filho é a Palavra (“Verbo”) poderosa, através de quem Deus criou todas as coisas.

No prólogo do Evangelho segundo João, Cristo é revelado como a eterna Palavra de Deus (Jo 1.1). “Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez” (Jo 1.3). Semelhantemente, o apóstolo Paulo afirma que por Cristo “foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis... tudo foi criado por Ele e para Ele” (Cl 1.16). Finalmente, o autor do Livro de Hebreus afirma enfaticamente que Deus fez o universo por meio do seu Filho (Hb 1.2).

Semelhantemente, o Espírito Santo desempenhou um papel ativo na obra da criação. Ele é descrito como “pairando” (“se movia”) sobre a criação, preservando-a e preparando-a para as atividades criadoras adicionais de Deus. A palavra hebraica traduzida por “Espírito” (*ruah*) também pode ser traduzida por “vento” e “fôlego”. Por isso, o salmista testifica do papel do Espírito, ao declarar: “Pela palavra do Senhor foram feitos os céus; e todo o exército deles, pelo espírito (*ruah*) da sua boca” (Sl 33.6). Além disso, o Espírito Santo continua a manter e sustentar a criação (Jó 33.4; Sl 104.30).

7.2. QUEM É O HOMEM?

A doutrina espírita desenvolveu a seguinte forma de entendimento sobre o homem:

- (a) Sobrevivência do *espírito* como individualidade;
- (b) *continuidade* da responsabilidade individual;

- (c) *progressividade* do espírito dentro do processo evolutivo em todos os níveis da natureza;
- (d) *volta* do espírito à matéria (reencarnação) tantas vezes quantas necessárias para alcançar a perfeição relativa a que se destina.

Conquanto, o primeiro ponto da doutrina espírita, no parágrafo anterior, seja verdadeiro, o desfecho, no entanto, descamba para o reino das trevas, sem nenhum respaldo bíblico.

A doutrina da unidade da humanidade prega que todos os seres humanos, masculino e feminino, de todas as raças, tiveram sua origem em Adão e Eva (Gn 1.27,28; 2.7,22; 3.20; 9.19; At 17.26). Que tanto os homens quanto as mulheres estão inclusos na imagem de Deus, está claro em Gn 1.27: “Macho e Fêmea os criou”.

Na criação do homem, Deus o fez voltado para duas dimensões: uma material e outra, espiritual. O homem é imagem de Deus pelo elemento espiritual que lhe foi dado. No ato da criação, a parte material do homem foi feita de modo direto e imediato, e de material existente. O texto bíblico declara: “E formou o Senhor Deus o homem do pó da Terra” (Gn 2.7). Porém, a parte imaterial foi outorgada, uma vez que não foi feita de matéria existente.

O Espiritismo desenvolveu uma concepção tríplice do homem, ou seja *espírito, perispírito, corpo físico*. No entanto, a Bíblia apresenta o homem como possuidor de corpo, alma e espírito

A Palavra de Deus trata o homem como sendo tripartido: espírito, alma e corpo. Assim, lemos em 1 Tessalonicenses 5.23: “E o próprio Deus de paz vos santifique completamente; e o vosso espírito, e alma e corpo sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.” Este verso mostra precisamente que o homem todo é dividido em três partes.

O apóstolo Paulo refere-se aqui à santificação completa dos crentes dizendo “vos santifique completamente”. Como, segundo o Apóstolo, uma pessoa é santificada completamente? Pela conservação do seu espírito, alma e corpo. Por isso podemos facilmente entender que a pessoa toda abrange essas três partes.

O homem que Deus formou era notavelmente diferente de todos os outros seres criados. Quando Deus criou o homem Ele lhe deu uma liberdade perfeita. Ele não fez dele um autômato, controlado

automaticamente por Sua vontade. Isto é evidente em Gênesis 2, quando Deus instruiu o homem original a respeito de qual fruto ele poderia ou não comer.

O homem que Deus criou não era uma máquina dirigida por Deus; pelo contrário, ele possuía perfeita liberdade de escolha. Se ele escolhesse obedecer a Deus, assim seria; se decidisse rebelar-se contra Deus, poderia fazer isso também. O homem tinha em sua posse uma soberania pela qual poderia exercitar sua vontade escolhendo obedecer ou não. Este é um ponto muito importante, pois devemos reconhecer que em nossa vida espiritual Deus nunca nos priva da nossa liberdade. A menos que cooperemos ativamente, Deus não realizará nada em nós. Nem Deus, nem o diabo podem fazer qualquer obra, sem primeiro obterem nosso consentimento, porque a vontade do homem é livre.

O espírito do homem era, originalmente, a parte mais elevada de todo o seu ser ao qual alma e corpo deviam se submeter. Sob condições normais o espírito é como a patroa, a alma como o mordomo e o corpo como o criado. A patroa entrega as coisas ao mordomo que por sua vez ordena ao criado que as faça. A patroa dá as ordens em particular ao mordomo; mordomo as transmite abertamente ao criado. O mordomo parece ser o senhor de tudo, mas na realidade quem domina sobre tudo é a patroa. Infelizmente o homem caiu; ele foi vencido e pecou; conseqüentemente, a ordem correta de espírito, alma e corpo ficou misturada.

Deus concedeu ao homem um poder soberano e outorgou muitos dons à alma humana. Pensamento, vontade ou intelecto e intenção estão entre as porções mais proeminentes. O propósito original de Deus é que a alma humana receba e assimile a verdade e a essência da vida espiritual de Deus. Ele concedeu dons aos homens para que pudessem receber o conhecimento e vontade de Deus como sendo deles mesmos.

Se o espírito e alma do homem mantivessem sua perfeição original, saúde e vigor, então seu corpo poderia continuar para sempre sem mudança. Se ele exercitasse sua vontade tomando e comendo do fruto da vida, a própria vida de Deus indubitavelmente entraria em seu espírito, penetraria sua alma, transformaria completamente seu homem interior e converteria seu corpo em incorruptibilidade. Ele estaria então, literalmente, de posse da "vida eterna". Naquele acontecimento, sua vida da alma seria totalmente cheia com a vida espiritual e seu ser inteiro seria transformado naquilo que é espiritual.

De forma contrária, se a ordem do espírito e alma fosse invertida, então o homem precipitaria nas trevas e o corpo humano não poderia resistir muito tempo e logo se corromperia.

Sabemos que a alma do homem escolheu a árvore do conhecimento do bem e do mal, ao invés da árvore da vida. Porém, não está claro que a vontade de Deus para Adão era que ele comesse do fruto da árvore da vida? Sim, porque antes de proibi-lo de comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal e adverti-lo que no dia em que dele comesse morreria (Gn 2.17), Ele primeiro ordenou que Adão comesse livremente de toda árvore do jardim e propositalmente mencionou a árvore da vida no meio do jardim. Quem pode dizer que isto não é assim?

“O fruto do conhecimento do bem e do mal” eleva a alma e abafa o espírito. Deus não proíbe o homem de comer deste fruto apenas para testá-lo. Ele o proíbe por saber que ao comer esse fruto, a alma do homem será tão estimulada a ponto de abafar a vida do espírito. Isso quer dizer que o homem perderá o verdadeiro conhecimento de Deus e estará assim morto para Ele.

A proibição de Deus revela Seu amor. O conhecimento do bem e do mal neste mundo é em si mesmo mal. Tal conhecimento surge do intelecto da alma do homem. Ele incha a vida da alma e consequentemente esvazia a vida do espírito ao ponto de perder qualquer conhecimento de Deus e tornar-se tal como morto.

Um grande número dos servos de Deus considera esta árvore da vida, como sendo Deus oferecendo vida ao mundo em Seu Filho, o Senhor Jesus. Isto é vida eterna, natureza de Deus, Sua vida não criada.

Por isso, temos aqui duas árvores - uma germina vida espiritual enquanto que a outra desenvolve a vida da alma. O homem em seu estado original não é nem pecaminoso, nem santo e justo. Ele fica entre os dois. Ele pode aceitar a vida de Deus tornando-se assim um homem espiritual e participante da natureza divina, ou pode inchar sua vida original tornando-se da alma, impondo consequentemente, morte ao seu espírito. Deus concedeu um perfeito equilíbrio às três partes do homem. Sempre que uma parte se desenvolve em excesso, as outras são contristadas.

Nosso andar espiritual será grandemente ajudado, se entendermos a origem da alma e seu princípio de vida. Nosso espírito vem diretamente de Deus, pois é dado por Deus (Nm 16.22).

Nossa alma não é tão diretamente recebida; ela foi produzida depois que o espírito entrou no corpo. Está portanto, distintamente relacionada com o ser criado. É a vida criada, a vida natural. A utilidade da alma é realmente extensa, se ela mantiver seu devido lugar como mordomo, permitindo que o espírito seja a patroa.

O homem pode então receber a vida de Deus e estar relacionado com Deus em vida. Se, todavia, esta esfera da alma torna-se dilatada, o espírito igualmente é abafado. Todos os feitos do homem serão confinados à esfera natural do criado, incapaz de estar unido à vida não criada e sobrenatural de Deus. O homem original sucumbiu à morte, porque comeu do fruto do conhecimento do bem e do mal, desenvolvendo assim, de forma anormal, sua vida da alma.

Satanás tentou Eva com uma pergunta. Ele sabia que isto despertaria o pensamento da mulher. Se ela estivesse completamente sob o controle do espírito, rejeitaria tal interrogação. Por tentar responder, ela exercitou sua mente em desobediência ao espírito. Sem dúvida, que a pergunta de Satanás estava cheia de erros, pois seu motivo principal era simplesmente incitar o esforço mental de Eva.

Ele esperava que Eva até o corrigisse, mas lamentavelmente, ela ousou mudar a Palavra de Deus em sua conversa com Satanás. Consequentemente o inimigo foi encorajado a tentá-la no sentido de comer sugerindo que, ao comer, seus olhos seriam abertos e ela seria como Deus - conhecendo o bem e o mal. "Então, vendo a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto e comeu" (Gn 3.6). Foi assim que Eva considerou a pergunta. Satanás provocou seu pensamento da alma primeiro e depois avançou para apoderar-se da sua vontade. Resultado: ela caiu em pecado.

Satanás sempre usa a necessidade física como o primeiro alvo de ataque. Ele mencionou simplesmente o comer do fruto a Eva, uma coisa totalmente física. Em seguida, ele prosseguiu para seduzir sua alma, insinuando que pela satisfação seus olhos seriam abertos para conhecer o bem e o mal.

Embora tal busca pelo conhecimento fosse perfeitamente legítima, a consequência, não obstante, conduziu seu espírito a uma rebelião franca contra Deus, pois ela compreendeu erradamente a proibição de Deus, como se brotasse de uma má intenção. A tentação de Satanás alcança primeiro o corpo, depois a alma e finalmente o espírito.

Após ser tentada Eva deu sua decisão.

Primeiro: “a árvore era boa para se comer”. Isto é a “cobiça da carne”. Sua carne foi a primeira a ser despertada.

Segundo: “era agradável aos olhos”. Isto é a “cobiça dos olhos”. Agora tanto seu corpo como sua alma haviam sido seduzidos.

Terceiro: “a árvore era desejável para dar entendimento”. Isto é a “soberba da vida”. Tal desejo manifestou a agitação da sua emoção e vontade. Sua alma estava agora agitada além do controle. Ela não mais dava apoio como um espectador, mas havia sido incitada a desejar o fruto. Quão perigosa é uma emoção humana dominadora!

Por que devia Eva cobiçar o fruto? Não era simplesmente a cobiça da carne e a cobiça dos olhos, mas também o impulso da curiosidade pela sabedoria. Na busca da sabedoria e conhecimento, mesmo do assim chamado “conhecimento espiritual”, as atividades da alma podem ser frequentemente detectadas. Quando alguém procura aumentar seu conhecimento, por meio de ginásticas mentais nos livros, sem esperar em Deus e sem buscar a condução do Espírito Santo, sua alma está claramente em plena atividade. Isso vai reduzir sua vida espiritual.

A queda do homem foi ocasionada pela busca de conhecimento, por isso, Deus usa a loucura da cruz para “destruir a sabedoria do sábio”. O intelecto foi a causa principal da queda, por isso, para alguém ser salvo é preciso que creia na loucura da Palavra da cruz, em vez de depender da sua inteligência. A árvore do conhecimento provoca a queda do homem, por isso Deus emprega a árvore da loucura (1 Pe 2.24) para salvar almas. “Se alguém dentre vós se tem por sábio neste mundo, faça-se louco para se tornar sábio. Porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus” (1 Co 3.18-20; veja também 1.18-25).

Tendo revisto cuidadosamente o registro da queda do homem, podemos ver que, ao rebelar contra Deus, Adão e Eva desenvolveram suas almas ao ponto de substituírem seus espíritos e precipitarem-se nas trevas. As partes proeminentes da alma são a mente do homem, vontade e emoção. A vontade é o órgão da decisão, portanto, o senhor do homem. A mente é o órgão do pensamento, enquanto que a emoção é o órgão da afeição.

O apóstolo Paulo nos diz que “Adão não foi enganado”, indicando que a mente de Adão não foi confundida naquele dia fatal.

Quem tinha a mente fraca era Eva: “a mulher sendo enganada, caiu em transgressão” (1 Tm 2.14).

Segundo o registro de Gênesis está escrito que “a mulher disse: a serpente enganou-me e eu comi” (Gn 3.14); mas que “o homem respondeu: a mulher que me deste por companheira deu-me (não me enganou) da árvore e eu comi” (Gn 3.12). Adão, obviamente, não foi enganado; sua mente estava clara e ele sabia que o fruto era da árvore proibida. Ele comeu por causa da sua afeição pela mulher. Adão sabia que as palavras da serpente eram nada mais que o engano do inimigo.

Pelas palavras do Apóstolo, somos levados a ver que Adão pecou de liberadamente. Ele amava Eva mais do que a si mesmo. Ele fez dela o seu ídolo e por amor a ela estava disposto a rebelar-se contra o mandamento do seu Criador. Que lamentável que sua mente tenha sido anulada por sua emoção e seu raciocínio vencido por sua afeição! Por que é que os homens “não creram na verdade?” Porque “tiveram prazer na injustiça” (2 Ts 2.12). Não é que a verdade seja irracional, mas, sim, que não é amada. Por isso, quando alguém verdadeiramente volta-se para o Senhor, ele “crê com o coração (não a mente) para a justiça” (Rm 10.10).

Satanás moveu Adão a pecar apoderando-se da sua vontade através da sua emoção; enquanto que Eva foi tentada a pecar apoderando-se ele da sua vontade através do canal de uma mente obscurecida. Quando a vontade, a mente e a emoção do homem foram envenenadas pela serpente e o homem seguiu após Satanás ao invés de seguir a Deus, seu espírito, que era capaz de comungar com Deus, sofreu um golpe fatal.

Aqui podemos ver a lei que governa a obra de Satanás. Ele usa as coisas da carne (comer o fruto) para seduzir a alma do homem a pecar; tão logo a alma peca, o espírito cai em trevas absolutas. A ordem da sua operação é sempre assim: do exterior para o interior. Se não começar com o corpo, então ele começa trabalhando na mente ou na emoção, a fim de alcançar a vontade do homem. No momento em que a vontade do homem se sujeita a Satanás, ele toma posse de todo o seu ser e executa o espírito.

Mas, não é assim com a obra de Deus, que é sempre do interior para o exterior. Deus principia Sua obra no espírito do homem e prossegue iluminando sua mente, despertando sua emoção e levando-o a exercitar sua vontade sobre seu corpo, a fim de levar à realização a vontade de Deus. Todas as obras satânicas são feitas do exterior para o

interior; todas as obras divinas são do interior para o exterior. Desta forma, podemos distinguir aquilo que vem de Deus e o que vem de Satanás. Tudo isso nos ensina, adicionalmente, que uma vez que Satanás captura a vontade do homem, então ele está no controle sobre aquele homem.

Devemos observar, cuidadosamente, que a alma é onde o homem expressa sua vontade livre e exerce seu próprio domínio. Por esta razão, a Bíblia sempre registra que é a alma que peca. Por exemplo: “o pecado da minha alma” (Mq 6.7), “a alma que pecar” (Ez 18.4,20). E nos livros de Levítico e Números frequentemente menciona-se que a alma peca. Por quê? Porque é a alma que escolhe pecar. Nossa descrição de pecado é: “A vontade aceita a tentação”.

O pecar é uma vontade da alma; por conseguinte, a expiação deve ser para a alma: “Quando derem a oferta do Senhor, para fazerdes expiação por vossas almas” (Êx 30.15); “Porque a vida da carne está no sangue; pelo que vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas” (Lv 17.11); “Para fazer expiação pelas nossas almas perante o Senhor” (Nm 31.50). Visto que a alma é que peca, conclui-se que é a que precisa ser expiada. E ela só pode ser expiada, além disso, por uma alma:

“Foi do agrado de Jeová moê-lo; ele o sujeitou ao sofrimento... tu farás sua alma uma oferta pelo pecado... Ele verá o fruto do trabalho da sua alma e ficará satisfeito... ele derramou a sua alma na morte...; ele levou o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu” (Is 53.10-12).

Examinando a natureza do pecado de Adão, nós descobrimos que, à parte da rebelião, existe também certo tipo de independência. Não devemos perder de vista aqui a vontade livre. Por um lado, a árvore da vida implica um sentido de dependência. O homem naquela ocasião não possuía a natureza de Deus, mas se tivesse participado do fruto da árvore da vida, poderia ter obtido a vida de Deus; o homem poderia ter alcançado seu ápice possuindo a própria vida de Deus. Isto é dependência.

Por outro lado, a árvore do conhecimento do bem e do mal sugere independência, porque o homem esforçou-se pelo exercício da sua vontade, pelo conhecimento não prometido, por algo não outorgado a ele por Deus. Sua rebelião declarou sua independência.

Rebelando-se, ele não precisava depender de Deus. Além disso, sua busca pelo conhecimento do bem e do mal também manifestou sua independência, pois não estava satisfeito com o que Deus já havia

concedido. A diferença entre o espiritual e o que é da alma é clara como cristal: o espiritual depende completamente de Deus, e satisfaz-se totalmente com o que Deus deu; o da alma foge de Deus e cobiça o que Deus não concedeu, principalmente o "conhecimento".

A independência é uma característica especial daquilo que é da alma. Não importa quão boa seja determinada coisa; pode ser até o culto a Deus. Porém, se para fazê-la completa confiança em Deus não é exigida, mas, pelo contrário, a confiança está depositada na própria força da pessoa, ela é inquestionavelmente da alma. A árvore da vida não pode crescer dentro de nós junto com a árvore do conhecimento. Rebelião e independência explicam todo pecado cometido pelos pecadores e pelos santos.

7.3. A TEORIA ESPÍRITA DA REENCARNAÇÃO

O espiritismo apregoa que a volta do espírito humano à matéria (reencarnação) ocorre tantas vezes quantas necessárias forem para alcançar a perfeição relativa a que se destina. Não admite, no entanto, a *metempsicose*, ou seja, a volta do espírito no corpo de animal para pagar dívidas, como ensina o Hinduísmo. De conformidade com o Espiritismo, o espírito não retrograda.

7.3.1. A NECESSIDADE DA REENCARNAÇÃO PARA O ESPIRITISMO

Negar a reencarnação é anular o espiritismo. A mesma é tão fundamental para o Espiritismo que sem ele o mesmo não se sustentaria. Tem para o Espiritismo a mesma importância que a coluna vertebral desempenha para o corpo humano. Veja o que afirmam alguns espíritas:

- (a) Carlos Embassahy, em seu livro "O Mundo Espírita", Ed. 1953, na pág. 01 assim se expressa: "A importância da reencarnação é capital. Sem essa doutrina, o espiritismo perderia toda sua base filosófica... sem a reencarnação, estaríamos diante de um completo vazio".
- (b) Por sua vez, Allan Kardec assim se expressa sobre a reencarnação em seu livro "A Gênese", Ed. 1985, pág. 30: "A reencarnação é uma das mais importantes leis reveladas pelo espiritismo".
- (c) No "Evangelho Segundo o Espiritismo", pág. 67, Kardec afirma que a "reencarnação é a volta da alma à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ela e que nada tem de comum com o antigo".

- (d) O texto bíblico mais antigo a que os espíritas se apegam para "provar" a teoria da reencarnação está em Jó 1.20-21, que assim nos revela: "Então se levantou Jó, rasgou o seu manto e rapou a cabeça. Depois, caindo prostrado por terra, disse: Nu saí do ventre da minha mãe e nu voltarei; o Senhor deu, o Senhor tirou; bendito seja o nome do Senhor". Os doutrinadores espíritas se apegam à expressão de Jó: "... e nu voltarei" para tentar provar que o próprio Jó acreditava na reencarnação: após a morte voltaria nu ao ventre de sua mãe, como nascera.
- (e) Entre os vários textos bíblicos a que os espíritas recorrem para tentar provar suas doutrinas sobre a reencarnação, está o diálogo entre Jesus e Nicodemos (Jo 3.1-21). O texto é frequentemente usado entre eles como prova de que Jesus ao dizer a Nicodemos que lhe era necessário nascer de novo, estava pregando a reencarnação.

7.3.2. NOVO NASCIMENTO OU REENCARNAÇÃO?

Ao analisarmos o contexto desses versículos (Jo 3.3-7), percebemos que se trata de mais um embuste do Espiritismo. Veja: "Jesus respondeu e disse-lhe: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus. Disse-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura, pode tornar a entrar no ventre de sua mãe e nascer? Jesus respondeu: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus. O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te maravilhes de te ter dito: Necessário vos é nascer de novo" (Jo 3.3-7).

Observa-se que Jesus está afirmando que é impossível nascer de novo fisicamente (reencarnar). Ele na verdade está defendendo a necessidade do novo nascimento – a regeneração.

O que realmente Jesus está tratando nesse texto (Jo 3.1-8) é de uma das doutrinas fundamentais da fé cristã - a regeneração (Tt 3.5) - ou o nascimento espiritual. Sem o novo nascimento, ninguém poderá ver o reino de Deus, isto é, receber a vida eterna e a salvação mediante Jesus Cristo. Apresentamos a seguir, importantes fatos a respeito do novo nascimento.

- (a) A regeneração, e não a reencarnação, é a nova criação e transformação da pessoa (Rm 12.2; Ef 4.23,24), efetuadas por Deus e

o Espírito Santo (Jo 3.6; Tt 3.5). Por esta operação, a vida eterna da parte do próprio Deus é outorgada ao crente (Jo 3.16; 2 Pe 1.4; 1 Jo 5.11), e este se torna um filho de Deus (Jo 1.12; Rm 8.16,17; Gl 3.26) e uma nova criatura (2 Co 5.17; Cl 3.10). Já não se conforma com este mundo (Rm 12.2), mas é criado segundo Deus “em verdadeira justiça e santidade” (Ef 4.24).

- (b) A regeneração, e não a reencarnação, é necessária porque, à parte de Cristo, todo ser humano, pela sua natureza inerente e pecadora, é incapaz de obedecer a Deus e de agradar-lhe (Sl 51.5; 58.3; Rm 8.7,8; 5.12; 1 Co 2.14).
- (c) A regeneração, e não a reencarnação, tem lugar naquele que se arrepende dos seus pecados, volta-se para Deus (Mt 3.2) e coloca a sua fé pessoal em Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador (Jo 1.12).
- (d) A regeneração, e não a reencarnação, envolve a mudança da velha vida de pecado em uma nova vida de obediência a Jesus Cristo (2 Co 5.17; Ef 4.23,24; Cl 3.10). Aquele que realmente nasceu de novo está liberto da escravidão do pecado (Jo 8.36; Rm 6.14-23), e passa a ter desejo e disposição espiritual de obedecer a Deus e de seguir a direção do Espírito (Rm 8.13,14). Vive uma vida de retidão (1 Jo 2.29), ama aos demais crentes (1 Jo 4.7), evita uma vida de pecado (1 Jo 3.9; 5.18) e não ama o mundo (1 Jo 2.15,16).
- (e) Quem é nascido de Deus, e não reencarnado, não pode fazer do pecado uma prática habitual na sua vida (1 Jo 3.9). Não é possível permanecer nascido de novo sem o desejo sincero e o esforço vitorioso de agradar a Deus e de evitar o mal (1 Jo 2.3-11, 15-17, 24-29; 3.6-24; 4.7,8,20; 5.1), mediante uma comunhão profunda com Cristo (Jo 15.4) e a dependência do Espírito Santo (Rm 8.2-14).
- (f) Aqueles que continuam vivendo na imoralidade e nos caminhos pecaminosos do mundo, seja qual for a religião que professam, demonstram que ainda não nasceram de novo (1 Jo 3.6,7).
- (g) Assim como uma pessoa nasce do Espírito ao receber a vida de Deus, também pode extinguir essa vida ao enveredar pelo mal e viver em iniquidade. As Escrituras afirmam: “se viverdes segundo a carne, morrereis” (Rm 8.13). Ver também Gl 5.19-21, atentando para a expressão “como já antes vos disse” (v. 21).
- (h) O novo nascimento não pode ser equiparado ao nascimento físico, ou reencarnação, pois o relacionamento entre Deus e o salvo é questão do espírito e não da carne (Jo 3.6). Logo, embora a ligação física entre

um pai e um filho nunca possa ser desfeita, o relacionamento de pai para filho, que Deus quer manter conosco, é voluntário e dissolúvel durante nosso período probatório na terra (ver Rm 8.13 nota). Nosso relacionamento com Deus é condicionado pela nossa fé em Cristo durante nossa vida terrena; fé esta demonstrada numa vida de obediência e amor sinceros (Hb 5.9; 2 Tm 2.12).

7.3.2.1. A EXPRESSÃO DE JÓ

Conforme já citado, o texto bíblico mais antigo a que os espíritos se apegam para "provar" a teoria da reencarnação está em Jó 1.20-21, que assim nos revela:

"Então se levantou Jó, rasgou o seu manto e rapou a cabeça. Depois, caindo prostrado por terra, disse: Nu saí do ventre da minha mãe e nu voltarei; o Senhor deu, o Senhor tirou; bendito seja o nome do Senhor".

Ignoram, no entanto, tais doutrinadores que a expressão "supra" está vinculada a um contexto quando Jó lança-se por terra e adora ao Senhor (Jó 1.20). Jó reagiu às fatalidades que lhe aconteceram, com intensa aflição; mas também, com humildade, submeteu-se a Deus e continuou a adorá-lo em meio à mais severa adversidade (Jó 1.21; 2.10). Posteriormente, Jó reagiu à calamidade ininterrupta, revelando dúvida, ira e sentimento de isolamento de Deus (7.11).

Mesmo nesse período de trevas e de fé vacilante, Jó não se voltou contra Deus, todavia expressou francamente diante dEle suas queixas e sentimentos.

O livro de Jó realmente demonstra como o crente fiel deve enfrentar os contratempos da vida. Embora possamos enfrentar sofrimentos severos e aflições inexplicáveis, devemos orar, pedindo graça para aceitar o que Deus permitir que soframos, pedindo-lhe também a revelação e compreensão do seu significado.

Deus cuidará dos nossos confusos sentimentos e lamentos, se os levarmos a Ele - não com rebeldia, mas com sincera confiança nEle como um Deus amoroso.

As expressões "tornarei", "o Senhor o deu", "o Senhor tomou" revelam Jó, com a fé que tem, enxerga a mão de Deus em operação, e esse fato lhe dá tranquilidade mesmo na presença da calamidade. Não tratam em momento algum de reencarnação.

7.3.2.2. JOÃO BATISTA ERA ELIAS REENCARNADO?

É consenso no Espiritismo que João Batista foi a reencarnação do Profeta Elias. Segundo os espíritas "o próprio Cristo declarou em Mt 11.12-15 que João Batista foi a reencarnação de Elias". Sustentam a argumentação apoiados no seguinte texto bíblico:

"E, desde os dias de João o Batista até agora, se faz violência ao reino dos céus, e pela força se apoderam dele. Porque todos os profetas e a lei profetizaram até João. E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça" (Mt 11.12-15).

Quando fazemos, pelo menos, uma pequena exegese bíblica, percebemos de imediato que tal doutrina não se sustenta. À luz de outras passagens, tais como: Hb 9.27; Ec 12.7; Jó 7.9; 2 Sm 12.22-23; Lc 23.43, e Lc 1.15-17, concluímos que Mt 11.12-15 não defende a doutrina da reencarnação. E então qual o verdadeiro significado? Veja:

- (a) Trata-se de uma referência a Ml 4.5, em que temos a profecia do reaparecimento de Elias antes do dia do Senhor. Algumas pessoas, lembrando-se da profecia, perguntaram a João Batista: "És tu o Elias? Ele respondeu: "Não sou" (Jo 1.21). João não foi a reencarnação de Elias, mas de fato cumpriu a função e o papel do profeta (Mt 17.10-13; Lc 1.17).
- (b) "Mas o anjo lhe disse: Zacarias, não temas, porque a tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, dará à luz um filho, e lhe porás o nome de João. E terás prazer e alegria, e muitos se alegrarão no seu nascimento, porque será grande diante do Senhor, e não beberá vinho, nem bebida forte, e será cheio do Espírito Santo, já desde o ventre de sua mãe. E converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus, e irá adiante dele no espírito e virtude de Elias, para converter o coração dos pais aos filhos e os rebeldes, à prudência dos justos, com o fim de preparar ao Senhor um povo bem disposto" (Lc 1.13-17). Conforme o texto supra, João não era Elias de volta, em carne e osso (Jo 1.21), mas, à semelhança deste, atuava pregando o arrependimento e, portanto, era um cumprimento de Ml 4.5,6 (Mt 11.14; 17.10-13).
- (c) Conforme a profecia bíblica João seria, e foi, semelhante em muitos aspectos ao destemido profeta Elias (Ml 4.5). Por ser cheio do Espírito Santo (Lc 1.15), será um pregador da retidão moral (Lc 3.7-14; Mt 3.1-

10). Demonstrará o ministério do Espírito Santo e pregará sobre o pecado, a justiça e o juízo (Jo 16.8). Converterá os rebeldes, à prudência dos justos (Lc 1.17; Mt 11.7). Não transigirá com a sua consciência, nem perverterá princípios bíblicos, para conseguir posição social ou proteção (Lc 3.19,20; Mt 14.1-11). Seu propósito será obedecer a Deus e permanecer leal a toda a verdade. Em suma: João será um homem de Deus.

- (d) Eis a profecia de Malaquias: “Eis que eu vos envio o profeta Elias, antes que venha o dia grande e terrível do SENHOR; e converterá o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha e fira a terra com maldição” (Ml 4.5,6). O que se observa neta passagem é que Malaquias profetiza que *Elias* viria ministrar antes que chegasse o dia do Senhor. Não dúvidas que, o Novo Testamento revela que esta profecia refere-se a João Batista (Mt 11.7-14) que, “no espírito e virtude de Elias” (Lc 1.17), preparou o caminho ao Messias. O ministério do profeta vindouro teria por objetivo reconciliar as famílias com Deus e consigo próprias, isto é, entre seus respectivos membros.
- (e) É interessante observarmos que quando Jesus falou “Elias já veio” (Mt 17.12) e “ele é o Elias que havia de vir” (Mt 11.14), estava afirmando que Elias não ressuscitara como todos esperavam, mas que João Batista desempenhara o papel de precursor do Messias, com a mesma coragem, virtude e espírito de Elias. Situação análoga vamos encontrar em 1 Reis 2.15: “O espírito de Elias repousa sobre Eliseu”. Esta declaração foi proferida pouco tempo depois de Elias ter sido arrebatado ao céu num redemoinho (v.11). Pode-se interpretar de forma literal essa passagem? Não! Até mesmo do ponto de vista espírita isso seria impossível, pois os dois viveram numa mesma época. Eliseu havia nascido antes de Elias morrer. Portanto, para que Elias reencarnasse em Eliseu, Elias precisava ter morrido antes. Nem tão pouco se trata de uma possessão, ou seja, Eliseu não havia incorporado o espírito de Elias, por óbvias e irrefutáveis razões.
- (f) Por ocasião da transfiguração de Jesus, quando apareceram Moisés e Elias (Mt 17.3) João Batista já havia morrido, pois fora decapitado por ordem de Herodes (Mt 14.10). Ora, João era quem deveria aparecer ali, e não Elias, segundo a tese reencarnacionista. Na questão 150 do Livro dos Espíritos lê-se que a alma “tem um fluído que lhe é próprio, colhido na atmosfera de seu planeta, e que representa a aparência de

sua última reencarnação". Então, a última aparência daquela alma, que em determinado momento recebeu um corpo humano e se chamou Elias, seria a de João Batista.

- (g) A teoria da reencarnação fundamenta-se no ciclo "morrer-renascer-morrer", ou seja, sucessivas mortes e sucessivos renascimentos. No monumento sobre o túmulo de Allan Kardec, no cemitério de Père Lachaise, em Paris, está escrito: "Nascer, morrer, renascer ainda é progredir sempre: esta é a lei". Para um espírito retornar à vida corpórea, é preciso que tenha desencarnado, isto é, que o corpo haja descido ao pó, exceção somente admitida no caso da primeira encarnação, no estado em que a alma é "simples e ignorante" – tudo isso conforme a doutrina kardecista. Como Elias não morreu, mas foi trasladado ao céu (2 Rs 2.11), não há como os kardecistas admitirem que ele tenha reencarnado em João Batista. Seria um contra-senso. Alegar que a história da trasladação de Elias não merece crédito, não convence, porquanto o kardecismo usa a Bíblia na busca de apoio às suas doutrinas. Seria outro contra-senso.
- (h) A Bíblia tem razão por assegurar que "aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo" (Hb 9.27); e ainda: "E o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu" (Ec 12.7). E mais: "Assim como a nuvem se desfaz e passa, assim aquele que desce à sepultura nunca tornará a subir" (Jó 7.9). E muito mais: "E disse ele: Vivendo ainda a criança, jejuei e chorei, porque dizia: Quem sabe se DEUS se compadecerá de mim, e viverá a criança? Porém, agora que está morta, porque jejuaria eu? Poderei eu fazê-la voltar? Eu irei a ela, porém ela não voltará para mim" (2 Sm 12.22-23). E ainda mais: "E disse-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso" (Lc 23.43)

Até a lógica meramente humana, observando a humanidade, diz: Se todo nascimento é uma reencarnação, como a população pode ter aumentado tanto? Se a partir de duas pessoas criadas por Deus existem atualmente mais de 6 bilhões de homens vivos?! Se toda reencarnação é um aperfeiçoamento, por que o homem não melhora?!

7.3.3. A LEI DO KARMA

"O que, além da Lei do Karma, poderia explicar miséria, defeitos físicos etc.?" Questionam os espíritas.

Miséria, defeitos físicos, doença, crimes, pecados, guerras, catástrofes etc., tudo isto é consequência direta ou indireta do pecado que começou no universo físico através de Adão, chegou a nossos pais, à sociedade hodierna.

- (a) “Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora” (Rm 8.18-22).
- (b) Podem ser permitidos para manifestarem a glória de Deus (Jó 1 e 2; Jo 9.3).
- (c) “E, Naquele mesmo tempo, estavam presentes ali alguns que lhe falavam dos galileus, cujo sangue Pilatos misturara com os seus sacrifícios. E, respondendo Jesus, disse-lhes: Cuidais vós que esses galileus foram mais pecadores do que todos os galileus, por terem padecido tais coisas? Não, vos digo; antes, se não vos arrependerdes, todos de igual modo perecereis. E aqueles dezoito, sobre os quais caiu a torre de Silóé e os matou, cuidais que foram mais culpados do que todos quantos homens habitam em Jerusalém? Não, vos digo; antes, se não vos arrependerdes, todos de igual modo perecereis” (Lc 13.1-5).
- (d) “E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Rm 8.28).

7.4. COMUNICAÇÃO COM OS MORTOS

Um dos pontos doutrinários defendido vorazmente pelo espiritismo é a comunicação mediúnica com os mortos. Que, segundo eles, deve ser disciplinada e voltada para o esclarecimento e a consolação de encarnados e desencarnados. E neste ponto, os espíritas fazem uso da Bíblia como apoio a essa doutrina diabólica.

Um dos textos utilizado por eles é o de Segundo Samuel capítulo 28. Nesse texto alegam a comunicação entre Saul e Samuel, este já falecido, e aquele desviado, mediado por uma pitoniza representa das trevas. Mas o que diz a Bíblia sobre o assunto? Há concordância divina na consulta aos mortos? É possível a comunicação entre vivos e mortos?

A Bíblia registra um fato esclarecedor acerca deste assunto. Por ocasião da morte de uma criança de Davi a Bíblia registra os seguintes fatos:

“Viú, porém, Davi que seus servos falavam baixo e entendeu Davi que a criança era morta, pelo que disse Davi a seus servos: É morta a criança? E eles disseram: É morta. Então, Davi se levantou da terra, e se lavou, me se ungiu, e mudou de vestes, e entrou na Casa do SENHOR, e adorou; então, veio a sua casa e pediu pão; e lhe puseram pão, e comeu. E disseram-lhe seus servos: Que é isso que fizeste? Pela criança viva jejuaste e choraste; porém, depois que morreu a criança, te levantaste e comeste pão. E disse ele: Vivendo ainda a criança, jejuei e chorei, porque dizia: Quem sabe se o SENHOR se compadecerá de mim, e viva a criança? Porém, agora que é morta, por que jejuaria eu agora? *Poderei eu fazê-la mais voltar? Eu irei a ela, porém ela não voltará para mim.* Então, consolou Davi a Bate-Seba, sua mulher, e entrou a ela, e se deitou com ela; e teve ela um filho, e chamou o seu nome Salomão; e o SENHOR o amou” (2 Sm 12.19-24), (o itálico é nosso).

No que diz respeito ao texto de Primeiro Samuel 28 faremos uma pequena consideração de alguns pontos.

“E já Samuel era morto, e todo o Israel o tinha chorado e o tinha sepultado em Ramá, que era a sua cidade; e Saul tinha desterrado os adivinhos e os encantadores. E ajuntaram-se os filisteus, e vieram, e acamparam-se em Suném; e ajuntou Saul da todo o Israel, e se acamparam em Gilboa. E, vendo Saul o arraial dos filisteus, temeu, e estremeceu muito o seu coração. E perguntou Saul ao SENHOR, porém o SENHOR lhe não respondeu, nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas. Então, disse Saul aos seus criados: Buscai-me uma mulher que tenha o espírito de feiticeira, para que vá a ela e a consulte. E os seus criados lhe disseram: Eis que em En-Dor há uma mulher que tem o espírito de adivinhar. E Saul se disfarçou e vestiu outras vestes, e foi ele e com ele dois homens, e de noite vieram à mulher; e disse: Peço-te que me adivinhes pelo espírito de feiticeira e me faças subir a quem eu te disser. Então, a mulher lhe disse: Eis aqui tu sabes o que Saul fez, como tem destruído da terra os adivinhos e os encantadores; por que, pois, me armas um laço à minha vida, para me fazer matar? Então, Saul lhe jurou pelo SENHOR, dizendo: Vive o SENHOR, que nenhum mal te sobrevirá por isso. A mulher, então, lhe disse: A quem te farei subir? E disse ele: Faze-me subir a Samuel. Vendo, pois, a mulher a Samuel, gritou em alta voz; e a mulher falou a Saul, dizendo: Por que me tens enganado? Pois tu mesmo és Saul. E o rei lhe disse: Não temas; porém que é o que vês? Então, a mulher disse a Saul: Vejo deuses que sobem da terra. E lhe disse: Como é a sua figura? E disse ela: Vem subindo um homem ancião e está envolto numa capa. Entendendo Saul que era

Samuel, inclinou-se com o rosto em terra e se prostrou. Samuel disse a Saul: Por que me desinquietaste, fazendo-me subir? Então, disse Saul: Mui angustiado estou, porque os filisteus guerreiam contra mim, e Deus se tem desviado de mim e não me responde mais, nem pelo ministério dos profetas, nem por sonhos; por isso, te chamei a ti, para que me faças saber o que hei de fazer. Então, disse Samuel: Por que, pois, a mim me perguntas, visto que o SENHOR te tem desamparado e se tem feito teu inimigo? Porque o SENHOR tem feito para contigo como pela minha boca te disse, e o SENHOR tem rasgado o reino da tua mão, e o tem dado ao teu companheiro Davi. Como tu não deste ouvidos à voz do SENHOR e não executaste o fervor da sua ira contra Amaleque, por isso, o SENHOR te fez hoje isso. E o SENHOR entregará também a Israel contigo na mão dos filisteus, e amanhã tu e teus filhos estareis comigo; e o arraial de Israel o SENHOR entregará na mão dos filisteus. E, imediatamente, Saul caiu estendido por terra e grandemente temeu por causa daquelas palavras de Samuel; e não houve força nele, porque não tinha comido pão todo aquele dia e toda aquela noite. Então, veio a mulher a Saul e, vendo que estava tão perturbado, disse-lhe: Eis que deu ouvidos a tua criada à tua voz, e pus a minha vida na minha mão e ouvi as palavras que disseste. Agora, pois, ouve também tu as palavras da tua serva, e porei um bocado de pão diante de ti, e come, para que tenhas forças para te pores a caminho. Porém ele o recusou e disse: Não comerei. Porém os seus criados e a mulher o constrangeram; e deu ouvidos à sua voz. E levantou-se do chão e se assentou sobre uma cama. E tinha a mulher em casa uma bezerra cevada, e se apressou, e a degolou, e tomou farinha, e a amassou, e a cozeu em bolos asmos. E os trouxe diante de Saul e de seus criados, e comeram. Depois, levantaram-se e se foram naquela mesma noite” (1 Sm 28.3-25).

Pontos observados:

- (a) Foi Saul quem baniu todos os médiuns e videntes (os que consultavam os mortos) de Israel, mas, no desespero, procurou uma feiticeira. Embora tivesse removido o pecado de bruxaria da terra, não retirou de seu coração (1 Sm 28.3).
- (b) Saul consultou a Deus por Urim e Tumim que eram usados para determinar a direção de Deus em certos assuntos, contudo, Deus não lhe deu resposta. Aliás, o Senhor não respondeu, nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas. O Todo-poderoso simplesmente silenciara, pois já havia rejeitado a Saul (1 Sm 28.6).
- (c) Deus havia proibido estritamente que os israelitas tivessem qualquer contato com as divindades, adivinhações, feitiçaria, bruxaria, médiuns,

espíritos ou qualquer outro meio de consulta aos mortos (Dt 18.9-14). De fato, os feiticeiros deveriam ser mortos (Êx 22.18). As práticas ocultas eram realizadas em nome dos deuses pagãos, e as pessoas buscavam o ocultismo por respostas que Deus não daria. Por essa razão Saul havia desterrado os tais elementos (1 Sm 28.3).

- (d) Samuel realmente retornou dos mortos para falar com Saul? Claro que não. A feiticeira gritou diante do aparecimento do suposto juiz, sacerdote e profeta – ela conhecia muito bem os demônios que costumava contatar. De alguma forma aquela revelação mostrou a Saul – que em momento algum viu a Samuel (v.14b), apenas entendeu - que a feiticeira lidava com um poder muito maior do que imaginara. Na verdade, ela não permitiu que o Diabo desse a Saul uma profecia relativa ao seu destino, apesar de ser mentirosa, recheada de uma mensagem que o rei já conhecia. Isto de forma alguma justifica os esforços para contatar o diabo ou comunicar-se com os espíritos dos mortos, os quais não aparecem. Deus condena tal prática (1 Sm 28.12. Gl 5.19-21).
- (e) A necromante em sua visão do reino das trevas viu primeiramente deuses que subiam da terra (v.12).
- (f) A mesma não viu a Samuel, apenas uma semelhança de um homem ancião envolto numa capa (v.14).
- (g) Foi Saul que entendeu que era Samuel, porém, não o viu (v.14).
- (h) Usando recursos de um ventríloquo, possuída por demônios – como é o caso nas sessões espíritas – falou como se fosse Samuel (v.15).
- (i) O pseudo Samuel predisse a morte de Saul bem como dos seus filhos para o dia seguinte - todos os seus filhos seriam mortos pelos filisteus (v.19).

Ao analisarmos os capítulos seguintes do Livro de Samuel, observamos que as predições da médium foram uma farsa. Observe:

- (a) Em 1 Sm 31.4, narra o suicídio de Saul. Logo, ele não foi morto pelos filisteus.
- (b) O pseudo-versículo 8 de 1 Sm 31, desfaz a predição da pitonisa, pois assim narra este texto: "Sucedeu pois que, vindo os filisteus no outro dia a despojar os mortos, acharam a Saul e a seus três filhos estirados na montanha de Gilboa.

- (c) Em 1 Sm 31.2, narra que os filisteus mataram a Jônatas, e a Abinadabe, e a Melquisua, filhos de Saul.
- (d) Em 2 Sm 2.8-9 está escrito: "Porém Abner, filho de Ner, capitão do exército de Saul, tomou Isbosete, filho de Saul, e o fez passar a Maanaim". Não foram, por conseguinte, todos os filhos de Saul que morreram, conforme predisse o "espírito" na pitonisa.

Concluimos a partir dos tópicos acima que Saul buscou uma palavra profética da parte de Deus no meio das suas aflições, mas Deus não lhe respondeu. No seu desespero, apelou, em seguida, a uma médium espírita (vv. 7-25) caindo assim em nas mãos do diabo.

A obstinação em persistir na iniquidade, e a recusa à direção do Espírito, nos priva do socorro divino. De nada adianta invocar a Deus, sem abandonar nossos maus caminhos. Note os seguintes fatos: O espiritismo é rigorosamente condenado nas Escrituras (Dt 18.9-12; cf. Êx 22.18; Lv 19.26,31).

É possível o contato com os mortos? Antes de um comentário apologético e bom que se veja alguns versículos bíblicos acerca do assunto.

- (a) "Tal como a nuvem se desfaz e some, aquele que desce à sepultura nunca tornará a subir. Nunca mais tornará à sua casa, nem o seu lugar o conhecerá mais" (Jó 7.9-10).
- (b) "Pois os vivos sabem que morrerão, mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tampouco têm eles daí em diante recompensa; porque a sua memória ficou entregue ao esquecimento. Tanto o seu amor como o seu ódio e a sua inveja já pereceram; nem têm eles daí em diante parte para sempre em coisa alguma do que se faz debaixo do sol, e o pó volte para a terra como o era, e o espírito volte a Deus que o deu Eclesiastes" (Ec 9.5-7).
- (c) "Quanto àquele que se voltar para os que consultam os mortos e para os feiticeiros, prostituindo-se após eles, porei o meu rosto contra aquele homem, e o extirparei do meio do seu povo" (Lv 20.6).
- (d) "Não se achará no meio de ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro, nem encantador, nem quem consulte um espírito adivinhador, nem mágico, nem quem consulte os mortos" (Dt 18.10-11).

- (e) “Quando vos disserem: Consultai os que têm espíritos familiares e os feiticeiros, que chilreiam e murmuram, respondi: Acaso não consultará um povo a seu Deus? acaso a favor dos vivos consultará os mortos? A Lei e ao Testemunho! se eles não falarem segundo esta palavra, nunca lhes raiará a alva” (Is 8.19-20).
- (f) “Mas o Espírito expressamente diz que em tempos posteriores alguns apostatarão da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios, pela hipocrisia de homens que falam mentiras e têm a sua própria consciência cauterizada” (1 Tm 4.1-2).

Como podemos ver a prática do contato com mortos (ou sua tentativa) é contrária aos ensinamentos das Escrituras. Devemos então definir qual seria a "fonte" de informações utilizadas pelos espíritas para a definição de suas doutrinas:

Que alguma informação chega ao médium não se deve duvidar. Mas, como os próprios espíritas confirmam, vez por outra, os médiuns estão sujeitos ao controle de maus espíritos, chegando a haver reações físicas dolorosas.

Os sintomas são os mesmos apresentados, nos dias de Jesus, por pessoas possuídas por demônios, quais sejam: prostração, espuma pela boca e outros fenômenos similares.

Sendo assim, e partindo do princípio de que a Bíblia refuta completamente a possibilidade de contato com pessoas falecidas, devemos crer que os espíritas entram em contato inconscientemente com espíritos malignos (demônios). Mas, como então explicar às vezes em que o médium afirma estar em contato com um espírito benigno? As Escrituras nos mostram que homens podem adorar a demônios sob a aparência de "deuses":

- (a) “Ofereceram sacrifícios aos demônios, não a Deus, a deuses que não haviam conhecido, deuses novos que apareceram a pouco, aos quais os vossos pais não temeram” (Dt 32.17).
- (b) “Antes digo que as coisas que eles sacrificam, sacrificam-nas a demônios, e não a Deus. E não quero que sejais participantes com os demônios” 1 Co 10.20).

Assim, pode-se afirmar que muitos dos fenômenos espíritas resultam de capacidades da alma humana ainda pouco estudadas, mas,

nos outros casos são resultantes da ação de demônios (aparentes ou disfarçados), e nunca de pessoas já falecidas.

O inimigo de nossas almas, cuja existência é negada pelos espíritas, aquele que, segundo a Palavra de Deus proferida pelo profeta Isaías, foi derrubado – Satanás - juntamente com seus anjos (Is 14.12-15), vem mantendo milhares de seres humanos mergulhados na escuridão das práticas espíritas.

7.4.2. O ESTADO DOS MORTOS

O testemunho geral das Escrituras é que os mortos, devido ao estado em que se encontram, não têm parte em nada do que se faz e acontece na terra. Sobre esse assunto, note o que a Bíblia diz:

- (a) “Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos... já não têm parte alguma neste século, em coisa alguma do que se faz debaixo do sol” (Ec 9.5,6).
- (b) “Mostrarás tu maravilhas aos mortos, ou os mortos se levantarão e louvarão? Será anunciada a tua benignidade na sepultura, ou a tua fidelidade na perdição? Saber-se-ão as tuas maravilhas nas trevas, e a tua justiça na terra do esquecimento?” (Sl 88.10-12).
- (c) “Tal como a nuvem se desfaz e passa aquele que desce à sepultura nunca tornará a subir. Nunca mais tornará à casa, nem o seu lugar jamais o conhecerá” (Jó 7.9,10).

7.5. O DIABO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Quanto à existência de Satanás e seus anjos, Kardec explica que eles seriam tão somente espíritos atrasados, impuros, mas que um dia chegarão à perfeição, tornando-se "anjos de luz". No "Livro dos Espíritos", questão 131, assim diz Kardec com referência a Satanás: "evidente que se trata da personificação do mal sob a forma alegórica.

O Príncipe das Trevas, como a ele se refere a Bíblia, não passa, segundo Kardec, de uma invencionice, de uma fantasia. Isso também significa dizer, segundo Kardec, que todas as expulsões de demônios feitas por Jesus, segundo os Evangelhos, são simples alegorias. É precisamente isto que os demônios gostam de ouvir. Qual o parecer da Bíblia?

- (a) “Então o SENHOR disse a Satanás: Donde vens? E respondeu Satanás ao SENHOR, e disse: De rodear a terra, e passear por ela” (Jó 2.2).
- (b) “E Jesus, respondendo, disse-lhe: Vai-te para trás de mim, Satanás; porque está escrito: Adorarás o SENHOR teu Deus, e só a ele servirás” (Lc 4.8).
- (c) “Disse então Pedro: Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo, e retivesses parte do preço da herdade?” (At 5.3).
- (d) “E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele” (Ap 12.9).
- (e) “Então foi conduzido Jesus pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo. E, tendo jejuado quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome; E, chegando-se a ele o tentador, disse: Se tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem em pães. Ele, porém, respondendo, disse: Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus. Então o diabo o transportou à cidade santa, e colocou-o sobre o pináculo do templo. E disse-lhe: Se tu és o Filho de Deus, lança-te de aqui abaixo; porque está escrito: Que aos seus anjos dará ordens a teu respeito, E tomar-te-ão nas mãos, Para que nunca tropeces em alguma pedra. Disse-lhe Jesus: Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus. Novamente o transportou o diabo a um monte muito alto; e mostrou-lhe todos os reinos do mundo, e a glória deles. E disse-lhe: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares. Então lhe disse Jesus: Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás. Então o diabo o deixou; e, eis que chegaram os anjos, e o serviam” (Mt 4.1-11).

A tentação de Jesus por Satanás foi real. Não se trata de uma alegoria, como desejam alguns, foi um fato expresso, vivenciado pelo Filho de Deus. Foi uma tentativa de desviá-lo – Jesus - da perfeita obediência à vontade de Deus. Note que Cristo em cada caso submeteu-se à autoridade da Palavra de Deus, ao invés de submeter-se aos desejos de Satanás (Mt 4.4,7,10). Que podemos aprender da tentação de Cristo, além de que Satanás é um ser dotado de atributos maléficos e que se opõe a Deus e sua igreja?

- (a) Que Satanás é o nosso maior inimigo da Igreja do Senhor Jesus. O cristão deve estar consciente de que está numa guerra espiritual

contra poderes malignos invisíveis, porém claramente reais (Ef 6.11,12).

- (b) Sem o devido emprego da Palavra de Deus, o cristão não pode vencer o pecado e a tentação.
- (c) Satanás empregou a Palavra de Deus com a finalidade de tentar Cristo a pecar. Às vezes, o descrente emprega as Escrituras na tentativa de persuadir o crente a fazer algo que aquele sabe que está errado ou que é impróprio. Alguns textos bíblicos, retirados do seu contexto, ou não comparados com outros trechos da Palavra de Deus, podem até mesmo dar a aparência de justificar o comportamento pecaminoso (1 Co 6.12). O crente deve conhecer profundamente a Palavra de Deus e precaver-se daqueles que pervertem as Escrituras a fim de satisfazerem os desejos da natureza humana pecaminosa. O apóstolo Pedro fala daqueles que torcem as Escrituras, para sua própria perdição (2 Pe 3.16).

7.5.1. QUEM É SATANÁS SEGUNDO AS ESCRITURAS?

Satanás (do gr. *satan*, que significa adversário), foi antes um elevado anjo, criado perfeito e bom. Foi designado como ministro junto ao trono de Deus, porém num certo tempo, antes de o mundo existir, rebelou-se e tornou-se o principal adversário de Deus e dos homens (Ez 28.12-15).

Na sua rebelião contra Deus arrastou consigo uma grande multidão de anjos das ordens inferiores (Ap 12.4) que são identificados (após sua queda) como os demônios ou espíritos malignos.

Satanás e muitos desses anjos inferiores decaídos foram banidos para a terra e sua atmosfera circundante, onde operam limitados segundo a vontade permissiva de Deus.

Modo como opera de Satanás:

- (a) Satanás, também chamado a serpente, provocou a queda da raça humana (Gn 3.1-6; 1 Jo 5.19).
- (b) O império do mal sobre o qual Satanás reina (Mt 12.26) é altamente organizado e exerce autoridade sobre as regiões do mundo inferior, os anjos caídos (Mt 25.41; Ap 12.7), os homens perdidos (Jo 12.31; Ef 2.2) e o mundo em geral (Lc 4.5,6; 2 Co 4.4; 1 Jo 5.19).

- (c) Satanás não é onipresente, onipotente, nem onisciente; por isso a maior parte da sua atividade é delegada a seus inumeráveis demônios (Mt 8.28; Ap 16.13, 14; Jó 1.12).
- (d) No fim da presente era, Satanás será confinado ao abismo durante mil anos (Ap 20.1-3). Depois disso será solto, após o que fará uma derradeira tentativa de derrotar a Deus, seguindo-se sua ruína final, que será o seu lançamento no lago de fogo (Ap 20.7-10).
- (e) Satanás atualmente guerreia contra Deus e seu povo (Ef 6.11-18), procurando desviar os fiéis da sua lealdade a Cristo (2 Co 11.3) e fazê-los pecar e viver segundo o sistema do mundo (2 Co 11.3; 1 Tm 5.15; 1 Jo 5.19). O cristão deve sempre orar por livramento do poder de Satanás (Mt 6.13), para manter-se alerta contra seus ardis e tentações (Ef 6.11), e resistir-lhe no combate espiritual, permanecendo firme na fé (Ef 6.10-18; 1 Pe 5.8,9).

7.6. O QUE O ESPIRITISMO DIZ SOBRE OS ANJOS

Para o espiritismo não existem anjos nem demônios, como nos ensinam as Sagradas Escrituras. Segundo o "Livro dos Espíritos" questões 128 a 131, os anjos seriam espíritos evoluídos puros, ou seja: Deus os criou inicialmente ignorantes e rudes, e no difícil caminho do aperfeiçoamento, passaram pelos reinos mineral, vegetal e animal, entraram no corpo de macacos, evoluíram até chegarem ao estado de seres humanos, e depois de reencarnarem inúmeras vezes, tornaram-se espíritos de luz.

No livro "O Céu e o Inferno", Kardec afirmou que: "os anjos são almas de homens chegados ao grau de perfeição que a criatura comporta, fruindo em sua plenitude a prometida felicidade".

Por sua vez a Bíblia, a Palavra de Deus, afirma que os anjos foram criados por Deus (Êx 20.11, Ne 9.6 e Cl 1.16), portanto não resultado de uma evolução e que já existiam quando o pecado entrou no mundo.

Tanto que após a queda de Adão e Eva, foram investidos da missão de guardar o caminho que conduzia à árvore da vida (Gn 3.24). Eles são mensageiros e ministros de Deus (Hb 1.14, Sl 91.11 e Sl 34.7).

A BÍBLIA TAMBÉM DESCREVE A MANIFESTAÇÃO DOS ANJOS QUANDO:

- (a) Na obra da criação do mundo físico (Jó 38.6,7).

- (b) Moisés recebeu de Deus as tábuas da Lei (Hb 2.2).
- (c) No nascimento de Jesus (Lc 2.13).
- (d) Foram servir ao Senhor Jesus no deserto da tentação (Mt 4.11).
- (e) Na ressurreição de Cristo (Mt 28.2; Lc 24.4,5).
- (f) Na ascensão de Cristo (At 1.10).

Outras manifestações podem ser listadas neste ponto em toda a Bíblia. Sua manifestação é incorpórea; eles são seres espirituais e morais. A realidade dos anjos se comprova mediante os atributos de personalidade que eles demonstram falando, pensando, sentindo e decidindo.

Entretanto, os demônios, que são anjos caídos da graça de Deus, incorporam em corpos de pessoas vivas ou de animais, e por essas possessões materiais, se manifestam. Os anjos de Deus não tomam outros corpos para se manifestarem, mas tomam formas de pessoas humanas visíveis para se fazerem manifestos. Na criação original dos anjos, não houve essa classificação entre bons e maus. A Bíblia declara que os anjos foram criados no mesmo nível de justiça, bondade e santidade (2 Pe 2.4; Jd 6).

O que define entre bons e maus é o fato de que foram criados como seres morais com livre-arbítrio, e daí, a liberdade de escolha consciente entre o bem e o mal. A queda de Lúcifer deve-se a esta condição moral dos anjos (Is 14.12-16; Ez 28.12-19).

A Bíblia fala acerca dos anjos que pecaram contra o Criador e não guardaram a sua dignidade (2 Pe 2.4; Jd 6; Jó 4.18-21). Aos anjos que não pecaram e não seguiram a Lúcifer, Deus os exaltou e os confirmou em sua posição celestial e para sempre estarão na sua presença, contemplando e executando a vontade do Criador (1 Tm 5.21; Mt 18.10).

A alusão ao número dos anjos é um dos superlativos da Bíblia. Eles foram descritos em multidões "que os homens não podem contar? Temos razões para concluir que há tantos seres espirituais em existência quantos seres humanos vão existir em toda a história da Terra.

É significativo que a frase "o exército do céu" descreve tanto as estrelas materiais quanto os anjos, sendo que ambos não podem ser contados (Gn 15.5). Vale a citação do Dr. Cooke com a sua lista de testemunho bíblico sobre o número dos anjos:

- ✓ Veja o que diz Micaías: *"Vi o Senhor assentado no seu trono, e todo o exército do céu estava junto a ele, à sua direita e à sua esquerda"* (1 Rs 22.9).
- ✓ Ouça o que diz Davi: *"Os anjos de Deus são vinte mil, sim milhares de milhares"* (Sl 68.17).
- ✓ Eliseu viu um destacamento destes seres celestiais que foram enviados para sua guarda pessoal, quando *"o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo, em redor de Eliseu"* (2 Rs 6.17).
- ✓ Ouça o que Daniel viu: *"...milhares de milhares o serviam, e miríade de miríade estavam diante dele..."* (Dn 7.10).
- ✓ Eis o que os pastores vigilantes viram e ouviram na noite do nascimento do Redentor: *"...uma multidão da milícia celestial louvando a Deus e dizendo: Glória a Deus nas maiores alturas..."* (Lc 2.13).
- ✓ Ouça o que diz Jesus: *"... acaso pensas que não posso rogar a meu Pai, e ele me mandaria neste momento mais de doze legiões de anjos?"* (Mt 26.53).
- ✓ Veja novamente o magnífico espetáculo que João viu e ouviu quando olhou para o mundo celestial: *"Vi, e ouvi uma voz de muitos anjos ao redor do trono, dos seres viventes e dos anciãos, cujo número era de milhões de milhões e milhares de milhares, proclamando em grande voz. Digno é o Cordeiro, que foi morto..."* (Ap 5.12).

Se estes números forem entendidos literalmente, eles indicam 202 milhões, mas são apenas uma parte do exército celestial.

Contudo, é provável que estes números não tenham a intenção de indicar qualquer quantidade exata, mas que a multidão era imensa, além do que costuma usualmente entrar na computação humana.

Por isso lemos, em Hb 12.22, não sobre um número definido ou limitado, embora grande, mas de "incontáveis hostes de anjos".

O PODER DE JESUS SOBRE SATANÁS E SEUS DEMÔNIOS:

"Ninguém pode roubar os bens do valente, entrando-lhe em sua casa, se primeiro não manietar o valente; e, então, roubará a sua casa." (Mc 3.27)

Um dos destaques principais do Evangelho segundo Marcos é o propósito firme de Jesus: derrotar Satanás e suas hostes demoníacas.

Em Mc 3.27, isto é descrito como “manietar o valente” (Satanás) e, “roubará a sua casa” (libertar os escravos de Satanás).

O poder de Jesus sobre Satanás fica claramente demonstrado na expulsão de demônios (gr. *daimonion*) ou espíritos malignos.

QUEM SÃO OS DEMÔNIOS?

O Novo Testamento menciona muitas vezes pessoas sofrendo de opressão ou influência maligna de Satanás, devido a um espírito maligno que neles habita; menciona também o conflito de Jesus com os demônios.

O Evangelho segundo Marcos, descreve muitos desses casos: 1.23-27,32,34, 39; 3.10-12,15; 5.1-20; 6.7,13; 7.25-30; 9.17-29; 16.17.

Os demônios são seres espirituais com personalidade e inteligência. Como súditos de Satanás, inimigos de Deus e dos seres humanos (Mt 12.43-45), são malignos, destrutivos e estão sob a autoridade de Satanás.

São a força motriz que está por trás da idolatria, de modo que adorar falsos deuses é praticamente o mesmo que adorar demônios (1 Co 10.20).

O Novo Testamento mostra que o mundo está alienado de Deus e controlado por Satanás (Jo 12.31; 2 Co 4.4; Ef 6.10-12). Os demônios são parte das potestades malignas; o cristão tem de lutar continuamente contra eles (Ef 6.12).

Os demônios podem habitar no corpo dos incrédulos, e, constantemente, o fazem (Mc 5.15; Lc 4.41; 8.27,28; At 16.18) e falam através das vozes dessas pessoas.

Escravizam tais indivíduos e os induzem à iniquidade, à imoralidade e à destruição. Podem causar doenças físicas (Mt 9.32,33; 12.22; 17.14-18; Mc 9.17-27; Lc 13.11,16), embora nem todas as doenças e enfermidades procedam de espíritos maus (Mt 4.24; Lc 5.12,13).

Aqueles que se envolvem com espiritismo e magia (feitiçaria) estão lidando com espíritos malignos, o que facilmente leva à possessão demoníaca (At 13.8-10; 19.19; Gl 5.20; Ap 9.20,21).

Os espíritos malignos estarão grandemente ativos nos últimos dias desta era, na difusão do ocultismo, imoralidade, violência e crueldade; atacam a Palavra de Deus e a sua doutrina (Mt 24.24; 2 Co 11.14,15; 1 Tm 4.1). O maior surto de atividade demoníaca ocorrerá através do Anticristo e seus seguidores (2 Ts 2.9; Ap 13.2-8; 16.13,14).

JESUS E OS DEMÔNIOS

Nos seus milagres, Jesus frequentemente ataca o poder de Satanás e o demonismo (Mc 1.25,26, 34, 39; 3.10,11; 5.1-20; 9.17-29; cf. Lc 13.11,12,16). Um dos seus propósitos ao vir a terra foi subjugar Satanás e libertar seus escravos (Mt 12.29; Mc 1.27; Lc 4.18).

Jesus derrotou Satanás, em parte pela expulsão de demônios e, de modo pleno, através da sua morte e ressurreição (Jo 12.31; 16.17; Cl 2.15; Hb 2.14). Deste modo, Ele aniquilou o domínio de Satanás e restaurou o poder do reino de Deus.

O inferno (gr. Gehenna), o lugar de tormento, está preparado para o diabo e seus demônios (Mt 8.29; 25.41). Exemplos do termo Gehenna no grego: Mc 9.43,45,47; Mt 10.28; 18.9.

ATIVIDADES – LIÇÃO III

• Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) ☐ O Espiritismo é uma doutrina espiritualista com base humanista.
- 2) ☐ A base filosófica para o Espiritismo é o Livro dos Espíritos, o primeiro livro das obras básicas da doutrina dos espíritos.
- 3) ☐ Embora a doutrina espírita não seja oriunda do Brasil, este é o país que possui a maior quantidade de seguidores do espiritismo.
- 4) ☐ Segundo os espíritas, existem alguns preceitos básicos do espiritismo. Um deles diz que Deus é a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas.

- 5)  O livro de Jó realmente demonstra como o crente fiel deve enfrentar os contratempos da vida. Embora possamos enfrentar sofrimentos severos e aflições inexplicáveis, devemos orar, pedindo graça para aceitar o que Deus permitir que soframos, pedindo-lhe também a revelação e compreensão do seu significado.
- 6)  Um dos pontos doutrinários defendido vorazmente pelo espiritismo é a comunicação mediúnica com os mortos. Que, segundo eles, deve ser disciplinada e voltada para o esclarecimento e a consolação de encarnados e desencarnados.

Anotações:

[illegible]

Lição IV

Religiões Afro-Brasileiras

Anotações:

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

INTRODUÇÃO

Inicialmente restritos aos escravos e seus descendentes, os cultos afro-brasileiros, especialmente a umbanda, ganharam adeptos da classe média urbana. São consideradas Religiões Afro-Brasileiras, todas as religiões que tiveram origem nas religiões africanas, que foram trazidas para o Brasil pelos escravos.

O candomblé das diversas "nações" africanas é a religião afro-brasileira que mais fielmente preserva as tradições dos antepassados e a menos permeável às transformações sincréticas, embora cultue secundariamente entidades assimiladas, como os caboclos e os pretos-velhos.

Predomina na Bahia e tem muitos seguidores no Rio de Janeiro. A umbanda é francamente sincrética com o cristianismo e o espiritismo kardecista. O culto afro-brasileiro toma o nome de pajelança na Amazônia, babaçuê no Pará, tambor-de-mina no Maranhão, xangô em Alagoas, Pernambuco, Paraíba, e batuque no Rio Grande do Sul.

1. CANDOMBLÉ

Paradigma dos cultos de origem africana em todo o país, o ritual do candomblé pode ser considerado, do ponto de vista musical, um oratório dançado. Cada entidade - orixá, exu ou erê - tem suas cantigas e suas danças específicas. O canto é puxado, em solo, pelo pai ou mãe-de-santo e é seguido por um coro em uníssono, formado pelos filhos-de-santo.

Da cerimônia participam três instrumentos básicos: o atabaque, o agogô e o piano-de-cuia (aguê); a estes se acrescentam um adjá (no candomblé das nações do grupo jeje-nagô) e um caxixi (nos ritos do grupo angola-congo). Tal como se encontra na Bahia, esse candomblé, que pode ser considerado mais ou menos ortodoxo, na realidade já se

apresenta como um resumo de várias religiões trazidas pelos negros da África e incorpora ainda elementos ameríndios, do catolicismo popular e do espiritismo.

Há muitos tipos de candomblés, que perpetuam tradições diferentes, graças à influência das diversas nações africanas, representadas no Brasil pelos negros que aqui aportaram à época da escravidão.

Dentre todos os Candomblés existentes, o de Angola, de Caboclo, do Congo, de Quêto e de Ewe, é o do rito Nagô que atualmente se destaca e predomina dentre todos os outros.

Das centenas de Orixás existentes inicialmente na África Negra, somente alguns subsistem hoje no candomblé brasileiro: Oxalá, Nanã, Iemanjá, Xangô, Ogun, Iansã, Oxum, Obá, Oxóssi, Oxumarê, Omolu-Obaluaiê, Euá, Iroko, Logunedé, Ossâim, Ibêji, Ifá, Baiãni e Exu, aos quais é dedicada, em datas específicas uma festa especial.

A primeira etapa da cerimônia em homenagem a um Orixá consiste do sacrifício. No sacrifício, mata-se um animal de duas ou quatro patas, que pode ser galinha, pombo, cabra, bode, carneiro, porco, galo, tatu, cágado, variando também a cor, branco ou preto, dependendo da preferência do deus que está sendo homenageado na cerimônia.

A matança é realizada por um sacerdote denominado de achôgun ou achégun, que, na verdade precisa sacrificar dois animais, já que durante o ritual serão realizadas duas oferendas uma dedicada a Exú, e outra ao santo celebrado na ocasião.

O achôgun precisa seguir com meticulosidade e precisão determinados rituais, porque sem eles, o sacrifício e a oferenda, etapa seguinte da festa, perderiam por completo seu valor, não sendo aceito pelos deuses. A seguir, o animal sacrificado, vai ser preparado pela cozinheira, iyá-bassê ou abassá que também preparará as outras iguarias preferidas para os demais orixás que participarão da festa.

Dessa forma, a moela, fígado, coração, pés, asas, cabeça e o sangue do animal sacrificado são destinados ao santo da festa e, para xangô, o amalá, para Oxun, o xinxin de galinha, e assim por diante.

Os fetiches, que são as pedras sagradas, consideradas como residência temporária dos deuses, precisam também receber oferendas e alimentos para que a força dinâmica e o poder dos orixás possam ser neles fixada.

A esse processo de firmação das energias dos deuses dá-se o nome de assentamento e é justamente com esse intuito que são depositados juntos aos objetos mágicos a parte que restou do animal sacrificado e que não foi utilizada no preparo para a oferenda dos deuses.

A terceira etapa, o padê de Exú, é sempre realizada à noite e coincide com o momento em que a cerimônia se torna pública, pois até essa etapa do ritual somente alguns integrantes da seita são autorizados a assistir.

No padê pede-se a Exú, considerado um mensageiro, um intermediário entre os deuses e os homens, que vá levar aos orixás o chamado dos homens.

É por esse motivo, que essa fase da cerimônia também recebe o nome de Despacho de Exú onde além dos cantos e danças, é realizada a oferenda a de um animal de duas patas que já foi morto e preparado anteriormente.

Feito isso, se inicia o toque dos tambores, rum, rumpi, e iê, que, juntamente com os cânticos característicos de cada entidade, também denominados pontos de chamada, invoca os Orixás para que desçam ao terreiro e incorporem nos médiuns, que no candomblé e na umbanda recebem o nome de “cavalo”.

Os Orixás descem obedecendo a uma ordem fixa e pré determinada denominada de xirê. A cerimônia prossegue com todas as entidades reunidas, dançando e, eventualmente dando conselhos até que se iniciam os cânticos de unló, isto é, os pontos que solicitam que os Orixás desçam de seus cavalos e voltem para o mundo astral. O chefe do terreiro chama-se Babalorixá se for homem e lalorixá se for mulher.

A confraria do candomblé é formada também pelos filhos de santo e pelos ekedy ou ogan. Estes se referem à moça ou o rapaz que formam o conjunto de pessoas que participam das cerimônias como auxiliares dos filhos de santo e que, portanto, não podem cair em transe.

Já os filhos de santo, são na maioria das vezes mulheres, também são chamadas de iaô e têm a função de incorporar as entidades.

Para se tornar uma iaô, é necessário se submeter a um longo e complexo ritual de iniciação que começa com a tiragem dos búzios para saber a que santo pertence a pessoa, passando pela manifestação do orixá, raspagem dos cabelos, banho com as ervas do santo, corte no alto da

cabeça (cura), banho de sangue animal e outros procedimentos que duram em torno de três meses.

2. CANDOMBLÉ-DE-CABOCLO

Manifestação própria de Salvador e municípios vizinhos, na Bahia, o candomblé-de-caboclo é uma espécie de candomblé nacionalizado, que toma por base a ortodoxia do candomblé jeje-nagô.

Trata-se de exemplo nítido do sincretismo religioso popular no Brasil. Registram-se nele influências indígenas e mestiças, resumindo-se os hinos especiais de cada encantado ou caboclo, cantados em português, a uma declaração de seus poderes sobrenaturais.

3. UMBANDA

A Umbanda é uma religião de cunho espiritualista (contato e/ou interferência de espíritos, manipulações magísticas, práticas de cura através dos espíritos e/ou ervas/poções/conjuros, utilização de elementos ou instrumentos místicos), é mediúnica (instrumento pelo qual a prática religiosa se faz presente, especificamente, a incorporação) que agrega elementos de bases africanas (culto aos Orixás e aos espíritos dos antepassados: Pretos-velhos), indígenas (Caboclos), que recebeu influência oriental (indiana, inerente à reencarnação, o kharma e o dharma), e adquiriu elementos do cristianismo (judaísmo) como a caridade, o auxílio ao próximo e outros ditos que no sincretismo religioso (associação dos Santos Católicos aos Orixás africanos) são considerados como o Orixá Oxalá.

Também recebeu influências do Espiritismo, existindo ramificações que se baseiam nos escritos de Kardec sem serem, por isso, considerados autenticamente espíritas, livros doutrinários, como sendo seus livros de aconselhamento e doutrina.

3.1. MODALIDADE DE TRABALHO

A Umbanda trabalha com sete linhas que são faixas de vibração espiritual a qual é representada e chefiada por um orixá. Cada linha é subdividida em Falanges, que por sua vez se subdivide em sub-falanges, que se dividem em bandas.

As bandas se ramificam em sete legiões que se repartem em sete sub-legiões e estas, por fim se subdividem em sete povos.

A primeira linha é chefiada por Oxalá e também é denominada linha de Santo porque abrange os santos da Igreja Católica em geral.

A segunda é a linha de Iemanjá que engloba as ondinas, caboclas do mar e outras entidades relacionadas à água.

A terceira, do Oriente ou de São João Batista, é formada por médicos, sacerdotes, hindus etc.

A linha de Oxóssi é a composta de caboclos e caboclas, ou seja índios, e é comandada por São Sebastião.

Na quinta linha, a de Xangô-Agodô, comandada por São Jerônimo, trabalha Santa Bárbara, caboclos e pretos-velhos.

A sexta linha é a linha de Ogum ou São Jorge, que lidera caboclos, pretos-velhos e soldados romanos.

Por fim, a sétima linha é a linha Africana ou de São Cipriano, onde trabalha todo o povo das Costa do Congo, de Angola e de todo povo da África.

3.2. CULTOS E RITUAIS

A Umbanda é uma religião de culto material, baseada na mediunidade, na magia, com seus rituais e liturgias próprias. Dentre estes se destacam o ponto riscado e o ponto cantado.

O primeiro é a utilização de um desenho riscado com giz denominado pomba pelos umbandistas, que dependendo da forma e da cor serve para chamar determinada entidade ao mundo material. Já no segundo caso, que é uma espécie de prece evocativa cantada, existem diversos tipos.

Há os pontos de louvor, utilizados apenas para homenagear determinada entidade ou abrir os trabalhos, os pontos de descida, cantados para chamar os orixás para que desçam para incorporar o médium, e os pontos de subida entoados para a desincorporação. Os médiuns são também denominados “cavalos” ou “aparelhos” e os cultos são realizados em Terreiros ou Centros embora seja frequente a realização de oferendas nas florestas, praias e fontes de água.

A Umbanda obedece a diversos rituais que além dos já citados incluem os banhos com ervas consideradas sagradas, defumações

com incensos, o uso de velas e de bebidas alcoólicas e os famosos passes, onde o médium utiliza a fumaça de seu charuto ou cachimbo e da imposição de suas mãos nas costas, na frente, nos braços da pessoa, realizando movimentos de cima para baixo, no intuito de neutralizar as más influências que porventura possam estar sofrendo o indivíduo.

3.3. UMBANDA ESOTÉRICA

Segundo a Linha Doutrinária da Umbanda Esotérica: a maioria das línguas hoje faladas no mundo são heranças de uma língua mãe há muito perdida, onde o Sânscrito, o Hebraico e o Neengatu (Tupi), entre outras, são as suas mais antigas descendentes que se conhece.

Assim sendo, para a Umbanda Esotérica e outras Linhas Doutrinas Umbandistas, o termo Umbanda tem sua origem nesta antiga língua mãe, em que; AUM (UM por contração na transliteração do Sânscrito para o português, mas que representaria o som do mantra OM), significa Deus, ou, que vem de Deus, o Seu Verbo, o Som da Criação, o Ternário Divino; BAN significa Conjunto, e DA ou DAM ou ADM significa Lei ou Regra. Assim, AUMBANDAM ou UMBANDA, quer dizer CONJUNTO DAS LEIS DEUS ou LEI MAIOR DIVINA, a LEI MATER, é um Mantra, um Som Sagrado, pois a sua vibração sonora imprime no éter a ideia da manifestação de Deus e Suas Leis de Criação e Evolução, predispondo quem a pronuncia à sentir esta vibração e sintonizar-se com ela.

3.4. ANCESTRALIDADE ESPIRITUAL

A ancestralidade espiritual dentro do conjunto religioso da Umbanda permeia várias visões dependendo da Linha Doutrinária.

Na visão da Linha Doutrinária da Umbanda Esotérica e de outras escolas a ela relacionadas (que não representam uma visão do todo Umbandista, mas apenas uma parte desse todo religioso), dá a Umbanda origem nos primórdios da humanidade:

Em um passado muito distante, onde a história não conseguiu reunir elementos para registros, Escolas Iniciáticas alcançaram altos estudos sobre a natureza e suas manifestações, sobre os fundamentos da existência humana, compreendendo, através da Ciência do Verbo, a manifestação do Princípio Inteligente Absoluto.

Dotados de uma maior sensibilidade psíquica, estudaram a Alma e sua natureza, a relação dos números com a Criação de Deus,

reunindo Ciência, Religião, Filosofia e Arte em um só bloco, onde o esforço do conhecimento humano não se conflitava e nem se dispersava.

Mas, devido ao fenômeno da transmigração das almas, o conhecimento transmitido foi sofrendo alterações em suas bases originais, chegando a um ponto de se ter a chave e não saber entrar. Personificava-se e dava-se aspecto teatral aos Princípios Divinos para que, aqueles que não compreendiam aquilo que precisava ser sentido em espírito, conseguissem digerir um conhecimento com um sabor mais agradável à sua capacidade intelectual. Ainda podemos ver alguma coisa desses esforços nas mitologias dos povos da Índia, da África, da Grécia e das Américas.

3.5. SURGIMENTO NO BRASIL

Existem algumas versões para origem da Umbanda no Brasil.

Tentaremos mostrar uma face dessa origem, como ela atua e o que têm em comum: sua essência.

O início do movimento Umbandista se coloca entre a primeira e a segunda metade do século XIX, junto ao candomblé.

Os negros nas senzalas cantavam e dançavam em louvor aos Orixás, embora aos olhos dos brancos eles estivessem comemorando os "santos católicos". Em meio a essas comemorações eles começaram a incorporar espíritos ditos Pretos-velhos (reconhecidos como espíritos de ancestrais, sejam de antigos Babalaôs, Babalorixás, Yalorixás e antigos "Pais e Mães de senzala": escravos mais velhos que sobreviveram à senzala e que, em vida, eram conselheiros e sabiam as antigas artes da religião da distante África) que iniciaram a ajuda espiritual e o alívio do sofrimento material, àqueles que estavam no cativeiro.

Embora houvesse certa resistência por parte de alguns, pois consideravam os espíritos incorporados dos Pretos-velhos como Eguns (espírito de pessoas que já morreram e não são cultuados no candomblé), também houve admiração e devoção.

Com os escravos foragidos, alforriados e libertados pelas leis do Ventre Livre, Sexagenário e posteriormente a Lei Áurea, começou-se a montagem das tendas, posteriormente terreiros.

Em alguns Candomblés também começaram a incorporar Caboclos (índios das terras brasileiras como Pajés e Caciques) que foram elevados à categoria de ancestral e passaram a ser louvados. O exemplo

disso são os ditos "Candomblés de Caboclo". Muito comuns no norte e nordeste do Brasil até hoje.

No início do séc. XX surgiram as Macumbas no sudeste do Brasil, mas precisamente no Rio de Janeiro (sendo que também existiam em São Paulo) que mesclavam ritos Africanos, um sincretismo Afro-católico e outros mistos magísticos e influências espíritas (kardecistas).

Isso era feito isoladamente, por indivíduos e seus guias, ou em grupamentos liderados pelo Umbanda ou embanda que era o chefe de ritual.

De certa forma, com o passar do tempo, tudo que envolvia algo que não se enquadrava no catolicismo, protestantismo, judaísmo ou no espiritismo, era considerado macumba.

Virou um termo pejorativo e as pessoas que a praticavam, o que podemos rotular como uma "Umbanda rudimentar", não estavam muito interessadas ou preocupadas em dar-lhe um nome. Porém, o termo Umbanda já era utilizado dentro de uma forma de culto ainda meio dispersa e sem uma organização precisa como vemos hoje.

A mais antiga referência literária e denotativa ao termo Umbanda é de Heli Chaterlain, Contos Populares de Angola, de 1889. Lá aparece a referência à palavra Umbanda.

UMBANDA: Banto - Kimbundo = arte de curar.

Segundo Heli Chatelain, tem diversas acepções correlatas na África (ref.: Cultura Bantu):

1 - A faculdade, ciência, arte, profissão, negócio:

- a) de curar com medicina natural (remédios) ou sobrenatural (encantos);
- b) de adivinhar o desconhecido pela consulta à sombra dos mortos ou dos gênios, espíritos que não são humanos nem divinos;
- c) de induzir esses espíritos que não são humanos a influenciar os homens e a natureza para o bem ou para o mal.

Com o passar do tempo a Umbanda foi se individualizando e se modificando em relação ao candomblé, ao Catolicismo e ao Espiritismo. Através dos pretos-velhos e Caboclos, que guiaram seus "cavalos" (médiuns), a Umbanda foi adquirindo forma e conteúdo próprios e

característicos (identidade cultural e religiosa) e que a diferencia daquela "Umbanda rudimentar" ou Macumba.

A incorporação de guias também ocorreu em outras religiões como no Candomblé de Caboclos (desde 1865 - as primeiras manifestações de Caboclos, Boiadeiros, Marinheiros, Crianças e Pretos-velhos aconteceram dentro do Candomblé de Caboclos), no Catimbó, no Espiritismo.

Em 1908 (outros relatos dizem 1920), na Federação Espírita, em Niterói, um jovem de 17 anos, Zélio Fernandino de Moraes, foi convidado a participar da Mesa Espírita. Ao serem iniciados os trabalhos, manifestaram-se em Zélio espíritos que diziam ser de índio e escravo. O dirigente da Mesa pediu que se retirassem, por acreditar que não passavam de espíritos atrasados (sem doutrina).

As entidades deram seus nomes como Caboclo das Sete encruzilhadas e Pai Antônio. No dia seguinte, as entidades começaram a atender na residência de Zélio todos àqueles que necessitavam, e, posteriormente, fundaram a Tenda espírita Nossa Senhora da Piedade.

Zélio foi o precursor de um "trabalho Umbandista Básico" (voltado à caridade, assistencial, sem cobrança e sem fazer o mal e priorizando o bem), uma forma "básica de culto" (muito simples), mas aberta à junção das formas já existentes (ao próprio Candomblé nos cultos Nagôs e Bantos, que deram origem às Umbandas mais africanas - Umbanda Omoloko, Umbanda de pretos-velhos-; ou aquelas formas mais vinculadas ao espiritismo - Umbanda Branca-; ou aquelas formas oriundas da Pajelança do índio brasileiro - Umbanda de Caboclo-; ou mesmo formas mescladas com o esoterismo de Papus - Gérard Anacleto Vincent Encausse -, esoterismo teosófico de Madame Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891), de Joseph Alexandre Saint-Yves d'Alveydre - Umbanda Esotérica, Umbanda Iniciática, entre outras) que foram se mesclando e originando diversas correntes ou ramificações da Umbanda com suas próprias doutrinas, ritos, preceitos, cultura e características próprias dentro ou inerentes à prática de seus fundamentos.

Hoje temos várias ramificações da Umbanda (Linhas Doutrinárias) que guardam raízes muito fortes das bases iniciais, e outras, que se absorveram características de outras religiões, mas que mantém a mesma essência nos objetivos de prestar a caridade, com humildade, respeito e fé.

Alguns exemplos dessas ramificações são:

-
- (a) Umbanda Popular - Que era praticada antes de Zélio e conhecida como Macumbas ou Candomblés de Caboclos; onde podemos encontrar um forte sincretismo - Santos Católicos associados aos Orixás Africanos;
 - (b) Umbanda tradicional - Oriunda de Zélio Fernandino de Moraes;
 - (c) Umbanda Branca e/ou de Mesa - Com um cunho espírita - "kardecista" - muito expressivo. Nesse tipo de Umbanda, em grande parte, não encontramos elementos Africanos - Orixás -, nem o trabalho dos Exus e Pomba-gira, ou a utilização de elementos como atabaques, fumo, imagens e bebidas. Essa linha doutrinária se prende mais ao trabalho de guias como caboclos, Pretos-velhos e crianças. Também podemos encontrar a utilização de livros espíritas como fonte doutrinária;
 - (d) Umbanda Omolokô - Trazida da África pelo Tatá Trancredo da Silva Pinto. Onde encontramos um misto entre o culto dos Orixás e o trabalho direcionado dos Guias;
 - (e) Umbanda Traçada ou Umbandomblé - Onde existe uma diferenciação entre Umbanda e Candomblé, mas o mesmo sacerdote ora vira para a Umbanda, ora vira para o candomblé em sessões diferenciadas. Não é feito tudo ao mesmo tempo. As sessões são feitas em dias e horários diferentes;
 - (f) Umbanda Esotérica - É diferenciada entre alguns segmentos oriundos de Oliveira Magno, Emanuel Zespo e o W. W. da Matta (Mestre Yapaçany), em que intitulam a Umbanda como a Aumbhandan: "conjunto de leis divinas";
 - (g) Umbanda Iniciática - É derivada da Umbanda Esotérica e foi fundamentada pelo Mestre Rivas Neto (Escola de Síntese conduzida por Yamunisiddha Arhapiagha), onde há a busca de uma convergência doutrinária (sete ritos), e o alcance do Ombhandhum, o Ponto de Convergência e Síntese. Existe uma grande influência Oriental, principalmente em termos de mantras indianos e utilização do sânscrito;
 - (h) Umbanda de Caboclo - influência da cultura indígena brasileira com seu foco principal nos guias conhecidos como "Caboclos";
 - (i) Umbanda de Pretos-velhos - influência da cultura Africana, onde podemos encontrar elementos sincréticos, o culto aos Orixás, e onde o comando é feito pelos pretos-velhos;
-

- (j) Outras formas existem, mas não têm uma denominação apropriada. Se diferenciam das outras formas de Umbanda por diversos aspectos peculiares, mas que ainda não foram classificadas com um adjetivo apropriado para ser colocado depois da palavra Umbanda.

3.6. OS FUNDAMENTOS DOUTRINÁRIOS

A Umbanda se fundamenta nos seguintes conceitos:

- (a) Um deus único e superior: Zâmbi, Olorum ou simplesmente deus - Em sua benevolência e em sua força emanada através dos Orixás e dos Guias, auxiliando os homens em sua caminhada para a elevação espiritual e social.
- (b) Os Orixás: Os Orixás não são deuses como muitas pessoas podem conceber como em outras religiões, mas sim divindades criadas por um único deus: Olorum (dentro da corrente Nagô) ou Zambi (dentro da corrente Bantu).

Na Umbanda Esotérica e Iniciática temos a seguinte interpretação:

Os Orixás são vibrações de deuses, vem deles, mas não são eles, são princípios irradiados da suprema Inteligência, regem a criação e a evolução em todo o cosmos. Sete são as vibrações, que imprime na natureza um ritmo centenário que pode ser visto nas cores, no som, nas formas, nos seres e em todos os elementos da natureza. São os “sete espíritos de deus”, e os termos que o definem são os seguintes: ORIXALÁ, OGUM, YEMANJÁ, XANGÔ, OXOSI, YORI e YORIMÁ.

Na Umbanda (de uma maneira geral, pois existem variações referentes às diversas ramificações existentes), os Orixás são cultuados como divindades de um plano astral superior, ARUANDA, que na Terra representam às forças da natureza (muitas vezes confunde-se a força da natureza com o próprio Orixá):

- (a) Oxum as águas doces;
- (b) Iemanjá as águas salgadas;
- (c) Iansã os ventos, chuvas fortes, os relâmpagos;
- (d) Xangô a força do trovão e o fogo provocado pelos relâmpagos etc.

A cada Orixá está associada uma personalidade e um comportamento diante do mundo e com seus filhos, os quais são seus protegidos e uma parte das emanções do Orixá presentes no Orí ou Camatúê (Camatua) desses filhos.

Orixá, dentro do culto Umbandista (de uma maneira geral) não são incorporados (não se incorporam o fogo de Xangô, os ventos de Iansã, as águas doces de Oxum...).

O que se vêem dentro dos vários terreiros, centros, tendas etc, são os Falangeiros dos Orixás (ou também conhecidos como encantados); ou seja, espíritos (não reencarnacionais) de grande luz espiritual que vêm trabalhar sob as Ordens de um determinado Orixá; de outro lado existem os capangueiros de Orixás que são Caboclos que trabalham em nome dos Orixás, como: Caboclo Ogum Beira-Mar, Caboclo Ogum Yara, etc.

Em algumas casas existe uma confusão entre o que é o Orixá e o que é capangueiro, confundindo os capangueiros com os Orixás.

4. QUIMBANDA (MACUMBA)

A Quimbanda, também conhecida pelos leigos como macumba, é uma ramificação da Umbanda que pratica a magia negra.

Embora cultuem os mesmos Orixás e as mesmas entidades, se sirvam das mesmas indumentárias, e tenham em seus terreiros semelhanças muito marcantes tais como a presença de gongá repleto de imagens dos santos católicos simbolizando os orixás, caboclos e pretos-velhos, existem entre as duas religiões diferenças fundamentais e decisivas.

Uma delas é que na Quimbanda são realizados despachos com animais como galos e galinhas pretas por exemplo, pólvora, objetos da pessoa a quem se quer prejudicar, dentes, unhas ou cabelo de pessoas ou animais.

Estes despachos costumam-se realizar à meia-noite em locais como encruzilhadas e cemitérios. Outra prática bastante frequente que também se encontra presente no vodu haitiano sob o nome de paket é o envoltamento.

Este, diz respeito à construção de um boneco de pano ou qualquer outro material, desde que pertencente à pessoa a quem quer se

prejudicar, e a seguir alfinetes ou pregos são utilizados para transpassar o corpo da imagem.

Os quimbandeiros têm como ponto principal de seu culto a invocação de Exus que na Quimbanda são considerados espíritos das trevas, uns já em estado de evolução, e outros, denominados quiumbas, espíritos atrasadíssimos e que por isso também são chamados obsessores.

Existem muitos Exus: Exu das Almas, Exu Caveira, Exu das Matas, Exu Tranca Rua. Existem de igual forma, Exus femininos, como é o caso de Maria Padilha, Pomba-gira Mulambo, Cigana, entre outras.

Uma das práticas mais conhecidas da Quimbanda é a Gira dos Exus, ou Enjira dos Exus, cerimônia realizada, via de regra à meia noite, na qual diversos Exus incorporam nos médiuns e passam a dançar, beber, fumar, utilizando-se de uma linguagem bastante grosseira.

5. PAJELANÇA

No caso da pajelança (Amazonas, Pará, Piauí, Maranhão), o elemento gerador é genuinamente ameríndio. As curas são levadas a efeito pelos pajés, verdadeiros xamãs indígenas. O instrumento básico de pajelança é o maracá, instrumento sagrado do pajé. As cerimônias acompanham-se sempre de cantos e danças para divertir os espíritos.

Os cantos são melodias folclóricas conhecidas; as danças, exercícios mímicos, com rugidos e uivos imitativos dos animais invocados. Uma versão da pajelança amazônica é a encanteria ou encantaria piauiense, fortemente aculturada com o catolicismo popular.

Na encanteria, os crentes repetem várias vezes certa quadra rogatória de purificação, após o que o pai-de-santo dança em volta da guna (forquilha central da sala), no centro de um círculo formado por todos os dançantes, que giram sobre si mesmos da direita para a esquerda em torno do mestre, que entoia cantos (aié) para que algum moço (espírito) se aposse de seu aparelho (filho ou filha-de-santo) e cante sua doutrina, dançando em transe.

6. TAMBOR-DE-MINA

Manifestação própria do Maranhão, cuja procedência é o ritual angola-congo do candomblé, mesclado a outras sobrevivências

litúrgicas, o tambor-de-mina ou tambor-de-crioulo caracteriza-se por uma série de cantos acompanhados por três tambores, uma cabaça e um triângulo de ferro.

7. BABAÇUÊ

Versão local, em Belém PA, do rito jeje-nagô do candomblé baiano, o babaçuê se assemelha em muitos pontos ao candomblé-de-caboclo. Canta-se e dança-se ao ritmo de três abadãs (tambores), um xequeré (cabaça) e um xeque (chocalho de folha-de-flandes). Os hinos denominam-se doutrinas e podem ser cantados em língua africana ou em português, segundo os espíritos com que se relacionam. Uma variedade desse rito, o batuque, tem suplantado o babaçuê nos dias atuais.

8. CATIMBÓ

A origem do catimbó, cuja prática pode ser encontrada em todo o Nordeste, parece ser a magia branca européia, chegada via Portugal, aculturada com elementos negros, ameríndios, do espiritismo e do baixo catolicismo. Nele se registram cantos de linhas, mas sem nenhum instrumento musical nem bailado votivo.

9. DIVINDADES CULTUADAS NOS CULTOS AFROS: OS ORIXÁS

São divindades originárias da região de Yorubá, África Ocidental, que atuam como intermediárias entre Olórun, o deus supremo dos iorubás e os homens. Na África eram em número superior a 200, mas no candomblé ficaram reduzidos a 16 e na Umbanda a cerca de 8. Dentre eles, destacam-se Oxalá, Iemanjá, Nanã, Xangô, Iansã, Oxum, Ogum, Oxossi e Ogum.

9.1. OXALÁ

Oxalá é o deus da vida, uma das divindades superiores que compõe a santíssima trindade como filho do criador, Olórun, o deus supremo. Nesse sentido, é também denominado Obatalá.

Rei dos Orixás, preside a regeneração, a transformação e o aperfeiçoamento. Sincretizado como o senhor do Bonfim, este Orixá é

representado em duas formas: Oxalufan e Oxaguian. Oxalufan é o Oxalá velho, bondoso, que o peso dos anos fez com que suas costas se curvassem.

Oxaguian é o Oxalá guerreiro, cheio de vitalidade, símbolo da mocidade, às vezes sincretizado como menino Jesus. Sua indumentária é saia e blusa branca, coroa de rei, corações prateados pendurados na cintura.

Sua comida é ebô de milho branco e açaças insossos, pois este Orixá não come sal. Seu dia é a sexta-feira, seu dia de festa, 29 de junho e sua saudação Epa Babá.

9.2. IEMANJÁ

Iemanjá, cujo nome significa “mãe cujos filhos são peixes” é a rainha das águas. É conhecida também pelos nomes de Janaína, Sereia do Mar e Princesa de Aiucá. Orixá de rios e correntes é considerada também como responsável pela gestação e procriação.

É uma das três divindades da “santíssima trindade” da Umbanda. Devido ao sincretismo, foi associada a N.S. da Conceição e N.S. da Glória, entre outras, e o dia consagrado a ela é 8 de dezembro, se está sincretizada com a primeira santa, ou 15 de agosto, se está associada à segunda santa.

Entretanto, na Umbanda também é costume homenagear Iemanjá na virada de ano, sobretudo nas cidades à beira mar como Rio de Janeiro, Santos e Niterói. Sua saudação é Odôιά.

É representada com saia azul e blusa branca com coroa na cabeça. Sua comida preferida é o ebô de milho branco com mel, arroz, angu, peixes brancos etc.

9.3. NANÃ

Nanã é também conhecida pelo nome de Nanã Burukê. É a Orixá mais velha, que, dentre as orixás femininas é a mais respeitada e a de maior conhecimento.

É relacionada à chuva, à lama, mantendo também associações com a morte. Saudada com a expressão Salubá, seu dia da

semana é terça feira e seu dia de festa é 26 de julho, pois sincretiza-se com Sant'Ana.

É representada com indumentária branca e azul escuro ou roxa e sua comida preferida é o anderé, milho branco, inhame, arroz etc.

9.4. XANGÔ

Xangô é um dos filhos de Iemanjá e marido de Iansã, Obá e Oxum. Orixá forte e poderoso, é viril e atrevido e, como é sincretizado como São Jerônimo, amante da justiça. Governa o raio e o trovão e talvez seja por isso que a indumentária que o representa seja feita nas cores vermelho e branco.

Além disso, leva na mão um machado de cobre denominado oxê. Seu dia de festa é o dia de São Jerônimo, 30 de setembro, seu dia da semana é quarta-feira, e sua comida favorita, caruru. É saudado pela expressão Kauô Kabiecile.

9.5. IANSÃ

Iansã divindade feminina de temperamento dominador e apaixonado é considerada guerreira por causa de sua grande coragem. Uma das esposas de Xangô é rainha dos ventos, dos raios, dos trovões e do fogo. É o único orixá capaz de enfrentar e dominar os eguns, ou seja, os espíritos e almas dos mortos que voltam a Terra em determinadas circunstâncias.

É representada vestida de saia vermelha ou vermelha e branco com muitos acessórios e adereços vermelhos além de espada de cobre, sua comida é o carajé, amalá, arroz, milho branco e feijão fradinho. Seu dia da semana é quarta-feira, sua saudação Epahei! Considera-se o 4 de dezembro como o seu dia de festa de Iansã que foi sincretizada com Santa Bárbara.

9.6. OXUM

Oxum é Orixá feminino das águas doces, uma das esposas de Xangô. Exerce o poder da fecundidade e é responsável pelo sucesso ou não dos empreendimentos. As mulheres costumam invocá-la para resolver suas questões sob o apelido de "Minha Mãe Feiticeira". É vaidosa, ciumenta e gosta de ser presenteada com perfumes e bijuterias.

Sua festa depende do santo sob o qual é sincretizada: N. S. Das Candeias, na Bahia o dia é no 2 de fevereiro e N. S Conceição, no Rio de Janeiro é no dia 8 de dezembro.

Suas vestes são da cor amarelo e branca, com pano amarelo às costas, segurando nas mãos uma espada e um abebé de latão. Seu dia é sábado, sua comida favorita o omolucum e sua saudação Eri ierê ô.

9.7. Oxóssi

Oxóssi é o orixá da caça que chefia a linha de caboclos e caboclas, entre eles Urubatá, Araribóia, Caboclo das Sete Encruzilhadas, Cabocla Jurema etc. Ele é símbolo da vegetação, protetor das causas difíceis, guardião dos alimentos e remédios. No Rio de Janeiro e Porto Alegre é sincretizado com S. Sebastião e festejado por isso em 20 de janeiro; na Bahia é sincretizado com S. Jorge, cujo dia de festa é 23 de abril. Seu dia da semana é quinta feira, sua comida predileta o axoxó, feijão fradinho torrado, inhame e arroz.

Sua roupa é azul e verde no candomblé e na Umbanda verde. Usa ainda um capacete de metal prateado, couraça prateada e na mão leva um arco e flecha denominado ofá além de um iruquerê, espécie de cabo de madeira, osso ou metal com uma cauda de cavalo presa. É saudado com a expressão Okê.

9.8. OGUM

Ogum é um Orixá masculino, que governa a guerra, as armas, as demandas e os metais. Sincretizou-se com São Jorge no Rio, onde é festejado no dia 23 de abril e com Santo Antônio na Bahia, sendo ali sua festa realizada em 13 de junho.

Veste calça e saia azul escuro, capacete e espada de metal, seu dia da semana é quinta-feira. Adora feijões preto e fradinho, inhame e acarajé. É recebido pela expressão Ogunhê.

10. APOLOGÉTICA BÍBLICA

Segue a partir deste tópico (10), nossa defesa apologética. Como se vê, nas Religiões Afro-brasileiras, nada tem a ver com Cristianismo. O deus-orixá, de múltiplas faces e nomes, não é o nosso Deus. A alegação de que Deus está em toda parte, todos são filhos de

Deus, que Deus ama a todos, e por isso devemos nos aproximar dos cultos afro-brasileiros, é, no mínimo, ingênua.

Todavia, não acredito que o namoro do Catolicismo com o Candomblé dê em casamento. A decisão de abraçar, acolher, acomodar o Candomblé dentro dos templos católicos seria um tremendo desacerto.

As Religiões Afro-brasileiras lidam com demônios; a finalidade de seus rituais é agradar aos orixás com oferendas e sacrifícios; as saudações são dirigidas aos demônios; os cânticos expressam homenagens aos demônios; nos rituais de iniciação as filhas-de-santo são obrigadas a beber sangue podre; a entregar seus corpos para serem possuídos pelos demônios; a obedecer cegamente ao pai-de-santo etc. E mais: nas suas festas todas as filhas-de-santo recebem (incorporam, ficam possuídas) seus respectivos espíritos-guias. Este não é o lugar apropriado para um filho de Deus, um crente em Jesus, um cristão verdadeiro. Religiões Afro-brasileiras e Cristianismo são irreconciliáveis.

Os membros das Religiões Afro-brasileiras devem ser amados e evangelizados. Mas para isso não precisamos tocar seus atabaques, comer suas iguarias contaminadas e cantar seus hinos satânicos. Não precisamos ir aos quintos dos infernos para evangelizar a Satanás.

Não existe e nunca existirá conciliação entre as trevas e a luz: "Que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas? E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos? Pelo que saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor; e não toqueis nada imundo, e eu vos receberei; e eu serei para vós Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-poderoso" (2 Co 6.14-18).

Uma coisa é certa: a Igreja do Senhor Jesus, assim entendido o Corpo de Cristo, não come, nunca comeu e jamais comerá das mãos dos Orixás, do Exu, do Pomba-gira, do Pretos-Velhos, de Iemanjá ou de qualquer demônio. Jamais nos alegraremos com os cânticos de louvor a Satanás; nossos templos estarão sempre fechados a qualquer prática espírita, seja do Candomblé, da Umbanda ou Quimbanda.

Mas estaremos sempre de braços abertos para receber homens e mulheres oriundos de qualquer seita, para lhes dizer que só em Jesus Cristo há salvação, "porque em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos" (Atos 4.12).

A Igreja se manterá distante dessas práticas satânicas. Não só distante mas sempre pronta para combatê-las com a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus.

10.1. PRÁTICAS ABOMINÁVEIS SÃO COMETIDAS EM NOME DE DEUS COMO, POR EXEMPLO:

- (a) A prática mediúnica (instrumento pelo qual a prática religiosa se faz presente, especificamente, a incorporação);
- (b) O culto aos Orixás e aos espíritos dos antepassados: Pretos-velhos, Caboclos;
- (c) O exercício de curar com medicina natural (remédios) ou sobrenatural (encantos);
- (d) De adivinhar o desconhecido pela consulta à sombra dos mortos ou dos gênios, espíritos que não são humanos nem divinos;
- (e) De induzir esses espíritos humanos que não são humanos a influenciar os homens e a natureza para o bem ou para o mal.

10.2. CONCEITOS, CRENÇAS E DOUTRINAS FUNDAMENTAIS:

- (a) A reencarnação;
- (b) Um “deus único e superior” que remete força emanada através dos Orixás e dos Guias, auxiliando os homens em sua caminhada para a elevação espiritual e social;
- (c) Os Orixás que embora não sejam deuses, mas sim divindades criadas por um único deus;
- (d) Os “sete espíritos de deus”, recebem os seguintes nomes: ORIXALÁ, OGUM, YEMANJÁ, XANGÔ, OXOSI, YORI e YORIMÁ;
- (e) Orixás são cultuados como divindades de um plano astral superior;
- (f) Olórun, o deus supremo dos iorubá e os homens;
- (g) Oxalá é o deus da vida.

10.3. REFUTAÇÃO ÀS DOCTRINAS E PRÁTICAS DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS À LUZ DAS ESCRITURAS SAGRADAS

10.3.1. DEUS CONDENA À PRÁTICA DA MEDIUNIDADE QUE CONSULTA ESPÍRITOS-GUIAS E MORTOS:

- (a) “Não vos virareis para aos adivinhadores e encantadores; não os busqueis, contaminando-vos com eles. Eu sou o SENHOR, vosso Deus” (Lv 19.31);
- (b) “Quando uma alma se virar para os adivinhadores e encantadores, para se prostituir após eles, eu porei a minha face contra aquela alma e a extirparei do meio do seu povo” (Lv 20.6).
- (c) “Entre ti se não achará quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro, nem encantador de encantamentos, nem quem consulte um espírito adivinhante, nem mágico, nem quem consulte os mortos” (Dt 18.10,11).
- (d) “Quando vos disserem: Consultai os que têm espíritos familiares e os adivinhos, que chilreiam e murmuram entre dentes; não recorrerá um povo ao seu Deus? A favor dos vivos interrogar-se-ão os mortos?” (Is 8.19);
- (e) “Mas o Espírito expressamente diz que, nos últimos tempos, apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios” (1 Tm 4.1);
- (f) “Porque tais falsos apóstolos são obreiros fraudulentos, transfigurando-se em apóstolos de Cristo. E não é maravilha, porque o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz. Não é muito, pois, que os seus ministros se transfigurem em ministros da justiça; o fim dos quais será conforme as suas obras” (2 Co 11.13-15);
- (g) “Porque já o mistério da injustiça opera; somente há um que, agora, resiste até que do meio seja tirado” (2 Ts 2.7).

10.3.2. DEUS É UMA VELOZ TESTEMUNHA CONTRA OS FEITICEIROS POR QUE:

- (a) Trazem consolações vazias: “Porque os terafins têm falado vaidade, e os adivinhos têm visto mentira e descrito sonhos vãos; com vaidade consolam; por isso, vão como ovelhas, estão aflitos, porque não há pastor” (Zc 10.2);

- (b) Iludem com artes mágicas em nome de Deus: “E havia grande alegria naquela cidade. E estava ali certo homem chamado Simão, que anteriormente exercera naquela cidade a arte mágica e tinha iludido a gente de Samaria, dizendo que era uma grande personagem; ao qual todos atendiam, desde o mais pequeno até ao maior, dizendo: Este é a grande virtude de Deus. E atendiam-no a ele, porque já desde muito tempo os havia iludido com artes mágicas. (At 8. 9-11);
- (c) São exploradores do povo que objetivam sempre o lucro: “E aconteceu que, indo nós à oração, nos saiu ao encontro uma jovem que tinha espírito de adivinhação, a qual, adivinhando, dava grande lucro aos seus senhores” (At 16.16);
- (d) Atuam como se fossem Deus consultando os astros: “Cansaste-te na multidão dos teus conselhos; levantem-se, pois, agora, os agoureiros dos céus, os que contemplavam os astros, os prognosticadores das luas novas, e salvem-te do que há de vir sobre ti” (Is 47.13);
- (e) São guiados pelas obras da carne: “Porque as obras da carne são manifestas, as quais são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices, glotonarias e coisas semelhantes a estas, acerca das quais vos declaro, como já antes vos disse, que os que cometem tais coisas não herdarão o Reino de Deus” (Gl 5.19-21);
- (f) Os tais não entrarão no céu: “Mas, quanto aos tímidos, e aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos fornicadores, e aos feiticeiros, e aos idólatras e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre, o que é a segunda morte” (Ap 21.8 e 22.15).

10.3.3. A BÍBLIA REFUTA COMPLETAMENTE A POSSIBILIDADE DE CONTATO COM PESSOAS FALECIDAS. AFIRMA QUE OS TAIS ESPÍRITOS SÃO MALIGNOS - DEMÔNIOS.

- (a) “Tal como a nuvem se desfaz e some, aquele que desce à sepultura nunca tornará a subir. Nunca mais tornará à sua casa, nem o seu lugar o conhecerá mais” (Jó 7:9-10);
- (b) “Pois os vivos sabem que morrerão, mas os mortos não sabem coisa nenhuma, nem tampouco têm eles daí em diante recompensa; porque

a sua memória ficou entregue ao esquecimento. Tanto o seu amor como o seu ódio e a sua inveja já pereceram; nem têm eles daí em diante parte para sempre em coisa alguma do que se faz debaixo do sol" (Ec 9.5-6);

- (c) "e o pó volte para a terra como o era, e o espírito volte a Deus que o deu (Ec 12.7);
- (d) "Quanto àquele que se voltar para os que consultam os mortos e para os feiticeiros, prostituindo-se após eles, porei o meu rosto contra aquele homem, e o extirparei do meio do seu povo" (Lv 20.6);
- (e) "Não se achará no meio de ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro, nem encantador, nem quem consulte um espírito adivinhador, nem mágico, nem quem consulte os mortos" (Dt 18.10-11);
- (f) "Quando vos disserem: Consultai os que têm espíritos familiares e os feiticeiros, que chilreiam e murmuram, respondi: Acaso não consultará um povo a seu Deus? Acaso a favor dos vivos consultará os mortos? A Lei e ao Testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, nunca lhes raíará a alva" (Is 8.19-20);
- (g) "Mas o Espírito expressamente diz que em tempos posteriores alguns apostatarão da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios, pela hipocrisia de homens que falam mentiras e têm a sua própria consciência cauterizada" (1 Tm 4.1-2).

10.3.4. A IDOLATRIA PERMEIA AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

A idolatria é um pecado que o povo de Deus, através da sua história no Antigo Testamento, cometia repetidamente. O primeiro caso registrado ocorreu na família de Jacó (Israel). Pouco antes de chegar a Betel, Jacó ordenou a remoção de imagens de deuses estranhos (Gn 35.1-4).

O primeiro caso registrado na Bíblia em que Israel, de modo global, envolveu-se com idolatria foi na adoração do bezerro de ouro, enquanto Moisés estava no monte Sinai (Êx 32.1-6).

Durante o período dos juízes, o povo de Deus frequentemente se voltava para os ídolos. Embora não haja evidência de idolatria nos tempos de Saul ou de Davi, o final do reinado de Salomão foi marcado por frequente idolatria em Israel (1 Rs 11.1-10).

Na história do reino dividido, todos os reis do Reino do Norte (Israel) foram idólatras, bem como muitos dos reis do Reino do Sul (Judá). Somente depois do exílio, é que cessou o culto idólatra entre os judeus.

10.3.5. POR QUE A IDOLATRIA ERA TÃO FASCINANTE AOS ISRAELITAS? HÁ VÁRIOS FATORES IMPLÍCITOS.

- (a) As nações pagãs que circundavam Israel criam que a adoração a vários deuses era superior à adoração a um único Deus. Noutras palavras: quanto mais deuses, melhor. O povo de Deus sofria influência dessas nações e constantemente as imitava, ao invés de obedecer ao mandamento de Deus, no sentido de se manter santo e separado delas.
- (b) Os deuses pagãos das nações vizinhas de Israel não requeriam o tipo de obediência que o Deus de Israel requeria. Por exemplo, muitas das religiões pagãs incluíam imoralidade sexual religiosa no seu culto, tendo para isso prostitutas cultuais. Essa prática, sem dúvida, atraía muitos em Israel. Deus, por sua vez, requeria que o seu povo obedecesse aos altos padrões morais da sua lei, sem o que, não haveria comunhão com Ele.
- (c) Por causa do elemento demoníaco da idolatria (ver a próxima seção), ela, às vezes, oferecia, em bases limitadas, benefícios materiais e físicos temporários. Os deuses da fertilidade prometiam o nascimento de filhos; os deuses do tempo (sol, lua, chuva etc.) prometiam as condições apropriadas para colheitas abundantes e os deuses da guerra prometiam proteção dos inimigos e vitória nas batalhas.

10.3.6. A PROMESSA DE TAIS BENEFÍCIOS FASCINAVA OS ISRAELITAS; DAÍ, MUITOS SE DISPUNHAM A SERVIR AOS ÍDOLOS.

Não se pode compreender a atração que exercia a idolatria sobre o povo, a menos que compreendamos sua verdadeira natureza. A Bíblia deixa claro que o ídolo em si, nada é (Jr 2.11; 16.20).

O ídolo é meramente um pedaço de madeira ou de pedra, esculpido por mãos humanas, que nenhum poder tem em si mesmo. Samuel chama os ídolos de “vaidades” (1 Sm 12.21), e Paulo declara expressamente: “sabemos que o ídolo nada é no mundo” (1 Co 8.4; cf. 10.19,20).

Por essa razão, os salmistas (Sl 115.4-8; 135.15-18) e os profetas (1 Rs 18.27; Is 44.9-20; 46.1-7; Jr 10.3-5) frequentemente zombavam dos ídolos.

Contudo, por trás de toda idolatria, há demônios, que são seres sobrenaturais controlados pelo diabo. Tanto Moisés (Dt 32.17) quanto o salmista (Sl 106.36,37) associam os falsos deuses com demônios.

Note, também, o que Paulo diz na sua primeira carta aos coríntios a respeito de comer carne sacrificada aos ídolos: “as coisas que os gentios sacrificam, as sacrificam aos demônios e não a Deus” (1 Co 10.20).

Noutras palavras, o poder que age por detrás da idolatria é o dos demônios, os quais têm muito poder sobre o mundo e os que são deles.

10.3.7. PODER SOBRE SATANÁS E OS DEMÔNIOS

Satanás, como “o deus deste século” (2 Co 4.4), exerce vasto poder nesta presente era iníqua (1 Jo 5.19; cf. Lc 13.16; Gl 1.4; Ef 6.12; Hb 2.14). Ele tem poder para produzir falsos milagres, sinais e maravilhas de mentira (2 Ts 2.9; Ap 13.2-8,13; 16.13-14; 19.20) e de proporcionar às pessoas benefícios físicos e materiais. Sem dúvida, esse poder contribui, às vezes, para a prosperidade dos ímpios (cf. Sl 10.2-6; 37.16, 35; 49.6; 73.3-12).

A correlação entre a idolatria e os demônios vê-se mais claramente quando percebemos a estreita vinculação entre as práticas religiosas pagãs e o espiritismo, a magia negra, a leitura da sorte, a feitiçaria, a bruxaria, a necromancia e coisas semelhantes (2 Rs 21.3-6; Is 8.19; Dt 18.9-11; Ap 9.21 nota).

Segundo as Escrituras, todas essas práticas ocultistas envolvem submissão e culto aos demônios. Quando, por exemplo, Saul pediu à feiticeira de Endor que fizesse subir Samuel dentre os mortos, o que ela viu ali foi um espírito subindo da terra, representando Samuel (28.8-14), isto é, ela viu um demônio subindo das trevas.

O Novo Testamento declara que a cobiça é uma forma de idolatria (Cl 3.5). A conexão é óbvia: pois os demônios são capazes de proporcionar benefícios materiais. Uma pessoa insatisfeita com aquilo que tem e que sempre cobiça mais, não hesitará em obedecer aos princípios e vontade desses seres sobrenaturais que conseguem para tais pessoas aquilo que desejam.

Embora tais pessoas talvez não adorem ídolos de madeira e de pedra, entretanto adoram os demônios que estão por trás da cobiça e

dos desejos maus; logo, tais pessoas são idólatras. Dessa maneira, a declaração de Jesus: "Não podeis servir a Deus e a Mamom [as riquezas]" (Mt 6.24), é basicamente a mesma que a admoestação de Paulo: "Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demônios" (1 Co 10.21).

Nunca compreenderemos adequadamente o Novo Testamento a não ser que reconheçamos o fato subjacente nele de que Satanás é o deus deste mundo. Ele é o maligno, e o seu poder controla o presente século mau (Lc 13.16; 2 Co 4.4; Gl 1.4; Ef 6.12; Hb 2.14; Mt 4.10).

As Escrituras não ensinam que Deus hoje controla diretamente este mundo ímpio, cheio de gente pecaminosa, de maldade, de crueldade, de injustiça, de impiedade etc. Deus não deseja, nem causa, de nenhuma maneira, todo o sofrimento que há no mundo; nem tudo quanto aqui ocorre procede da sua perfeita vontade (Mt 23.37; Lc 13.34; 19.41-44).

A Bíblia indica que atualmente o mundo não está sob o domínio de Deus, mas em rebelião contra seu governo e sob o domínio de Satanás. Por causa dessa condição, Cristo veio a morrer (Jo 3.16) e reconciliar o mundo com Deus (2 Co 5.18,19).

Nunca devemos afirmar que "Deus está no controle de tudo", a fim de nos esquivar-nos da responsabilidade de lutar seriamente contra o pecado, a iniquidade ou a mornidão espiritual. Há, no entanto, um sentido em que Deus está no controle do mundo ímpio.

Deus é soberano e, portanto, todas as coisas acontecem de acordo com sua vontade permissiva e controle ou, às vezes, através da sua ação direta, de conformidade com o seu propósito e sabedoria.

Mesmo assim, na presente era da história, Deus tem limitado seu supremo poder e domínio sobre o mundo.

Esta autolimitação é apenas temporária, porque no tempo determinado pela sua sabedoria, Ele destruirá toda a iniquidade e o próprio Satanás (Ap 19,20). Somente então é que "Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre" (Ap 11.15).

10.3.8. DEUS NÃO TOLERARÁ NENHUMA FORMA DE IDOLATRIA

Ele advertia frequentemente contra ela no Antigo Testamento.

- (a) Nos dez mandamentos, os dois primeiros mandamentos são contrários diretamente à adoração a qualquer deus que não seja o Senhor Deus de Israel (Êx 20.3,4).
- (b) Esta ordem foi repetida por Deus noutras ocasiões (Êx 23.13, 24; 34.14-17; Dt 4.23,24; 6.14; Js 23.7; Jz 6.10; 2 Rs 17.35,37,38).
- (c) Vinculada à proibição de servir outros deuses, havia a ordem de destruir todos os ídolos e quebrar as imagens de nações pagãs na terra de Canaã (Êx 23.24; 34.13; Dt 7.4,5; 12.2,3).

A história dos israelitas foi, em grande parte, a história da idolatria. Deus muito se irou com o seu povo por não destruir todos os ídolos na Terra Prometida. Ao contrário, passou a adorar os falsos deuses. Daí, Deus castigou os israelitas, permitindo que seus inimigos tivessem domínio sobre eles.

- (a) O livro de Juizes apresenta um ciclo constantemente repetido, em que os israelitas começavam a adorar deuses-ídolos das nações que eles deixaram de conquistar. Deus permitia que os inimigos os dominassem; o povo clamava ao Senhor; o Senhor atendia o povo e enviava um juiz para libertá-lo.
- (b) A idolatria no Reino do Norte continuou sem dificuldade por quase dois séculos. Finalmente, a paciência de Deus esgotou-se e Ele permitiu que os assírios destruíssem a capital de Israel e removeu dali as dez tribos (2 Rs 17.6-18).
- (c) O Reino do Sul (Judá) teve vários reis que foram tementes a Deus, como Ezequias e Josias, mas por causa dos reis ímpios como Manassés, a idolatria se arraigou na nação de Judá (2 Rs 21.1-11). Como resultado, Deus disse, através dos profetas, que Ele deixaria Jerusalém ser destruída (2 Rs 21.10-16). A despeito dessas advertências, a idolatria continuou (Is 48.4,5; Jr 2.4-30; 16.18-21; Ez 8), e, finalmente, Deus cumpriu a sua palavra profética por meio do rei Nabucodonosor de Babilônia, que capturou Jerusalém, incendiou o templo e saqueou a cidade (2 Rs 25).

10.3.9. O NOVO TESTAMENTO ADVERTE OS CRENTES CONTRA A IDOLATRIA

- (a) A idolatria manifesta-se de várias formas hoje em dia. Aparece abertamente nas falsas religiões mundiais, bem como na feitiçaria, no satanismo e noutras formas de ocultismo. A idolatria está presente

sempre que as pessoas dão lugar à cobiça e ao materialismo, ao invés de confiarem em Deus somente. Finalmente, ela ocorre dentro da igreja, quando seus membros acreditam que, a um só tempo, poderão servir a Deus, desfrutar da experiência da salvação e as bênçãos divinas, e também participar das práticas imorais e ímpias do mundo.

- (b) Daí, o Novo Testamento nos admoesta a não sermos cobiçosos, avarentos, nem imorais (Cl 3.5; cf. Mt 6.19-24; Rm 7.7; Hb 13.5,6) e, sim, a fugirmos de todas as formas de idolatria (1 Co 10.14; 1 Jo 5.21). Deus reforça suas advertências com a declaração de que aqueles que praticam qualquer forma de idolatria não herdarão o seu reino (1 Co 6.9,10; Gl 5.20,21; Ap 22.15).

ATIVIDADES – LIÇÃO IV

• Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) ☐ Inicialmente restritos aos escravos e seus descendentes, os cultos afro-brasileiros, especialmente a umbanda, ganharam adeptos da classe média urbana.
- 2) ☐ Paradigma dos cultos de origem africana em todo o país, o ritual do candomblé pode ser considerado, do ponto de vista musical, um oratório dançado.
- 3) ☐ A Umbanda é uma religião de cunho espiritualista (contato e/ou interferência de espíritos, manipulações magísticas, práticas de cura através dos espíritos e/ou ervas/poções/conjuros, utilização de elementos ou instrumentos místicos), é mediúnica (instrumento pelo qual a prática religiosa se faz presente, especificamente, a incorporação).
- 4) ☐ Os médiuns são também denominados “cavalos” ou “aparelhos” e os cultos são realizados em Terreiros ou Centros embora seja frequente a realização de oferendas nas florestas, praias e fontes de água.

Lição V

Adventismo do Sétimo Dia e Testemunhas de Jeová

Anotações:

[illegible]

ADVENTISMO DO SÉTIMO DIA

INTRODUÇÃO

Não podemos pensar na origem dos “sabatistas” sem recordar os conflitos entre o apóstolo Paulo e os judaizantes. A luta entre o legalismo e o evangelho da graça de Deus é muito antiga. Continua em tempos modernos no vigoroso programa dos adventistas do Sétimo Dia.

O sabatismo não é uma seita como, muita gente pensa: “uma denominação igual às outras, com a única diferença de guardar o Sábado”. É uma seita perigosa que mistura muitas verdades bíblicas com erros tremendos no que se refere as doutrinas cristãs ou interpretações de profecias.

Tudo começou com um fazendeiro chamado Guilherme Miller nascido em 1782 em Pittsfield, Estado de Massachusetts (EUA), era de Família Batista. Enquanto estudava sua Bíblia da versão King James, Miller passou a crer que poderia calcular o tempo do retorno de Cristo com base na profecia bíblica. Seus cálculos levaram-no a crer que Cristo retornaria em 1843.

Logo começou a compartilhar suas descobertas com outros. Incentivado por alguns, Miller começou a pregar suas teorias nos anos da década de 1830. Em 1840, Ellen Harmon, com a idade de 13 anos, ouviu sua pregação e tornou-se uma crente no breve retorno de Cristo em 1843.

Quanto a isso o Apóstolo Paulo alertou os cristãos acerca dos últimos dias (1 Co 10.11). Pessoas sorrateiramente espalhariam doutrinas, no mínimo, exóticas.

Este engodo começou quando G. Miller marcou o advento da volta de Cristo para o ano de 1844, como nada aconteceu o grupo teceu uma doutrina que viria a ser chamada de *Juízo Investigativo*, *Doutrina da Purificação do Santuário* ou, como nós chamamos, *a salvação incompleta*, pois para os Adventistas só agora Jesus estaria obtendo a redenção eterna (Hb 9.12).

Eles surrupiaram um texto fora do contexto, que é o de Daniel 8.14 que diz: "... Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado".

Transformaram esses dias em anos e assim, partindo da data 457 a.C. (que é uma data questionável), chegaram ao ano que nada aconteceu - 22 de outubro de 1844 - o ano que Jesus, na concepção dessa seita, deveria ter voltado a Terra.

Como nada aconteceu inventaram que o santuário celeste é literal e idêntico ao terreno feito por Moisés e neste caso, Jesus teria saído no dia 22 de outubro de 1844, do "santo lugar" e entrado no "santíssimo" (ou santo dos santos) no ano referido para terminar a sua obra ou fazer esse tal "Juízo Investigativo".

1. AS DOTRINAS DO ADVENTISMO

1.1. JUÍZO INVESTIGATIVO

Talvez o aluno indague: "o que é Juízo Investigativo"? Segundo a teologia adventista a expiação não foi concluída na cruz do calvário.

Asseguram que ao término das 2300 tardes e manhãs, Jesus entrou no lugar santíssimo para efetuar a última parte da sua solene obra - purificar o santuário. A verdade sobre essa doutrina é que os Adventistas para sustentarem a heresia da *pseudo volta de Cristo* inventaram tal doutrina.

O Adventista Hiram Edson afirmou que após o dia 22 de outubro de 1844, Jesus havia voltado, mas não como G. Miller havia afirmado. Na realidade Jesus tinha mudado de compartimento no "Templo Celeste", ou seja, saído do "santo lugar" e entrado no "santíssimo".

Os adventistas também advogam que "antes que se complete a obra de Cristo para a redenção do homem, há também uma expiação para tirar o pecado do santuário. Este é o serviço iniciado quando terminaram os 2300 dias. Naquela ocasião, conforme fora predito pelo profeta Daniel, nosso Sumo Sacerdote entrou no lugar santíssimo para efetuar a última parte de sua solene obra - purificar o santuário" (Ellen Gould White, O Conflito do Século, p. 421).

Até onde a Bíblia permite, constata-se que os Adventistas estão errados em pelo menos três pontos: o tempo, o lugar e a obra de redenção.

Quanto ao tempo, mesmo seguindo o modelo de interpretação profética adventista a data mais provável para o início de contagem dos (supostos) 2300 anos de Daniel 8.13-14 seria 445 a.C. (cf. Ne 2.1-8; Dn 9.25), e não 457 a.C.

No que diz respeito ao *lugar*, biblicamente afirmando, Jesus adentrou ao santuário celestial, isso incluiu o lugar santíssimo, quarenta dias após a sua ressurreição (At 1.3), e não em 22 de outubro de 1844. A epístola aos Hebreus, escrita por volta de 63 a.C., já declarava ter Cristo entrado no santo dos santos: “a qual temos por âncora da alma, segura e firme, e que penetra além do véu, aonde Jesus, como precursor, entrou por nós, tendo-se tornado sumo sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque” (Hb 6.19,20); “não por meio de sangue de bodes e de bezerros, mas pelo seu próprio sangue, entrou no *santo dos santos*, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção” (Hb 9.12, o grifo é nosso); “Porque Cristo não entrou em santuário feito por mão, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus” (Hb 9.24); ver também: Hb 7.23-28; 8.1,2; 9.1-14; 10.9,20; compare com Êx 26.33; Lv 16.2; Nm.7.89; 1 Sm 4.4; 2 Rs 19.15).

Finalmente no que se relaciona com a *redenção*, a Bíblia afirma que a mesma foi realizada de uma vez por todas na cruz e não ficou incompleta. Quando Cristo subiu ao céu ela estava definitivamente terminada (Hb 1.3; 7.25; 9.24-28). Disse Jesus em um forte brado: “Está consumado” (Jo 19.30).

1.2 O ADVENTISMO E A PESSOA DE JESUS

Embora os adventistas afirmem que Jesus é o arcanjo Miguel, na Bíblia, Miguel é “um dos primeiros príncipes” (Dn 10.13). Ora, sendo o Senhor Jesus Cristo a segunda pessoa da Trindade (o que os adventistas, embora incoerentemente, não negam), Ele é plenamente Divino, e, portanto, ímpar. E, se Ele é ímpar, Ele é “o” e não “um dos”. Mas, quem é Miguel? Vejamos o que a Bíblia diz: “Mas o príncipe do reino da Pérsia se pôs defronte de mim vinte e um dias, e eis que Miguel, um dos primeiros príncipes, veio para ajudar-me, e eu fiquei ali com os reis da Pérsia” (Daniel 10.13, grifo é nosso).

O próprio Miguel reconhece a autoridade de Jesus sobre o Diabo e os demônios e demonstra isso quando em confronto direto com Satanás. Este exemplo prova claramente que Jesus e Miguel são distintos e diferentes. “Mas o *arcanjo Miguel*, quando contendia com o diabo e disputava a respeito do corpo de Moisés, não ousou pronunciar juízo de maldição contra ele; mas disse: O Senhor te repreenda” (Jd. 9, *grifo é nosso*).

Se o Arcanjo Miguel é UM DOS *primeiros príncipes*, há outros príncipes junto a ele. Contudo, os nomes de apenas dois são registrados nas Escrituras: Gabriel (Dn 9.21; Lc 1.19,26) e Miguel (Dn 12.1; Jd 1.9; Ap 12.7). *Miguel* é chamado de arcanjo (lit.: “anjo principal”, Jd 9; 1 Ts 4.16);

Se os adventistas não querem ser incoerentes, ao pregarem que Jesus é Miguel, precisam admitir que Jesus não é ímpar, mas apenas mais um príncipe igual a outros, já que Dn. 10.13 diz claramente que Miguel assim é.

A errônea crença de que Jesus é Miguel, pregada pelos adventistas, foi ensinada também pela senhora Ellen White. São dela estas palavras: “Moisés passou pela morte, mas *Cristo* desceu e lhe deu vida antes que seu corpo visse a corrupção. Satanás procurou reter o corpo, pretendendo-o como seu; mas *Miguel* ressuscitou Moisés e levou-o ao Céu (...).

Satanás maldisse amargamente a Deus, acusando-o de injusto por permitir que sua presa lhe fosse tirada; *Cristo*, porém, não repreendeu o seu adversário, embora fosse por sua tentação que o servo de Deus houvesse caído.

Mansamente remeteu-o a Seu Pai, dizendo: ‘O Senhor te repreenda’ “(Primeiros Escritos”, 3ª ed. p. 164, 1988, *grifo nosso*). Aqui a senhora White está expondo o que Deus lhe teria revelado acerca de Judas 9, que nos fala da contenda que se deu entre o arcanjo Miguel e o Diabo.

E, como vimos, ela disse sem rodeios que o arcanjo Miguel é o Senhor Jesus. E neste caso os adventistas preferem a palavra da Sra. Ellen White do que a Bíblia a Palavra de Deus.

1.3. JESUS ERA PECADOR POR NATUREZA?

Os ASD ensinam que Cristo, ao vir a terra, tomou sobre si a natureza pecaminosa do homem:

Em sua humanidade, Cristo participou de nossa natureza pecaminosa, caída, senão, *não seria então em tudo semelhante aos irmãos*, não seria como nós em tudo. De sua parte humana, Cristo herdou exatamente o que herda todo filho de Adão - uma natureza pecaminosa, afirmam. (Estudos Bíblicos. CPB. p. 140/41).

Eis o que a orquestradora do adventismo, a Sra. Ellen White, tem espalhado por aí: "... Cristo tomou sobre Si as fraquezas da humanidade degenerada..." (O Desejado de Todas as Nações, Ellen G. White, CPB, 37ª ed. p. 82).

Mas o que diz a Bíblia sobre o assunto? "Porque nos convinha tal sumo sacerdote, santo, inocente, *imaculado*, separado dos pecadores e feito mais sublime do que os céus" (Hb 7.26, *grifo nosso*). Se Jesus fosse o que os adventistas dizem, Seu sacrifício na cruz não seria substitutivo e, portanto, não teria valor salvífico.

Um pecador, ainda que apenas por natureza e, portanto, sem culpas pessoais, não poderia sofrer no lugar dos demais. A justiça Divina exigia que um justo pagasse por nós, e não que um pecador sofresse no lugar dos demais. Se Jesus fosse pecador por natureza, Ele seria condenado juntamente conosco, e não em nosso lugar.

1.4. O LUGAR DE SATANÁS NA EXPIAÇÃO

Segundo o Adventismo a senhora White "descobriu" a doutrina da expiação compartilhada - Cristo e Satanás - em Lv 16. 20-22.

Este texto fala de dois bodes sacrificiais para os quais os pecados do povo de Deus foram simbolicamente transferidos, sendo um sacrificado substitutivamente e outro, mantido vivo, mas abandonado na solidão dos ermos.

Ela, dicotomizando o sacrifício, viu no bode substituto sacrificado o tipo de Cristo e no vivo alienado, a figura do príncipe dos demônios. Então, imaginativamente, conclui:

O bode abatido, cujo sangue faz a purificação do santuário, prefigura Jesus Cristo que, pelo seu sangue imaculado, purificará o altar do Santo dos Santos celeste. Fato que ocorrerá no fim do Juízo Investigativo. O bode emissário, Azazel, prefigura Satanás, para o qual Cristo

transferirá todos os pecados de seu povo, que se encontram registrados no livro arquivado no santuário, e o desterrará para a terra desolada, onde permanecerá em estado de inominável sofrimento por seus próprios crimes e pelos delitos dos justos pelos quais é diretamente responsável. Esse ato de transferência expiatória ocorrerá no encerramento do juízo investigador, dando início ao “perdão dos justos”, que habitarão com Cristo, e ao milênio, durante o qual o “Azazel Expiatório” vagará, com seus anjos maus, pela terra convertida em deserto, terrivelmente árida. (WHITE, Expição por Azazel).

À luz do contexto sacrificial, não se pode imaginar sacrifícios expiatórios independentes, um do bode sacrificado, outro do vivo. Ora, o culto sacrificial do Dia Nacional da Expição era uno, com um único significado: purificação do arraial ou do santuário e perdão dos pecados coletivos.

A cerimônia constava de dois bodes: um que, carregando os pecados do povo, eliminava-os pela morte vicária; outro que, igualmente levando as culpas dos eleitos, continuava vivo, mas em lugar onde a contaminação fosse impossível.

Nesse ato simbólico, a morte sacrificial e a vida sacrificial prefiguravam, prolepticamente - *proleptikós*, (sig. que antecipa) -, um só evento: a vida, paixão e morte de Cristo, o que carregou o nosso pecado (Is 53.4,8; Jo 1.29,36; 1 Jo 3.5) e, ao mesmo tempo, encravou-o na cruz (Is 53. 5-7).

Os dois bodes, ambos vítimas sacrificiais, são, com certeza, figuras de Jesus Cristo, que se fez pecado por nós e por nós entregou sua vida.

Difícil crer que alguém tenha coragem de produzir semelhante doutrina; mais difícil ainda é acreditar que uma “comunidade cristã” conserve-a como dogma de fé.

1.5. DORMÊNCIA DA ALMA

O livro *Subtilezas do Erro*, diz: “O que o homem possui é o *fôlego da vida* ou *vida* (o que dá animação ao corpo), que lhe é retirado por Deus quando expira. E o fôlego é reintegrado no ar, por Deus. Mas não

é entidade consciente ou o homem real como querem os imortalistas” (p. 249, grifo nosso).

O Adventismo afirma pela *profetisa* Ellen e por Spicer, respectivamente, que: “Os que descem à sepultura estão em silêncio. Não mais sabem de coisa alguma que se faz debaixo do sol. Bendito descanso para o justo cansado! Seja longo ou breve o tempo, não é para eles senão um momento. Dormem, e são despertados pela trombeta de Deus para uma imortalidade gloriosa” (Ellen White, p. 549, 1972). “O Estado a que somos reduzidos pela morte é de silêncio, de inatividade e de inteira inconsciência” (Spicer, p. 151, 1974).

De conformidade com a Bíblia a morte como consequência do pecado estabelece a temporária separação da unidade original “corpo-alma-espírito”. Deus, por sua infinita misericórdia e inefável graça, não permitirá que os efeitos da queda permaneçam danificando seus eleitos.

Ele os reunificará incorruptíveis pela ressurreição do último dia. Enquanto perdurar a *separação tricotômica* dado pelo Criador, ficará sob sua proteção, aguardando o dia da reunificação, quando se restabelecerá a condição ideal, conforme a criação.

Em Dt 31.16 Deus predisse que Moisés, em breve, estaria “dormindo” com seus pais. Na interpretação adventista, sua alma estaria dormente no sepulcro. No entanto, ele aparece, transfigurado, no Monte da Transfiguração: “Apareceu-lhes Elias e Moisés, e estavam falando com Jesus” (Mc 9.4).

Não consta que Moisés ressuscitou, maneira de se “despertar do sono”, conforme a tese adventista; e mais, falou com Jesus. Elias foi transladado (2 Rs 2.11), mas Moisés “dormia”, com seus pais, isto é, estava morto. Como então apareceu “falando” com Jesus?

Paulo desejava partir e estar com Cristo, não ficar dormindo no leito tumular. “Entretanto, se o viver na carne traz fruto para o meu trabalho, já não sei o que hei de escolher. Ora, de um e outro lado, estou constrangido, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor” (Fp 1.22-23).

Encontra-se em Primeira Pedro que Cristo pregou aos espíritos vivos, conscientes, não almas dormentes: “Foi e pregou aos espíritos em prisão.” Espíritos que rejeitaram a mensagem de Noé para que conhecessem o Juiz de todos os seres humanos (1 Pe 3.19).

Apocalipse registra que almas conscientes e ativas estão sob a proteção de Deus, isto é, “debaixo do altar”, reclamavam a justiça divina sobre seus algozes.

Cristo aconselha tais almas a aguardarem com paciência e tranquilidade porque a solução final do julgamento somente aconteceria quando se completasse o número dos eleitos e mártires.

As almas dos justos mortos vão para o altar celeste, onde ficam sob a proteção do Salvador: *“Quando ele abriu o quinto selo, vi debaixo do altar as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam. Clamavam em grande voz, dizendo: Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgar, nem vingas o nosso sangue dos que habitam a terra? Então, a cada um deles foi dada uma vestidura branca, e lhes disseram que repousassem ainda por pouco tempo, até que também se completasse o número dos seus conservos e seus irmãos que iam ser mortos como igualmente eles foram”* (Ap 6.9-11).

AS ALMAS DOS JUSTOS ESTÃO NO CÉU: O ex-ladrão convertido na cruz foi convidado por Cristo a está com ele no Paraíso (Lc 23.43).

E o Paraíso é o Céu: Conheço um homem em Cristo que, há quatorze anos, foi arrebatado até ao terceiro céu (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe); e sei que o tal homem (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe), foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir” (2 Co 12. 2-4).

As almas dos redimidos, aperfeiçoadas, estão incluídas no rol da Igreja celeste: “À universal assembléia e Igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, Juiz de todos, os espíritos dos justos aperfeiçoados” (Hb 12.22b, 23).

AS ALMAS DOS ÍMPIOS ESTÃO NO INFERNO: Veja a situação da alma do rico (Lc 16.23,25). Compare o ensino do divino Mestre no relato histórico do Rico e Lázaro com o que nos revela Pedro em 1 Pe 3.19-20; 2 Pe 2.9. A bênção do salvo é eterna, mas a maldição do réprobo também é eterna.

1.6. A GUARDA DA LEI

O parecer do Apóstolo Tiago: “Porque qualquer que guardar toda a lei e tropeçar em um só ponto tornou-se culpado de todos” (Tg 2.10).

Os adventistas gostam de perguntar aos evangélicos se eles praticam os outros nove mandamentos do decálogo, por sua vez os evangélicos respondem que sim. Então perguntam por que não guardam também o sábado do decálogo já que este faz parte do quarto mandamento da Lei, o que os evangélicos respondem que o sábado foi cravado na cruz. Em cima disso os adventistas contra-argumentam citando Tiago 2.10.

Eles alegam que Tiago estaria falando da lei dos dez mandamentos, pois cita dois mandamentos do decálogo: “Porque aquele que disse: Não cometerás adultério, também disse: Não matarás. Se tu, pois, não cometeres adultério, mas matares, estás feito transgressor da lei” (v.11).

Dizem ainda que a “lei real” e a “lei da liberdade” (v. 8,12) faz referência ao decálogo. Pois bem, vamos analisar e ver se de fato possui base sólida tal afirmação.

Antes de tudo é bom salientar que Tiago cita mandamentos que estão fora do decálogo e que se encontram no livro da lei cujo conteúdo os adventistas dizem ser cerimonial: “Amarás ao teu próximo como a ti mesmo”. Se o fato de Tiago citar mandamentos do decálogo implica que a lei aí é somente a do decálogo, também podemos dizer que ele está então falando de toda a lei, pois cita um mandamento que se encontra no livro de Levítico cujo conteúdo é da lei cerimonial.

Eis as razões porque acreditamos que Tiago está se referindo a toda a lei e não somente ao decálogo:

- (a) Os judeus não dividiam a lei em moral e cerimonial, a lei era uma só.
- (b) Tiago era líder da igreja em Jerusalém (Gl. 2.9) do grupo dos eram da “circuncisão” (Gl 2.7-8).
- (c) Esta igreja era composta por judeus convertidos, mas que ainda guardavam a lei mosaica sem nenhum prejuízo.
- (d) A igreja de Tiago era composta por judeus convertidos zelosos da lei, e dos costumes da lei mosaica.
- (e) Estes judeus guardavam a lei da purificação, circuncisão, voto, sábado, frequentavam o templo etc.
- (f) Tiago em nenhum momento condena a prática desta lei de Moisés.

Com este pano de fundo do contexto histórico, podemos entender agora a carta de Tiago e o que ele quis dizer com a expressão “guardar toda a lei” em 2.10.

- (a) Tiago foi bispo da primeira igreja judaico-cristã da história, onde ainda não havia se convertido nenhum gentio. Veja que mesmo Pedro teve dificuldades em explicar aqueles irmãos sua pregação a um gentio do grupo dos “tementes a Deus” Atos 11.2-3-18.
- (b) A epístola de Tiago é considerada uma das mais antigas do Novo Testamento. Os críticos colocam sua data entre 46 e 60 d.C. bem nos primórdios do cristianismo.
- (c) Esta carta foi endereçada não a gentios, mas a judeus convertidos é o que se depreende da introdução que Tiago faz dizendo, “Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo, às doze tribos da Dispersão, saúde”.
- (d) Tiago 2.2 usa até mesmo a palavra sinagoga para a reunião dos cristãos.

Veja que ele chama a igreja pelo costume nacional judaico. Isto mostra sem sombra de dúvida que o pensamento teológico de Tiago e de sua igreja, contido nesta epístola, era perfeitamente compreensível para aqueles judeus cristãos dispersos.

Então quando Tiago fala de guardar “toda a lei” está falando da lei inteira e não de uma parte dela apenas. Não está aí falando do decálogo que os adventistas chamam de lei moral. Este tipo de linguagem era desconhecida da mentalidade da igreja judaica na qual Tiago presidia.

Disto concluímos, quanto aos mandamentos, que quem despreza uns e pratica outros, a si mesmo constitui transgressor, como o disseram Paulo e Tiago. É bom recordar o que eles falaram sobre o assunto:

- (a) Paulo - “Pois todos quantos são das obras da lei estão debaixo da maldição; porque escrito está: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para fazê-las” (Gl 3.10).
- (b) Tiago - “Pois qualquer que guardar toda a lei, mas tropeçar em um só ponto, tem-se tornado culpado de todos” (Tg 2.10).

Essas duas citações são perfeitamente idênticas em seu sentido. Os dois escritores disseram a mesma coisa com palavras diferentes.

Agora veja que é qualquer um que guardar o sábado, mas não deixa se circuncidar, **tosquiar-se** ou purificar-se, que também é da mesma lei, como pode deixar de ser transgressor da lei?

Relembrando ainda que a lei supra não é o decálogo apenas, mas todo o sistema do judaísmo. Se os adventistas quiserem se socorrer neste verso supra citado terão que guardar toda a lei. Se não o fazem, eles são, então, os que mais incorrem neste pecado. Não há para onde fugir!

OBSERVAR A LEI É UM DESVIO DOUTRINÁRIO. O Apóstolo Paulo chamou a Lei de Ministério da morte gravado em pedras (2 Co 3.7), ministério da **condenação** (2 Co 3.9), **transitório** (2 Co 3.13) e **abolido por Cristo** (2 Co 3.14).

1.7. A GUARDA DO SÁBADO

A Sra. Ellen White diz: “O sábado será a pedra de toque da lealdade... traçar-se-á a linha divisória entre os que servem a Deus e os que não O servem” (O Conflito dos Séculos, p. 611). Afirma ainda que “o selo de Deus na vida do cristão é a guarda do sábado” (Idem).

O que foi feito da Lei:

- (a) Ef 2.14-15. “Na sua carne, desfez a inimizade, isto é, *a lei dos mandamentos*, que consistia em *ordenanças*, para criar em si mesmo dos dois um novo homem, fazendo a paz” (grifo é nosso).
- (b) Cl 2.14. “Havendo riscado a *cédula* que era contra nós nas suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz” (grifo é nosso).
- (c) Em Ef 2.15 encontra-se, por paralelismo, outra referencia a Lei Mosaica como um documento implacável por nos acusar. Deus o desfez, tirou-o do nosso meio, matando-o na *carne* de Jesus Cristo nosso Senhor. E em Cl 2.14 segundo a metáfora da *cédula*, Jesus deu cabal satisfação da Lei por haver nEle tal documento sido por Deus cravado na cruz.
- (d) Aquela sentença de morte contra nós proveniente da Lei foi com a morte de Cristo cancelada porque em tendo nascido sob a Lei (Gl 4.4),

Deus O fez “pecado” e “maldito” a fim de em sua pessoa riscar o documento que nos condenava (2 Co 5.21; Gl 3.13).

Há, igualmente, um destaque valiosíssimo a se frisar. A Epístola aos Colossenses destinara-se aos cristãos gentios de Colossos, da Província da Frigia, na Ásia Menor. Dirigia-se, portanto, a cristãos procedentes da gentilidade, incircuncisos na carne (cf.v.13), isentos das **disposições** litúrgicas da Lei. Sabemos, contudo, que apenas os judeus estavam sujeitos ao cerimonialismo centralizado no Templo de Jerusalém.

Finalmente, satisfeita a Lei e cumpridas as profecias, evidentemente se tornaram ambas caducas. “Porque o precedente mandamento é ab-rogado por causa da sua fraqueza e inutilidade” (Hb 7.18) e, em tendo sido “a lei a sombra dos bens futuros” (Hb 10.1), o primeiro concerto, o da Lei, foi removida e foi estabelecido o segundo, ou seja o de Jesus Cristo Hb 10.9). Jesus Cristo, “perfeito para sempre” (Hb 7.28 b). “Aliás, se aquele primeiro fora irrepreensível, nunca se teria buscado lugar para o segundo” (Hb 8.7).

Ao dar cumprimento a Lei (Mt 5.18; Cl 2.13-14; Rm 10.4; Hb 7.2-12), Nosso Senhor Jesus Cristo estabeleceu o “mais perfeito Tabernáculo” (Hb 9.11). O apego ao dia Sabático como necessidade de se obedecer e executar a lei conspurca a plena suficiência da Obra Salvífica de Nosso Senhor Jesus Cristo. É significativo agarrar-se a fiapos de sombras.

Com base nos fatos apresentados, afirmamos que apesar de a Igreja Adventista do Sétimo Dia ter as melhores escolas, hospitais, grupos musicais como (Prisma, Karisma, Voz da Profecia, Arautos do Rei e outros), os mesmos têm se comportado como judaizantes, paralelos aos da época apostólica, e com isso negam a Jesus único e suficiente Salvador. Aos que confiam no Senhor resta-nos apresentar:

“Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar e apresentar-vos irrepreensíveis, com alegria, perante a sua glória, ao único Deus, Salvador nosso, por Jesus Cristo, nosso Senhor, seja glória e majestade, domínio e poder, antes de todos os séculos, agora e para todo o sempre. Amém!” (Jd 24,25).

TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

INTRODUÇÃO

De todas as seitas as Testemunhas de Jeová exercem um forte tom proselitista. Consideram-se a igreja certa e todas as outras erradas e até satânicas.

Possuem uma Bíblia chamada de Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas, que serve bem para alcançar os seus objetivos e defender suas falsas doutrinas.

Eles publicam uma enorme literatura para defender suas ideias, dentre as mais conhecidas são as revistas Despertai, Sentinela e Atalaia. Eles não se reúnem em templos, mas nos chamados Salões do Reino, uma vez que templos e igrejas tradicionais são considerados diabólicos para eles.

O fundador desta seita é Charles Taze Russel, nascido em 16 de fevereiro de 1852 nos Estados Unidos. Seus pais pertenciam à Igreja Presbiteriana. Já muito cedo se chocou com a doutrina dos calvinistas: "que Deus predestinara um grupo de seres humanos para o inferno".

Trocou de igreja duas vezes. Teve contato com a igreja Adventista, e foi influenciado por seu líder Willian Miller.

Esta influência resultou em calcular a volta de Cristo para terminar com o poder do Diabo. Mais tarde tornou-se pregador. Os salões e as ruas eram os seus locais de pregação.

1. PRINCIPAIS DOCTRINAS

1.1 A BÍBLIA

Dizem que ninguém pode interpretar a Bíblia sem a revista "A SENTINELA". Não reconhecem qualquer outra versão da Bíblia, além da sua versão deturpada chamada, "Tradução Novo Mundo".

Muitas testemunhas de Jeová adquirem outras versões da Bíblia, simplesmente porque se interessam por alguns versículos para o seu trabalho de proselitismo, dando assim a impressão de que conhecem outras versões.

A TRADUÇÃO NOVO MUNDO: foi preparada para contrabandear as crenças pré-fabricadas da Torre de Vigia para o texto das Escrituras. É uma obra mutilada, tendenciosa, viciada e cheia de interpolações.

Traduziram Jo 1.1 por; "E a palavra era [um] deus". Disse o Dr. Bruce M. Metzger, da Universidade de Princeton (Prof. de Línguas e Literatura Novo Mundo): "tradução horripilante... errônea... perniciosa... repreensível". Isso demonstra que as Testemunhas de Jeová são politeístas.

1.2. A TRINDADE

Para as Testemunhas de Jeová a origem da Trindade é de influência pagã, remontando aos antigos babilônios, egípcios e à mitologia antiga. Segundo eles foi Satanás que deu origem à Trindade. Eles dizem que não encontram o termo "Trindade" na Bíblia e por isso não podem crer nela.

Os TJ negam descaradamente a Trindade divina. Dizem não encontrar o termo na Bíblia, por isso a rejeitam. O termo, Trindade, de fato, não se encontra na Bíblia mas as Três Pessoas divinas do Pai, do Filho e do Espírito Santo, co-eternas e iguais em essências entre Si, possuem um volumoso ensino.

Embora as Escrituras não declarem de forma aberta o assunto, no entanto podemos ver a ideia permeando toda a Bíblia. A doutrina da Trindade é crucial para o cristianismo. Como diz Erickson: "Ela se ocupa em definir quem é Deus, como ele é, como trabalha e a forma pela qual se tem acesso a ele".

A Bíblia nos dá uma base segura no que se refere à doutrina da Trindade. É certo que o termo não aparece nas Escrituras, mas podemos encontrar a sua ideia de forma clara e inconfundível. E que base bíblica podemos tomar para defender a Trindade?

1.3. A UNIDADE DE DEUS

Primeiramente vamos falar sobre a Unidade de Deus. Os antigos hebreus tinham uma fé estritamente monoteísta, e que se estende até o judaísmo de hoje. A unidade de Deus foi revelada em diversas ocasiões e de várias maneiras dentro da história de Israel.

Logo nos Dez Mandamentos surge a declaração: “Eu Sou o SENHOR, o teu Deus, que te tirou do Egito, da terra da escravidão. Não terás outros deuses além de mim.” (Êx 20.2,3).

Podemos ver no segundo mandamento (v.4) uma proibição da idolatria baseada na singularidade de Yahweh. Ele não toleraria nenhuma adoração de objetos feitos por mãos humanas, pois só Ele é Deus. Desta forma o Antigo Testamento rejeita o politeísmo, mostrando diversas vezes à superioridade de Deus sobre os outros deuses.

Outra indicação forte da unidade de Deus está no *Shema* em Deuteronômio 6.4,5 e que representa a profissão de fé judaica: “Ouça, ó Israel: O SENHOR, o nosso Deus, é o único SENHOR. Ame o SENHOR, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todas as suas forças”.

Eles deviam meditar naqueles ensinamentos (v.6), deviam conversar sobre eles em casa, no caminho, deitados ou levantando-se (v.7), deviam usar recursos visuais para que as verdades estivessem sempre diante deles.

A unidade de Deus vinculava o compromisso de Israel com o SENHOR. Eles não podiam dividir a atenção com outros deuses.

Mas a unidade de Deus não é somente vista no Antigo Testamento. Podemos ver em Tiago uma recomendação à crença de um único Deus: “Você crê que existe um só Deus? Muito bem! Até mesmo os demônios crêm – e tremem!” (Tg 2.19).

Paulo, seguindo a perspectiva judaica condena a idolatria a partir do fato que existe um só Deus: “Portanto, em relação ao alimento sacrificado aos ídolos, sabemos que o ídolo não significa nada no mundo e que só existe um Deus (...) para nós, porém, há um único Deus, o Pai, de quem vêm todas as coisas e para quem vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, por meio de quem vieram todas as coisas e por meio de quem vivemos” (1 Co 8.4,6). Podemos ver outras referências da unidade de Deus em Dt 4.39, Ef 4.6 e 1 Tm 2.5.

O segundo aspecto da doutrina bíblica é a Deidade dos Três. Com certeza a Bíblia defende um ponto de vista monoteísta, e não negamos que exista um só Deus. Mas o que levou a igreja a ir além destas indicações? Foi o próprio testemunho bíblico que complementou a ideia de que as três pessoas são Deus.

1.4. A DIVINDADE DE JESUS CRISTO

A deidade da primeira pessoa, o Pai, é pouco discutida. Para Jesus, “Deus” e “Pai celeste” são expressões equivalentes (cf. Mt 6.26,30), isso sem contar com as muitas referências a Deus que Jesus faz tendo em mente o Pai (Mt 19.23-26; 27.46; Mc 12.17,24-27).

O problema maior está na pessoa de Jesus como deidade, ainda que a Escritura também o identifique como Deus. Podemos encontrar em Filipenses uma referência chave à deidade de Cristo Jesus. Ao que tudo indica os versos 5-11 era um hino da igreja primitiva, e que Paulo toma como base para que os seus leitores pratiquem a humildade. Paulo diz: “pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus;” (Fp. 2.6 - ARA).

A palavra aqui traduzida como “forma” vem do grego *morphe*. Tanto no grego clássico, como no bíblico, o vocábulo significa “conjunto de características que fazem com que uma coisa seja o que ela é”.

A Chave Linguística define como sendo “A aparência exterior da realidade interior (...) se refere à aparência externa da substância divina, isto é, a divindade de Cristo pré-existente na exibição de Sua glória de ser a imagem do pai”.

Sabemos que *morphe* contrasta com *schema*, que também em geral é traduzida como “forma”, mas no sentido de formato ou aparência superficial, em lugar de substância. O uso de *morphe* reflete a fé da igreja primitiva na deidade de Cristo.

Outra passagem interessante é Hebreus 1. O autor, da qual não sabemos quem foi, escreveu para um grupo de cristãos hebreus. O escritor faz várias afirmações que implicam fortemente a plena deidade do Filho, mostrando Ele como superior aos anjos, destacando-o como “herdeiro de todas as coisas e por meio de quem fez o universo” (v.2). Jesus também é descrito como “o resplendor da glória de Deus e expressão exata do seu ser” (v.3).

Destacamos algumas coisas neste versículo. O vocábulo “ôn”, que é o particípio presente do verbo ser, refere-se à existência absoluta e atemporal. Outra palavra a ser destacada é “apaygasma”, que significa radiância, resplendor.

O sentido ativo tem a ideia de emitir brilho e o significado é que a glória de Deus, a mesma que aparece no Antigo Testamento, radiava dEle. Ou seja, Jesus seria a fonte desta luz.

Outra palavra é “charakter”, que significa impressão, estampa e gravação. Poderia indicar uma impressão feita por um selo ou um traço característico ou distintivo. Também era usada como referência especial a qualquer peculiaridade, indicando uma “reprodução exata”.

E por fim destacamos aqui “hupostaseos”, que significa essência, substância, natureza. Estes vocábulos apontam para a ligação entre o Pai e o Filho. Além de se identificar com o Pai daquele a quem chama Filho (Hb 1.5), Deus é citado no versículo 8 (que é o Salmo 45.6) dirigindo-se ao Filho como “Deus” e no versículo 10 como “Senhor” (do Salmo 102.25).

É muito interessante notar que o escritor tenha dirigido esta carta aos cristãos hebreus, que com certeza tinham em mente um monoteísmo, e mesmo assim afirmar a deidade de Jesus e sua igualdade com o Pai.

E sobre Jesus ainda há a autoconsciência que Ele tinha. Jesus nunca afirmou diretamente a sua deidade. Ele nunca disse: “Sou Deus”. Mas podemos ver que Ele deixou várias pistas de que era assim que pensava sobre si mesmo.

Ele falou sobre os anjos de Deus (Lc 12.8,9; 15.10) como sendo seus (Mt 13.41); considerava o reino de Deus (Mt 12.28; 19.14,24; 21.31,43) e os eleitos de Deus (Mc 13.20) como de sua propriedade.

Além disso, alegou que podia perdoar os pecados (Mc 2.8-10), algo que os judeus atribuíam somente a Deus e que para eles tal afirmação constituía-se numa blasfêmia.

Ele também reivindicava poder para julgar o mundo (Mt 25.31) e reinar sobre ele (Mt 24.30; Mc 14.62). Podemos ver claramente que Jesus afirmava possuir o que pertence unicamente a Deus.

1.5. OUTRAS ABERRAÇÕES DAS TJ ACERCA DE CRISTO

Afirmam as TJ que Jesus é um ser à parte do Pai, portanto não é Deus! Que Jesus é uma pessoa à parte do pai, já sabemos. A doutrina da Trindade não afirma que Jesus é o Pai (Jo 8.14-18).

A Bíblia também declara que Jesus Cristo possui requisitos que são exclusivos da Pessoa de Deus: É adorado como Deus: Ap 5.13,14 (comp. Êx 20.4,5); É o Salvador: Lc 2.11 (comp. Is 43.11,12); Perdoa pecados: Mt 9.8 (comp. Is 43.25); É chamado de Deus: Jo 1.1. Tt 2.13; Rm 9,5.

Outra bobagem dita pelas TJ é que Jesus é o “filho de Deus” e, portanto não pode ser Deus! No periódico “Desperta!”, com o título de “Jesus era mesmo o Filho de Deus?” assim está escrito:

A Bíblia diz que houve um tempo em que Deus estava sozinho. Por amor, ele decidiu partilhar o dom da vida tornando-se pai - mas não do modo humano. Em vez disso, Jeová usou seu imensurável poder criativo para gerar uma pessoa espiritual viva e inteligente - "o princípio da criação de Deus", que hoje conhecemos como Jesus Cristo. (Revelação [Apocalipse] 3.14; Provérbios 8.22). Jesus foi criado diretamente por Deus quando Deus estava sozinho, por isso, Jesus é de forma apropriada chamado de "filho unigênito" e "o primogênito de toda a criação" (João 1.14; Colossenses 1.15). Portanto, fica claro que, como a primeira de todas as criações de Deus, Jesus não podia ser o Criador, "o único Deus" (1 Timóteo 1.17). (DESPERTA!, Março de 2006, p.12).

Quanta bobagem com o nome de verdade é dita pelos TJ. É necessário que saibam que o nome “Filho de Deus” é aplicado a Jesus em três sentidos diferentes: No sentido oficial ou messiânico, mais como uma definição do ofício que da natureza de Cristo (Mt 3.17; 17.5; Mc 1.11; 9.7; Lc 3.22; 9.35); No sentido trinitário. Às vezes o nome é utilizado para indicar a divindade essencial de Cristo. Jo 6.69; 8.16, 18,23; 10.15,30; 14.20 etc.

E no sentido natalício. Cristo é também chamado de Filho de Deus em virtude do Seu nascimento sobrenatural.

O nome é assim aplicado a Ele na bem conhecida passagem do Evangelho Segundo Lucas, na qual a origem da Sua natureza humana é atribuída à direta e sobrenatural paternidade de Deus, a saber Lc 1.35.

O Corpo Governante diz que Jesus não é Deus, pois ele foi criado e de acordo com Ap 3.14, ele é “criatura”, foi assim, o princípio da criação de Deus (Cl 1.15).

O texto supracitado não diz que Jesus é criatura, mas “o princípio da criação de Deus”. A palavra grega *arché*, princípio, aqui significa fonte, origem. Vem de *arch*, que significa “líder, chefe”, como, por exemplo, “arcanjo”, um líder dos anjos.

A expressão “princípio da criação de Deus” revela ser Jesus a fonte e a origem de tudo o que foi criado e que existe, isto é o Criador de tudo.

Se a expressão “princípio”, no texto de Apocalipse 3.14, significa “começo de algo”, ou “iniciar alguma coisa”, teríamos de admitir que o próprio Deus Pai – Jeová, como querem as TJs., também foi criado.

Contradizem-se ao interpretar a passagem de Ap 21.6; 22.13, quando concluem que se trata da pessoa de Jeová (o Pai).

Palavra “primogênito” nas Escrituras não é sinônimo de “primeiro de uma série”, como pensam as TJs., mas sim o mais exaltado de um grupo (Sl 89.27; Ap.1.15). As TJs. propositadamente alteraram o texto de Colossenses 1.16,17 incluindo a expressão “outras coisas” para dizer que Jesus não criou tudo mas apenas algumas coisas. Elemento este que entra em contradição direta com a própria “tradução” das TJs. (Jo 1.3).

A sabedoria personificada de provérbios 8.22 é uma referência a Jesus que foi criado por Jeová – Deus, afirmam. A sabedoria de Pv 8, não é personificada somente neste capítulo do livro de Provérbios, mas nos capítulos 1 a 9. Tendo, portanto, características que as próprias TJs. não atribuem a Jesus [Ex. uma mulher (9.1-3) que habita com a “prudência”].

Neste caso, teria de ser uma pessoa que as TJs. não conseguem definir quem seja (8.12)]. Se Jesus é a sabedoria de Deus, criada em algum tempo atrás (1 Co 1.24), então houve um tempo que Deus - Pai, não era sábio!

A palavra “criou”, com referência a sabedoria de Pv 8, não aparece no original em hebraico antes, “possuir”, “adquirir”. O que não nos dá a ideia de algo criado por Deus.

A afirmativa das TJ é: “Jesus não é Deus, pois lhe é sempre submisso! Como o filho pode ser Deus, visto que a Bíblia diz que Deus é a cabeça de Cristo?” (1 Co 11.3).

Este texto diz que o Pai dirigiu o Filho, e Cristo dirige o homem, e o homem a mulher, o que não quer dizer que o Filho não seja Deus, porque, se esse versículo aqui negasse com isso a divindade de Cristo, seríamos obrigados a admitir que a mulher seria menos humana do que o homem, o que seria um absurdo.

A questão da submissão do Filho ao Pai não afeta ou altera em nada a divindade do Filho. A título de exemplo, sabemos que devemos submissão ao presidente de nossa nação, embora não sejamos inferiores a ele em natureza, mas apenas em posição.

A organização diz que Jesus não é Deus, porque existem coisas que ele não sabe. Esse argumento da STV (Sociedade Torre de Vigia) baseia-se em Mt 24.36; Mc 13.32. Pelo fato de Jesus não saber o dia da sua vinda estando com as limitações físicas que possuía enquanto no corpo terrestre, não quer dizer que hoje não saiba. Ao entrar no mundo, fazendo-se carne, o Verbo se esvaziou a si mesmo, assumindo, portanto, a natureza humana. Esvaziou-se do seu poder e do seu conhecimento.

É essa a mensagem do capítulo 2 de Filipenses. Quando Jesus ressuscitou, disse: "É-me dado todo o poder no céu e na terra" (Mt 28.18; 1 Co 1.24).

Pergunte a um TJ se Jeová sabe de tudo, e se sabe, porque "só" Jesus conhece o nome que aparece no texto de Apocalipse, 19.11,12? [Obs.: devemos nos lembrar que expressões de exclusivismo atribuídas a qualquer das pessoas da trindade não excluem as outras. Ex.: Jd 4; Jo 17.3].

O Jesus das Testemunhas de Jeová não é o mesmo da Bíblia. O Apóstolo Paulo adverte aos Cristãos, prevenindo desse "outro Jesus" (2 Co 11.4). Dizem que Jesus é igual à Satanás. O Jesus da Bíblia, porém, é igual ao Pai (Jo 5.18; 14.9).

Afirmam que Jesus é o destruidor, o *Abadom* de Apocalipse 9.11; O Jesus da Bíblia, todavia é o Criador de Todas as Coisas (Jo 1.3; Cl 1.16).

Ensinam que Jesus tornou-se Cristo por ocasião de seu batismo; O Jesus da Bíblia, contudo, nasceu Cristo (Lc 2.11), pregam que Jesus de Nazaré não existe, mas a Bíblia diz que "Jesus, o nazareno" é vivo (At 2.22; 36); dizem que Jesus é um deusinho, a Palavra de Deus, porém, declara que ele é um Deus verdadeiro (1 Jo 5.20).

Afirma o Russelismo que Jesus não era Jeová Deus, mas estava "existindo na forma de Deus". Ele era uma pessoa

espiritual, assim como “Deus é Espírito”; era poderoso, mas não Todo Poderoso como o é Jeová Deus. Também ele existia antes de todas as outras criaturas de Deus, porque foi o primeiro filho que Jeová Deus trouxe à existência. Por isso é chamado “o Filho unigênito” de Deus, porque Deus não teve associado ao trazer a existência o seu Filho. Ele não é o autor da criação de Deus, mas depois de Deus o haver criado como primogênito, usou-o como seu obreiro associado ao trazer à existência todo o resto da criação. (Seja Deus verdadeiro).

São muitas as afirmações feitas no Antigo Testamento a respeito do Senhor Jeová, e cumpridas e interpretadas no Novo Testamento, como se referindo à pessoa de Jesus Cristo.

Compare as seguintes referências: Is 40.3,4 com Lc 1. 68,69, 76; Êx 3.14 com Jo 8.56-58.

Cristo é Todo-Poderoso. Ele afirmou com toda clareza após ressuscitar dentre os mortos: “É-me dado todo poder no céu e na terra.” (Mt 28.18).

Já na sua gloriosa manifestação a João, o apóstolo amado, disse ele: “Eu Sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, diz o Senhor que é, e que era, e que há de vir, o Todo Poderoso” (Ap 1.8).

Cristo não foi criado. Ele é eterno. Aos judeus de corações endurecidos, de forma surpreendente, pontificou Jesus: “Em verdade, em verdade eu vos digo: Antes que Abraão existisse, eu sou.” (Jo 8.58). Com a eternidade de Jesus corroboraram os seguintes textos das Escrituras: Jo 1.18; 6.57; 8.19; 10.30,38; 1.7,9,10,20.

Cristo é o autor da Criação. O Apóstolo João registrou com mais absoluta segurança que “todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez.” (Jo 1.3).

Pode o testemunho do homem anular o testemunho de Deus? “De maneira nenhuma: sempre seja Deus verdadeiro, e todo o homem mentiroso...” (Rm 3.4).

1.6. A DIVINDADE DO ESPÍRITO SANTO

As referências bíblicas também identificam o Espírito Santo com Deus. Um exemplo disso é Atos 5.3,4, no caso de Ananias e Safira. Pedro equiparou o mentir ao Espírito com o mentir a Deus: “Então perguntou Pedro: Ananias, como você permitiu que Satanás enchesse o

seu coração, ao ponto de você mentir ao Espírito Santo e guardar para si uma parte do dinheiro que recebeu pela propriedade? [...] Você não mentiu aos homens, mas sim a Deus”.

O Espírito Santo também é descrito como uma pessoa que possui as qualidades de Deus e executa as obras dele. Ele convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.8-11), regenera ou dá nova vida (Jo 3.8), concede dons à igreja e exerce soberania sobre os que recebem os dons (1 Co 12.4-11). Além disso, ele recebe a honra e a glória reservadas a Deus.

Paulo também lembrou os cristãos que eles eram templo de Deus e que seu Espírito habita neles (1 Co 3.16,17). Mais à frente Paulo diz que o corpo deles é um templo do Espírito Santo (1 Co 6.19,20). “Deus” e “Espírito Santo”, ao que parece, são expressões equivalentes.

Também há trechos em que o Espírito Santo está em pé de igualdade com Deus. Podemos ver isto na fórmula batismal (Mt 28.19), na bênção apostólica (2 Co 13.14) e na saudação de Pedro (1 Pe 1.2).

1.7. A DOUTRINA DA TRIUNIDADE

Outro aspecto desta doutrina é a triunidade. Num primeiro ponto de vista, unidade e triplicidade de Deus parecem ser conflitantes. Quando a igreja começou a discutir este assunto, chegou a conclusão que Deus deveria ser compreendido como três em um, ou seja, triúno.

A grande questão é: A Bíblia ensina de forma clara este tema, ou nela está apenas de forma subjetiva?

Um texto usado para defender a Trindade é 1 João 5.7,8, segundo as versões mais antigas como a Edição Revista e Corrigida: “Porque três são os que testificam no céu: o Pai, a Palavra, e o Espírito Santo; e estes três são um.”.

Apesar de ser uma afirmação clara e sucinta da triunidade, infelizmente a base textual é tão frágil que algumas outras traduções só incluem esta declaração entre colchetes ou notas de rodapé.

Mas, por que este texto não pode ser usado? Porque ele não se encontra nos textos gregos mais antigos.

A ARC se utiliza do chamado Textus Receptus que no verso 7, após a palavra “testificam”, adiciona “no céu: o Pai, a Palavra, e o Espírito Santo; e estes três são um”.

É importante destacar que esta passagem está ausente de todo manuscrito grego conhecido com exceção de quatro, e esses contêm a passagem no que parece ser uma tradução de uma revisão posterior da Vulgata Latina.

Outra coisa é que a passagem não foi citada por nenhum dos pais gregos que, se tivessem conhecimento dela, a teriam empregado nas controvérsias trinitárias.

E a passagem está ausente em manuscritos de todas as versões antigas (siríaco, copta, armênio, etíope, árabe e eslavônico), exceto em latim. No Latim antigo não se acha na forma anterior (Tertuliano, Cipriano e Agostinho) e na Vulgata editada por Jerônimo.

Por que damos uma explicação sobre este versículo? Por dois motivos. *Em primeiro*, porque aqueles que são contra a doutrina da Trindade atacam justamente este texto como uma interpolação, e assim tentam desacreditar a posição bíblica. *Em segundo*, porque se existe alguma base bíblica para a Trindade, então deve estar em outro lugar. Mas onde estaria esta base bíblica?

Alguns acreditam que a forma plural do substantivo que indica o Deus de Israel, 'elohîm, é às vezes entendido como um indício da concepção trinitária.

Este termo também traduz a ideia de outros deuses. Quando fala do Deus de Israel, o plural majestático revela o Deus Criador de todas as coisas.

Mas, nem sempre o termo ao Deus de Israel aparece no plural. Desta forma, segundo alguns estudiosos, 'elohîm indicaria a natureza plural de Deus.

Podemos ver isso em algumas passagens: "Então disse [singular] Deus: Façamos [plural] o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança..." Gênesis 1.26 (NVI). "Então ouvi a voz do Senhor [...]: Quem enviarei? [singular] Quem irá por nós? [plural]" Isaías 6.8 (NVI)

Podemos ver a mudança do singular para o plural, e que indicaria naturalmente a Trindade. Outro texto para se entender esta triunidade pode ser vista a partir da união entre o homem e a mulher em Gênesis 2.24, em que duas entidades distintas se unem: "Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne."

O vocábulo hebraico para “uma” é *’ehad*, o mesmo que é usado para Deus no Shemá (Dt 6.4).

A Bíblia, em algumas partes, mostra as três pessoas associadas em unidade e aparente igualdade. Na fórmula batismal (Mt 28.19,20), as pessoas devem ser batizadas em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo.

Note-se que “nome” é singular, embora haja o envolvimento de três pessoas. Outra associação está na bênção em 2 Coríntios 13.13, onde os três nomes aparecem em unidade e igualdade.

Mas é no evangelho de João que podemos encontrar o sinal mais forte da Trindade. A fórmula tríplice aparece repetidas vezes (cf. João 1.33,34; 14.16,26; 16.13-15; 20.21,22; 1 Jo 4.2,13,14). Existe uma dinâmica interna como observou George Hendry no seu livro “The Holy Spirit in Christian theology”.

O Filho é enviado pelo Pai (Jo 14.4) e vem dele (16.28). O Espírito Santo é dado pelo Pai (14.16), enviado pelo Pai (14.26) e procede do Pai (15.26).

O Filho, no entanto, está profundamente relacionado com a vinda do Espírito. Desta forma ele ora por sua vinda (14.16), o Pai envia o Espírito em nome do Filho (14.26), e o Filho enviará o Espírito da parte do Pai (15.26).

Para que o Espírito seja enviado o Filho deve ir para o céu (16.7). O ministério do Espírito é visto como uma continuação e desenvolvimento do ministério do Filho.

No início do Evangelho de João podemos ver um material valioso em significado na doutrina da Trindade. João diz: “No princípio era aquele que é a Palavra.

Ele estava com Deus, e era Deus.” (Jo 1.1 NVI). Aqui podemos contemplar a divindade da Palavra, e também a ideia de que o Filho, embora distinto do Pai, tem uma comunhão profunda.

A preposição “pros” não denota apenas uma aproximação física em relação ao Pai, mas sim uma intimidade de comunhão, um verdadeiro relacionamento pessoal.

Além deste versículo podemos ver neste evangelho outras referências da proximidade do Pai e o Filho (Jo 10.30; 14.9; 17.21).

Desta forma concluímos que a igreja formulou a doutrina de forma correta, pois embora a Escritura não declare de forma expressa, porém temos diversos indícios da deidade e unidade das três pessoas.

1.8. O NOME DE DEUS É JEOVÁ?

As Testemunhas de Jeová alegam ser eles a única religião que usa o nome divino, a única que santifica o nome de Deus. No livro "PODERÁ VIVER PARA SEMPRE NO PARAÍSO", p. 184 diz: "Como identificar uma religião verdadeira"; ali eles apresentam cinco características de uma religião verdadeira. A primeira é "SANTIFICAR O NOME DE DEUS".

Para eles, santificar o nome de Deus é chamar Deus pelo nome e divulgá-lo, mencionando Mt 6.9 e Jo 17.6. É importante deixar claro que apesar de Jesus ter dito "Tenho feito manifesto o teu nome", Ele nunca chamou Deus de Jeová.

Por que Jesus nunca chamou Deus de Jeová, ou melhor, dizendo, nunca pronunciou o Seu nome, sendo que as Testemunhas de Jeová alegam que é importante chamar Deus pelo nome?

Eles alegam também que toda pessoa tem um nome, então é lógico que Deus também tenha um nome; dizem também que o nome é para diferenciar o Deus criador dos deuses falsos. Por exemplo: como Deus pode ouvir sua oração se você chamá-lo pelo título "Deus", sabendo que existem outros deuses? Assim Ele não saberia quem você estaria invocando. Isto é um absurdo!

Será que Deus tem um único nome, ou tem outros nomes que nós podemos usá-los para nos referirmos a Ele? As Testemunhas de Jeová respondem: "Jeová, o imortal [...] Ele tem se revelado as suas criaturas pelo seu nome Jeová; pelo seu nome Deus [...]; pelo seu nome Todo-Poderoso [...] pelo seu nome Altíssimo" (Livro Jeová, p. 8).

A questão da pronúncia. No hebraico escrevia-se somente com consoantes; as vogais eram somente pronunciadas, isto é, as vogais eram transmitidas, através das gerações do povo de Israel, oralmente e não de forma escrita, visto que a escrita da língua hebraica possuía apenas as consoantes.

Naquele período era fácil para o judeu porque a língua hebraica era uma língua cotidiana, então eles não tinham dificuldade em

pronunciar as palavras. No momento da pronúncia, eles supriam corretamente as consoantes com as devidas vogais.

Depois o hebraico entrou em declínio. Por muitos anos, devido a fatores históricos inelutáveis. Somente no século VI depois de Cristo, é que começaram a surgir os "Massoretas" (do hebraico "massorah", que quer dizer "tradição") os quais instituíram um sistema de pontos e sinais representando as vogais, ou melhor, dizendo, os sons vocálicos abertos e fechados, e por isso são chamados "sinais massoréticos".

Estes sinais eram colocados acima, abaixo e até mesmo dentro das consoantes. Convém frisar que essas anotações não fazem parte do texto sagrado original, visto que os manuscritos originais hebraicos são puramente consonantais.

Por essa razão, a palavra que hoje se conhece como Jeová constava unicamente de quatro letras, isto é, quatro consoantes hebraicas que transliteradas são: YHWH, conhecidas como o tetragrama. Portanto não devemos afirmar que a pronúncia do texto massorético de hoje seja exatamente a mesma dos tempos bíblicos.

O Tetragrama YHWH. Por que os judeus não pronunciavam o nome divino? Quando Moisés recebeu os dez mandamentos, Êx 20.1-17, o versículo 7 - "Não tomarás o nome do YHWH teu Deus em vão: porque o YHWH não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão" - deixa claro que Deus não ia tomar por inocente o que invocasse seu nome em vão. Quando os judeus se deparavam com YHWH, automaticamente eles pronunciavam, iam e falavam Adonay que significa Senhor.

Devido a este temor ou superstição, os judeus deixaram de pronunciar o nome divino. Portanto, não temos como saber que vogais eles usavam na pronúncia do tetragrama YHWH. É digno de nota que as Testemunhas de Jeová reconhecem que ninguém sabe a pronúncia correta do nome divino. Você aluno pode certificar-se disso examinando a "BROCHURA" (literatura produzida pelas Testemunhas de Jeová) O NOME DIVINO QUE DURARÁ PARA SEMPRE, p. 7, subtítulo: Como é pronunciado o nome de Deus diz: "A verdade é que ninguém sabe com certeza como o nome de Deus era pronunciado originalmente". Na mesma página, no rodapé, diz: "Portanto, é evidente que a pronúncia original do nome de Deus não mais é conhecida. Nem é realmente importante. Se fosse, o próprio Deus se teria certificado de que fosse preservada para o nosso uso".

Em outra literatura das Testemunhas de Jeová, "PODERÁ VIVER PARA SEMPRE NO PARAÍSO NA TERRA", p. 43, & 11, encontramos: "Portanto, o problema hoje é que não temos meios de saber exatamente que vogais os hebreus usavam junto com as letras YHWH".

Vejamos o que diz a literatura "PODERÁ VIVER PARA SEMPRE NO PARAÍSO NA TERRA", p. 185 & 5: "De fato, conhecer tal nome é necessário para a salvação, conforme diz a Bíblia, pois todo aquele que invocar o nome de Jeová será salvo" (Rm 10.13), na Tradução do Novo Mundo.

Obs.: a tradução do texto original foi adulterada na "Bíblia" das Testemunhas de Jeová visto que a palavra que aparece no original grego é KURIOS (SENHOR), que eles traduzem por Jeová.

No original grego o nome Jeová não aparece nenhuma vez sequer no Novo Testamento. As Testemunhas de Jeová acrescentaram 237 vezes o nome Jeová por conta própria. É por isso que só na Tradução do Novo Mundo - no Novo Testamento - aparece o nome Jeová.

No hebraico moderno do século VI depois de Cristo, os Massoretas colocaram os sinais das vogais adonay nas consoantes do tetragrama, daí em diante que os clérigos católicos começaram a tentar escrever o nome divino: lahweh, Jehovah, lavé e Jeová.

A partir do ano de 1514 depois de Cristo, começaram a usar o nome JEOVÁ e assim ficou conhecido e usado não porque seja a forma correta, mas por questão de ser bem mais conhecida.

Portanto, em algumas traduções João Ferreira de Almeida, revista e corrigida, antigas, ali encontramos o nome Jeová (somente no Antigo Testamento). Esta é a forma incorreta. O certo é Senhor ou lahweh que estão com as vogais de Adonay que se traduz por Senhor. PORTANTO O NOME DE DEUS NÃO É JEOVÁ, e o nome que devemos invocar para ser salvo é Senhor Jesus (At 16.30-31).

1.9. A ESCATOLOGIA

Muito embora nada de proveitoso haja no sistema doutrinário das "Testemunhas de Jeová", evidentemente existem aspectos no que ele é bem pior. Cabe particularizar aqui a doutrina escatológica, note, por exemplo, os seguintes tópicos:

- (a) Há quase cem anos escreveu Russell, no seu Estudo nas Escrituras: “A batalha do grande dia de Deus Todo Poderoso (o Armagedom) terminará em 1914, com a derrocada completa do governo do mundo [...] e o pleno estabelecimento do reino de Cristo”.
- (b) “Na primavera de 1918, veio o Senhor, e começou o juízo primeiro pela “casa de Deus”, e depois das nações deste mundo” (Seja Deus Verdadeiro, p. 284). Vendo fracassada a sua previsão quanto à segunda vinda de Cristo, Russell arquitetou uma alteração à sua falsa teoria, dizendo: “A data era correta, porém equivoquei-me quanto à forma; o reino não era de caráter material e visível, como havia anunciado, mas será espiritual e invisível” (As Testemunhas de Jeová, p. 22-25). Tendo chegada a data anunciada por Russell, em lugar da paz do governo milenial de Cristo, rebentou a primeira grande guerra, enlutando milhares de famílias.

À luz da Bíblia, ao contrário do que prognosticou Russell, os eventos escatológicos deverão obedecer a seguinte ordem:

- (a) Jesus virá buscar Sua Igreja antes da Grande Tribulação para “arreatá-la” fora do mundo. A palavra arrebatamento deriva de “*rapere*”, a tradução latina de “arreatar” em I Ts 4.17. A palavra grega geralmente relacionada com o arrebatamento é “*parousia*” (que é transliterada *parusia*). Esta vinda de Cristo para a Igreja significará que os crentes serão arrebatados da Terra para se encontrar com Ele no ar. Cristo não descenderá totalmente para a Terra, conforme fará na segunda vinda (a vinda com a Igreja) quando descenderá ao Monte das Oliveiras. Logo, Sua vinda não será observada pelo mundo descrente, embora seus efeitos (a ausência de um número substancial de pessoas) serão facilmente discerníveis.
- (b) O efeito do arrebatamento é remover a Igreja da cena da história do mundo durante a tribulação, que durará sete anos. O dispensacionalismo, com sua distinção nítida entre Israel e a Igreja, considera que a tribulação fará a transição entre o trato (temporário) da Igreja da parte de Deus, e o recomeço do Seu trato primário com o Israel nacional. A “bendita esperança” do crente, portanto, é a libertação da Grande Tribulação.
- (c) No arrebatamento, duas coisas acontecerão: (a) os santos que estiverem com vida serão “trasladados”, ou seja, serão transformados para a natureza e a condição que serão deles por toda a eternidade e,

- (b) os crentes que morreram em Cristo serão ressuscitados para acompanhar os crentes vivos no céu (o "antigo" céu).
- (d) Nesta ocasião, todos os cristãos serão julgados (2 Co 5.10). Aparecerão diante do tribunal de Cristo e serão julgados segundo as suas obras. Este julgamento não será extensivo a todas as pessoas que já viveram, nem sequer a todas as pessoas que finalmente serão salvas. Diz respeito somente a "todos nós," ou seja, os crentes em Cristo durante a presente era (que é, a Igreja). Este julgamento não separará os salvos dos não-salvos; será para dar galardões para as boas obras das pessoas que estão sendo julgadas.
- (e) No fim deste período de sete anos, durante o qual a Igreja, tendo recebido seu galardão, estará com Cristo no céu enquanto os não-cristãos estarão passando por grandes tribulações na Terra, Jesus voltará com a Igreja em triunfo. Este grande evento será visível a todos. Será acompanhado por uma segunda ressurreição: uma ressurreição dos crentes que morreram durante a tribulação. Estes passam a compartilhar do reino milenar com Cristo e os demais crentes.
- (f) A segunda vinda, portanto, tem duas etapas ou fases. Na primeira fase, Cristo vem para a Igreja, para removê-la do mundo. Na segunda fase, chega com a Igreja, para começar o reino terrestre, estabelecer Seu governo, e iniciar o milênio.

1.10. O Céu e o Inferno

As Testemunhas de Jeová dizem que o inferno é a morte física, a sepultura. Eles dizem que a Bíblia deixa claro que túmulo ou sepultura é o inferno. Sendo assim não existe o inferno como lugar de tormento para os ímpios.

O céu estará reservado para os 144 mil que serão a Congregação Celestial ou o Corpo de Cristo. Segundo pregam, os crentes não vão para o céu após a morte; antes, após o fim deste mundo, o céu será o lugar onde se concretizará o reino de Deus, com a presença de todos os salvos.

Mais uma vez nós olhamos para a Bíblia e vemos a verdade. Céu e Inferno são realidades eternas e lugares que realmente existem. O céu é o lugar onde todos os salvos morarão com Deus (Gn 5.24; Mt 17.3; Jo

14.2; At 7.56-59; 2 Co 5.1,2; 12.1-4; Fp 1.23; 3.20; 1 Tm 6.7; Hb 11.14-16; 1 Pe 1.4). O céu não é apenas para os 144 mil, e sim de uma multidão incontável (Ap 7.9-17; 19.1).

O inferno é um lugar preparado para o Diabo e seus anjos (Mt 25.41; 2 Pe 2.4; Ap 20.1-3). Este ambiente é um lugar de castigo eterno (Sl 9.17; Mt 5.22; 8.12; 13.41,42; 18.8,9; 25.46; Lc 16.25,28; 2 Ts 1.9; Ap 19.20; 20.15; 21.8).

Existem outros grandes absurdos doutrinários das Testemunhas de Jeová, como por exemplo, de que Cristo voltou em 1914, e em 1918 ele veio para o seu “templo” que são os 144 mil, que ele constituiu a “igreja”. Segundo eles em 1918, Cristo ressuscitou seu pequeno rebanho, cumprindo 1 Ts 4.16.

Eles se esqueceram de ler que a Bíblia diz o seguinte: “Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem, e todas as nações da terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo nas nuvens do céu com poder e grande glória [...] Quanto ao dia e à hora ninguém sabe nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão somente o Pai.” (Mt 24.30,36); “... Galileus, por que vocês estão olhando para o céu? Este mesmo Jesus, que dentre vocês foi elevado ao céu, voltará da mesma forma como o viram subir.” (At 1.11).

Eles também não doam sangue, não se alistam nas Forças Armadas e não cantam o Hino Nacional. Podemos perceber que eles não têm base bíblica. Sustentam suas doutrinas deturpando as Sagradas Escrituras. Até o nome que usam não se encontra na Bíblia.

1.11. A SALVAÇÃO

Eles não crêem no sacrifício de Cristo como algo que garante a vida eterna. O sacrifício apenas proporciona uma nova oportunidade. Jesus expiou o pecado apenas de Adão e retirou a pena de morte.

Afirmam que a pessoa que crê em Cristo tem a vida eterna somente no futuro. A salvação vem também a partir da prática de boas obras e principalmente assistindo às suas reuniões.

A Bíblia ensina outra coisa sobre a salvação. Na Bíblia encontramos que existe uma necessidade de reconciliação do homem com Deus (Rm 5.10,11; 2 Co 5.18; Cl 1.20).

A morte de Cristo é o ponto principal do plano de salvação eus (Rm 8.34; 2 Tm 1.10; Hb 2.14; 5.9). Segundo a Bíblia, salvação é

passar da morte para a vida (Jo 5.24), é ter vida eterna (Lc 19.9,10; 1 Jo 5.11-13), é nascer de novo (Jo 3.3-6; 2 Co 5.17; Ef 4.24), é ir para o céu após a morte (Jo 14.3; 17.24).

Qualquer pessoa pode ser salva, bastando para isso apenas duas coisas: arrepender-se dos seus pecados e crer em Cristo (Jo 3.16; At 16.31; 2 Pe 3.9).

1.12. TRANSFUSÃO DE SANGUE

A palavra *sangue* na Bíblia diversas vezes, sendo que, à luz do contexto que os TJ parecem ignorar, com relação a proibição de comer com sangue [1 Samuel 14.32-33] ou com relação à Família [irmãos de "sangue"].

As TJs tem horror a transfusão de sangue, se recusam até a salvar vidas carentes de transfusão de sangue.

Em Mateus 23.24 "Condutores cegos! Que coais um mosquito e engolis um camelo". Eles alegam que procedem desta maneira porque obedecem aos preceitos Bíblicos.

Mas onde está nas Escrituras Sagradas que podem deixar alguém morrer por falta de transfusão de sangue? Onde está escrito nas Escrituras Sagradas que transfusão de sangue é pecado?

Porém a STV combate a transfusão de sangue e justifica essa atitude, citando as seguintes passagens Bíblicas: Gn 9.3-4; Lv 17.10; Atos 15.20 e 29; Dt 12.16.

Estas passagens proíbem a transfusão de sangue? De maneira alguma!

A proibição é comer o sangue; é fazer do sangue um alimento. Além disso, todas estas passagens falam do *sangue dos animais* e não do *sangue humano*. A STV está de certa forma distorcendo a Palavra de Deus, fazendo dessas passagens um recurso para combater a transfusão de sangue.

Alimentar-se de sangue de animais é uma coisa, e um enfermo necessitar de sangue ou uma transfusão de sangue para a sua sobrevivência é outra coisa bem diferente.

1.12.1. A ORIGEM DA PROIBIÇÃO DE TRANSFUSÃO DE SANGUE ENTRE OS TJ

Este assunto é desconhecido por muitos Russelitas, pois não é divulgado pela STV. Quem primeiro recusou a transfusão de sangue foram os alemães que adotaram a ideologia *nazista* da raça superior.

Os nazistas temiam receber sangue de uma raça inferior; mesmo quando eram abatidos e capturados pelos inimigos ou se encontravam gravemente feridos, recusavam submeter-se a transfusão de sangue, com medo de receber sangue de negros ou de judeus. Os nazistas odiavam e desprezavam as outras raças, eram fiéis a sua ideologia racista, negavam receber a transfusão de sangue.

Este exemplo Nazista, dizem ter impressionado o corpo governante do Brooklim, chamados pelos TJ como "servo fiel e discreto". Empolgados com tal ideologia e convicção dos alemães nazistas, adotaram uma doutrina semelhante mas com argumento diferente: proibiram os TJ de doar sangue ou obter a transfusão alegando que tal proibição é bíblica.

Com isso, além de imitarem um dos mais terríveis regimes que já apareceu na face da terra, o nazismo, de certa forma impedem que vidas sejam salvas.

CONCLUSÃO

O Crente que não tem o hábito de frequentar a Escola Bíblica Dominical, nem o Culto de Doutrina, torna-se presa fácil para as Testemunhas de Jeová. Como qualquer seita herética, crente que em vez de ir para a Igreja fica em casa corre o risco de ser contaminado por esta seita.

Devemos seguir a recomendação do Apóstolo João: "Se alguém vem ter convosco, e não traz esta doutrina, não o recebeis em casa, nem tão pouco o saudeis" (2 Jo 10).

ATIVIDADES – LIÇÃO V

• Marque “C” para Certo e “E” para Errado:

- 1) ☐ Enquanto estudava sua Bíblia da versão King James, Miller passou a crer que poderia calcular o tempo do retorno de Cristo com base na profecia bíblica. Seus cálculos levaram-no a crer que Cristo retornaria em 1843.
- 2) ☐ O Adventista Hiram Edson afirmou que após o dia 22 de outubro de 1844, Jesus havia voltado, mas não como G. Miller havia afirmado. Na realidade Jesus tinha mudado de compartimento no “Templo Celeste”, ou seja, saído do “santo lugar” e entrado no “santíssimo”.
- 3) ☐ Segundo o Adventismo a senhora White “descobriu” a doutrina da expiação compartilhada - Cristo e Satanás - em Lv 16. 20-22.
- 4) ☐ De todas as seitas as Testemunhas de Jeová exercem um forte tom proselitista. Consideram-se a igreja certa e todas as outras erradas e até satânicas.
- 5) ☐ As Testemunhas de Jeová possuem uma Bíblia chamada de Tradução Mundana das Escrituras Sagradas, que serve bem para alcançar os seus objetivos e defender suas falsas doutrinas.
- 6) ☐ Segundo a crença das Testemunhas de Jeová, eles não crêem no sacrifício de Cristo como algo que garante a vida eterna. O sacrifício apenas proporciona uma nova oportunidade. Jesus expiou o pecado apenas de Adão e retirou a pena de morte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A *História das Testemunhas de Jeová*. Disponível em: www.geocities.com/debatetj/historia.htm Acesso em: 16.02.06.
- Algumas Sérias Reflexões Sobre o Movimento de 1844*. Disponível em: <http://www.ellenwhite.org/index.html>. Acesso em: 21.12.05
- ANDRADE, Joaquim. *Seitas/Maçonaria*. Disponível: <http://www.solascriptura-tt.org/>. Acesso em: 12 julho 2005.
- ANDRÉ, Marco. *Nova Era*. Belo Horizonte: Betânia, 1992.
- ANKERBERG, John; WELDON, John. *Os Fatos Sobre A Maçonaria*. Curitiba: Chamada da Meia-Noite, 1989.
- BAALEN, J. K. Van. *O Caos das Seitas*. 2 ed. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1974.
- BAALEN, Jan Karel Van. *O Caos das Seitas*. 6 ed São Paulo: IBR, 1984.
- BAALEN, Jan Karel Van. *O Caos das Seitas*. 6 ed. São Paulo: IBR, 1984.
- BAILEY, Alice A Educação na Nova Era. Lucis Press, Londres.1989.170p.
- BAY, David. *A Espada do Espírito*. Disponível em: <http://www.espada.eti.br>. Acesso em: 8 julho 2005.
- BETTENCOURT, Estevão Tavares. *Crenças, Religiões, Igrejas e Seitas: Quem São?* São Paulo: Mensageiro de Santo Antônio, 1997.
- BÍBLIA Apologética. São Paulo: ICP, 2001.
- CABRAL, José. *Religiões, Seitas e Heresias*. 8 ed. São Paulo: Universal, 1993.
- Centro Apologético Cristão de Pesquisas – Disponível em: <http://www.cacp.org.br>. Acesso em: 24.01.06.
- DA CAMINO, Rizzardo. *Que é Maçonaria?* São Paulo: Grande Oriente de São Paulo, 1992.
- Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.
- ESTÊVÃO, Tavares Bettencourt. *Crenças, Religiões, Igrejas e Seitas: quem são?* São Paulo:
- GEISLER, Norman. *Enciclopédia Apologética*. São Paulo: Vida, 2002.
- HERDER Lexikon. Dicionário de Símbolos. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- HINNELLS, John R. *Dicionário das Religiões*. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

- Home do Globovox "Educação, Ciência e religião". *Jesus tinha irmãos?*
Disponível: <http://globovox>. Acesso: em 16.01.2006.
- HORREL, J. Scott I. *Maçonaria e Fé Cristã*. São Paulo: Mundo Cristão, 1995.
<http://solascriptura-tt.org/Seitas/> retorne a <http://solascriptura-tt.org/>
acesso 04.09.05.
- <http://solascriptura-tt.org/Seitas/EspiritismoALuzEscrituras-HelioNira.htm>
- JOSÉ, Gabriel Said. *O Desafio das Novas Religiões*. São Paulo: Abu, 1984.
- LEITE, Tácito de Gama Filho. *Seitas Proféticas*. São Paulo: JuERP, 1985.
- MATHER, George A.; NICHOLS, Larry A. *Dicionário de Religiões, Crenças e Ocultismo*. São Paulo: Vida, 2002.
- MCDOWELL, Josh; STEWART, Don. *Entendendo o Oculto*. São Paulo: Candeia, 1992.
- OLIVEIRA, Raimundo F. *Seitas e Heresias*. Rio de Janeiro: CPAD, 1987.
- REIS, Aníbal Pereira. *A Guarda do Sábado*. São Paulo: Caminho de Damasco, 1989.
- São as Testemunhas de Jeová Evangélicos?* Disponível em: Testemunhas de Jeová <http://geocities.yahoo.com.br/bartimeu/htm/tj00.html> Acesso em: 16.02.06.
- SILVA, Esequias Soares. *Como Responder às Testemunhas de Jeová*. São Paulo: Candeia, 1995. Vol. I.
- SOARES Esequias; e RINALDI Natanael. *Deve o Cristão ser Maçom?*
Disponível em: www.jesussite.com.br. Acesso em: 12 julho 2005.
- SOARES, Esequias. *Manual de Apologética Cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.
- SVHNOEBELEN, William. *Maçonaria do Outro Lado da Luz*. São Paulo: CLC, 1995.
- WHITE, Ellen. *O Conflito dos Séculos*. 11 ed. São Paulo: C. P. Brasileira, 1972.



O ensino teológico além das fronteiras.

**Rua Antônio José de Oliveira, 1180 – Vila São Carlos
Caixa Postal 241 - 86800-490 - Apucarana - PR
Fone/Fax: (43) 3426-0003 / Celular: (43) 9960-8886
E-mail: contato@cetadeb.com.br
Site: www.cetadeb.com.br**